

# teatro da juventude



**Governo do Estado de São Paulo**  
**Secretaria da Cultura**



Ano 2 - Número 08 - Outubro de 1996



# Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura



# Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

**Mário Covas**

**Secretário de Estado da Cultura:** Marcos Mendonça

**Assessoria de Artes Cênicas:** Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Mecen** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil  
Analy Alvarez  
Efrén Colombani  
Luiz Amorim  
Vera Nunes  
Zecarlos de Andrade

---

## Teatro da Juventude

Ano 2 - número 08 - Outubro de 1996

**Supervisão geral:** Tatiana Belinky

**Editora:** Erné Vaz Fregni

**Revisão:** Isa Bueno Costa e Silva

**Produção:** Glória Inês Barbosa dos Santos

**Editoreção eletrônica:** Peter Kompier

**Impressão:** Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

**Tiragem:** 10 mil exemplares

**Distribuição:** gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

**Capa:** Flávio Império (in memoriam)

**Comissão de Teatro**

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP  
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

**A** aventura de fazer teatro, da ação do texto à ação do palco, da ansiedade do bastidor à alegria do aplauso. Fazer teatro é ter coragem de se aventurar no mundo da criação.

A *Teatro da Juventude*, que tem como principal proposta estimular o fazer teatral traz nesse número três deliciosos e estimulantes textos: *Quem casa quer casa - ou não?*, da consagrada escritora *Tatiana Belinky*, dirigido à crianças de 6 a 9 anos; *A Ver estrelas*, de *João Falcão*, para maiores de 9 anos e que mereceu os melhores prêmios de 1996; *A Farsa da Boa Preguiça*, do talentoso escritor e dramaturgo *Ariano Suassuna*, pesquisador da cultura nordestina, para maiores de 14 e amadores adultos.

Na seção *Como fazer*, a revista aborda um tema apaixonante: *E o Palhaço, o que é?*. Segundo *Hugo Possolo*, o autor do artigo, "a figura do palhaço é a imagem do próprio circo".

Alguém ousa contestá-lo?

Juntamente com o texto, o autor inclui um glossário de termos cênicos relacionados à atuação do palhaço. Por este motivo, não estamos publicando, em separado, a seção *Glossário*, que retornará na próxima edição.

A seção *Livros* traz também um título audacioso: *O arco-íris do desejo*, de *Augusto Boal*. Nessa obra, o renomado dramaturgo e criador de novas fórmulas do fazer teatral, apresenta o resultado de técnicas desenvolvidas durante anos de pesquisas teóricas e práticas nas mais diversas partes do mundo. Trata-se do método Boal de teatro e terapia que mostra "o extraordinário poder do fator teatral, essa intensa energia tão eficaz em outros domínios não teatrais: a política, a educação e a psicoterapia."

Aventure-se nesse mundo, viva teatro, respire vida e criação!

Erné Vaz Fregni

## DÚVIDAS E DÚVIDAS



*Perg.: Somos um grupo de jovens atores iniciantes e gostaríamos de encenar algumas peças. Fizemos um curso na Oficina Cultural Pagú, aqui em Santos, e recebemos exemplares da TEATRO DA JUVENTUDE. ADORAMOS! Como não sabemos dos procedimentos legais para podermos atuar, gostaríamos que algumas dúvidas fossem esclarecidas:*

- 1. Para formar um grupo de atores precisamos legalizá-lo? De que forma?*
- 2. Como funciona a aquisição de uma peça mediante aos direitos autorais? E se a peça for escrita pelo próprio grupo?*
- 3. Podemos ter a livre negociação de uma peça institucional/beneficente?*
- 4. Existe algum código de postura em artes cênicas?*
- 5. Quanto ao uso de músicas durante a peça existe algum impedimento legal? Enfim, queremos saber tudo que é necessário para que possamos atuar sem problemas.*

**Ana Claudia Gonçalves de Siqueira**  
**Santos - SP**

*Resp.: Parabéns pela formação do grupo. Quanto às suas dúvidas, heis as respostas:*

- 1. Se vocês desejam ter representatividade legal, é preciso que o Grupo seja registrado em cartório. Uma das vantagens da legalização é a possibilidade de solicitar patrocínios. Para melhores esclarecimentos, procure a Federação Santista de Teatro Amador (Festa), filiada à Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo*

*(Cotaesp) e Confederação de Teatro Amador (Confenata). O endereço é: Centro de Cultura do Mercado - rua Iguatemi Martins, s/no., Santos, SP - Cep.: 11013-310. Tel.: (013) 232-3202. Falar com Toninho Dantas, presidente da entidade.*

- 2 - 3. A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat) - é a entidade responsável pelos direitos autorais do autor, do adaptador e do tradutor. Qualquer espetáculo público, mesmo que beneficente, precisa ter autorização do autor, adaptador ou tradutor. A Sbat pode intermediar a autorização. End.: Av. Ipiranga, 1123, conj. 803. Tel.: (011) 229-9011. Fax.: (011) 229-0297. Se a peça for escrita pelo próprio grupo, não há nenhum impedimento legal.*
- 4. Não. Existem escolas de teatro.*
- 5. Sim. A Sbat cuida também dos direitos das autorias das músicas utilizadas em peça, ballet, ópera e show de humor.*

## SOLICITAÇÃO DE REVISTA



*Perg.: Sou instrutora do projeto Curumim no Sesc Pompéia (Serviço Social do Comércio), onde realizo atividades com crianças de 4 a 12 anos. Estou iniciando um trabalho de teatro de animação com as crianças e os textos e informações publicados na revista TEATRO DA JUVENTUDE são importantes para mim. Tive contato com a revista na Bienal do Livro e gostaria de receber os exemplares já publicados.*

**Lucia Vianna Lacourt - Sesc Pompéia**  
**São Paulo - SP**

*Estudo na E.E.P.S.G. Pirassununga e preciso apresentar uma peça de teatro como trabalho escolar. Percorri as bibliotecas daqui e só encontrei a revista TEATRO DA JUVENTUDE de 95. Copiei o endereço para solicitar uma revista recente, a qual será muito útil para mim, porque é muito difícil encontrar peças de teatro.*

**Silmara Cristina F.M. Barbosa**  
**Pirassununga - SP**



*Solicitamos a gentileza de nos enviar exemplares da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Dessa forma poderemos nos orientar para encenar peças teatrais com os alunos.*

**Luiza Helena Mazzo -**  
**Colégio Rio Branco - Cotia - SP**



*Somos professores da Fundação Lusíada e solicitamos a coleção da revista TEATRO DA JUVENTUDE, que será de grande valia para nossas aulas de teatro.*

**Cristiane Morara, Nelson Albussí -**  
**Fundação Lusíada, São Paulo - SP**



*Temos uma companhia teatral e os textos da revista TEATRO DA JUVENTUDE seriam de grande valia. Solicitamos que nos sejam enviadas as revistas.*

**Terezinha Tadeu -**  
**Cia. Retratos de Arte - Santos - SP**



*Entramos em contato com o número 4 da revista TEATRO DA JUVENTUDE e estamos interessados em recebê-la (inclusive os números atrasados) pois seria de grande utilidade para os*

*nossos alunos das oficinas de teatro. A Escola Municipal de Iniciação Artística "Aron Feldman" (Emia) tem 160 alunos, sendo que mais da metade pertence às oficinas de teatro, que atende crianças à partir de 7 anos, adolescentes e adultos. A escola existe desde 1990 e já realizou inúmeras apresentações.*

**Nilza Franchin Cavinato -**  
**Oficinas Emia - Santo André - SP**



*Conforme informações recebidas durante o Mapa Cultural Paulista, gostaria de fazer parte de vosso cadastro e receber a revistas TEATRO DA JUVENTUDE que está sendo editada por esta secretaria e, se possível, também os números já publicados. Agradeço e parablenzo-os pelo serviço prestado.*

**Regina Fabiana Panarotto**  
**Americana - SP**

*Resp.: Estamos providenciando o envio das revistas. Para futuras solicitações, informamos que os números 1 e 2 estão esgotados.*

## **ESCREVA PARA CARTAS**

*A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.*

*Escreva para:*

**Secretaria do Estado da Cultura**  
**Revista Teatro da Juventude**  
**Rua da Consolação, no. 2333, 9º and.**  
**São Paulo - SP**  
**CEP 01301-980. - Fax.: (011) 259-9495**





# SUMÁRIO

## Como fazer

<b>O palhaço, o que é?</b> .....	11
Hugo Possolo	

## Livros

<b>Arco- Íris do Desejo</b> .....	15
Augusto Boal	

## Textos

### **6 a 9 anos (aproximadamente)**

<b>Quem casa quer casa - ou não?</b> .....	17
Tatiana Belinky	

### **Maiores de 9 anos (aproximadamente)**

<b>A ver Estrelas</b> .....	29
João Falcão	

### **Maiores de 14 anos (e para amadores adultos)**

<b>Farsa da boa preguiça</b> .....	47
Ariano Suassuna	



## Como fazer

# E O PALHAÇO, O QUE É?

O Teatro se alimenta da arte circense, assim como sempre fez com a música e a dança para ampliar suas possibilidades de expressão. O parentesco maior entre as duas artes se dá na figura que é, em si, a imagem do próprio Circo: o Palhaço.

Hugo Possolo \*

**P**alhaço é para fazer rir. Se não fizer rir, não é palhaço. Esta é uma definição simples do significado de uma arte tão antiga quanto universal. Piolin, Arrelia,

Pimentinha, Torresmo, Pururuca, Picolino são grandes palhaços que o Brasil já teve. Todos eles, antes de pintar o rosto, tiveram que aprender muito dos segredos desta profissão cheia de magia e encantamento.

Dificuldades não são um motivo para desistir quando se deseja ser um palhaço. Apenas é bom lembrar que existe um caminho a se percorrer para poder fazer os outros rirem.

Antes de falar como fazer para ser um palhaço, é importante esclarecer uma certa confusão.

Alguns artistas de teatro, muitas vezes, deixam de traduzir a palavra inglesa *clown*, que quer dizer palhaço, para tentar definir o seu trabalho de modo diferente. Inventou-se, por exemplo, o

“trabalho de *clowns*”, ou mesmo uma suposta diferença entre “palhaços de picadeiro e de palco”. E, o que confunde mais ainda, que é “a busca do seu próprio ridículo”. É importante ficar claro: *Clown* e Palhaço são a mesma coisa. Ambos representam o que a humanidade tem de ridículo, o que não é pouco. Portanto, quem quer fazer rir, deve saber o que tem em si de ridículo, mas

---

“O *Claum* faz a escada, ou seja, prepara a piada. O desfecho é dado pelo *Excêntrico*.”

---

principalmente, buscar o que a humanidade tem de ridículo.

Palhaço não é um personagem e, sim, um arquétipo. *Arque* vem do grego e quer dizer fonte, como se fôssemos numa fonte beber um tipo de pessoa. No caso, bebemos um tipo que faz rir. Não o único que faz rir, mas aquele que principalmente faz rir. Este arquétipo é dividido, segundo a tradição circense, em duas funções: o *Claum* e o *Excêntrico*. Isto para o trabalho em duplas, que é o mais comum. O nome *Claum* vem de

*Clown*, daí mais um motivo para se tomar cuidado com a falta de tradução e suas inseqüentes confusões.

Em atuação, *Claum* é aquele que faz a escada, ou seja, que prepara a piada cujo desfecho é dado pelo *Excêntrico*. O *Claum* é aquele que erra e não admite que erra e, em geral, põe a culpa de todos os erros no *Excêntrico*. Já o *Excêntrico* erra e nem percebe que erra. Vai fazendo o que lhe é dado para fazer sem a menor obrigação de acertar e segue

apenas os seus instintos. Exemplos: No Circo, Arrelia é um *Excêntrico* e Pimentinha um *Claum*; no Cinema, o Gordo é um *Claum* e o Magro um *Excêntrico*. *Claum* é também chamado de Branco e *Excêntrico* pode também ser chamado de Augusto ou de Toni.

O Circo brasileiro foi formado por famílias vindas principalmente da Europa, mais precisamente Itália, França e Espanha. No entanto, a caracterização, figurinos e maquiagem, aqui no Brasil, não seguiu a mesma divisão entre *Clauns* e *Excêntricos* que ainda hoje se utiliza nestes países. Lá, o *Claum* utiliza uma roupa inteiriça, de pernas curtas, com forro preto ou branco, coberto por desenhos arabescos prateados ou dourados.

Usa meias brancas longas e sapatilhas combinando com os arabescos. Sua maquiagem é feita cobrindo o rosto inteiro de branco, em geral com uma pequena figura geométrica vermelha na ponta do nariz e uma sobrancelha diferente da outra. Usa um chapéu cônico

branco. É uma figura que lembra o Pierrô da Comédia Delarte. O *Excêntrico* utiliza roupas largas, com estampas fortes e exageradas, mas que combinam as cores; têm sapatos grandes, gravatas desproporcionais. Pintam apenas algumas partes do rosto, contornando de

---

“Quando se muda a dimensão de objetos, pessoas ou idéias, temos uma imensa possibilidade de fazer rir.”

---

branco a boca e/ou os olhos e usam um nariz vermelho, às vezes de bola. Enfim, é aquele que conhecemos por Palhaço. Aqui no Brasil, ambas as funções, *Claum* e *Excêntrico*, se caracterizam da mesma forma (a do *Excêntrico*), o que torna mais difícil a identificação de cada um em cena.

Os números de Palhaço em um Circo são classificados em três tipos: as **entradas**, as **reprises**, e as **saídas**. As **entradas** são uma espécie de recepção que o palhaço faz ao público com brincadeiras para grupos pequenos. Têm origem no fato de que há muito tempo atrás, os espetáculos não tinham um horário fixo para começar, então o palhaço ficava entretendo aqueles

que aguardavam o início da apresentação. Hoje, este tipo de número quase não é realizado. As

**reprises** são o repertório de apresentação do palhaço dentro do picadeiro, o número propriamente dito. Têm este nome, **reprise**, porque na maioria são seqüências cômicas passadas de pai para filho, que se repetem de geração em geração, sem no entanto, perder a graça. Algumas delas chegam a ter oitocentos anos. As mais novas tem uns duzentos anos. As **saídas** são uma maneira de despedida que alguns palhaços têm como característica própria ao final do espetáculo.

Muito curtas, são feitas quando o público já está para se retirar, surpreendendo-o com uma última e agradável surpresa.

Para qualquer uma das formas de apresentação, o palhaço possui muitos recursos. Diz-se no Circo que o palhaço deve ser o artista mais completo de uma companhia, pois deve aprender e se desenvolver em todas as outras atividades do Circo, como acrobacias, malabares, trapézio etc. E além disso dominar recursos próprios, tais como:

- As **Claques**, que em francês quer dizer palma, são todos os tipos de tapas e bofetões que o palhaço leva ou dá e que saem fortes como o som das palmas feitas na hora, pelos próprios palhaços, para simular o barulho das pancadas.

- As **Cascatas** que são os tombos e

quedas variados, sempre cheios de recursos acrobáticos.

- O **Mote** que é o mesmo termo utilizado em poesia, é um tema que possibilita uma enorme quantidade de variações engraçadas.

- O **Bote** que é o movimento brusco para flagrar um outro palhaço em situação suspeita.

- O **Bordão** que é uma expressão curta e não necessariamente engraçada em si, que acaba por se tornar engraçada por ser repetida muitas vezes.

- As **Chulas** que são cantilenas populares que funcionam como um jogo de pergunta e resposta entre o palhaço e o público.

- A **Gague**, do inglês *gag*, que é uma tirada curta, ou seja, uma piada ou um gesto que não pressupõe um entendimento anterior para ser engraçada. É também conhecida por **Tiro**

- A **Piada** que é uma seqüência que necessita ser entendida pelo público para que o desfecho seja engraçado.

Todos estes recursos, e outros mais, são muito amplos e dependem de um treinamento constante para que possam ser executados com a precisão necessária para fazer o público rir. Não basta ensaiar como no Teatro. Não se trata de saber apenas a seqüência cômica que será apresentada. Mais que isso, é

preciso um preparo que venha a aumentar o repertório cênico, e que dificilmente será utilizado em toda sua extensão, mas que deve estar sempre fresco no corpo e na mente do palhaço para que ele possa dispor quando quiser.

A principal figura de linguagem utilizada em um trabalho cômico é a hipérbole.

Isto é, quando se muda a dimensão de objetos, pessoas ou idéias, temos uma imensa possibilidade de fazer rir. Um palhaço utilizando-se, por exemplo, de uma bengala, cuja utilidade real é dar apoio, deve mudar-lhe o sentido. Se usarmos a hipérbole — aumentando ou diminuindo esta bengala — ela perderá sua função real de apoiar, passando a ter uma função cômica e quando utilizada não servirá para apoiar, provocando tombos e tropeções, mostrando o erro. Aí está aquilo que pode servir de base a qualquer trabalho cômico, não só de Palhaços, que é: “Errar é humano”. E se não existisse o erro, não existiriam palhaços. Não teríamos do que rir.

No Circo, o Palhaço é um contraponto ao que os outros artistas representam. Um trapezista ao dar um salto mortal supera a capacidade das pessoas comuns, o público, que temem se arriscar *daquela forma*. Já o palhaço quando sobe no trapézio revela todos os medos que qualquer um

sente ao se arriscar, inclusive o próprio trapezista, mostrando o lado humano mais forte do Circo. Não é à toa que a forma de representar,

de atuar, de um palhaço seja grotesca, farsesca. É necessário que de forma imediata e clara ele demonstre sensações e idéias para quem assiste. Assim, quando quer mostrar que está com

medo, o palhaço logo treme as pernas em gestos largos e exagerados. Justamente por ser uma representação exagerada não se pode errar nos gestos e muito menos no instante em que se deve realizá-los. Dominar o tempo da atuação cômica é fundamental para surpreender o público e não deixar que ele conclua o desfecho de cada situação. Se o público não é pego de surpresa ele não vai rir.

Muito se pode aprender sobre como ser um Palhaço, mas é fato que grandes nomes do picadeiro tinham algo que não se aprende: talento. Talento não se aprende, mas se desenvolve. Para quem deseja ser um palhaço, um bom palhaço, há uma série de regras que podem ser seguidas, mas a principal delas é: não seguir nenhuma regra.

---

“O palhaço é um contraponto do que os outros artistas representam.”

---

---

\* **Hugo Possolo**, palhaço, autor e diretor de teatro, é um dos fundadores do grupo **PARLAPATÕES, Patifes & Paspalhões** que se dedicam à linguagem circense e ao teatro de rua.

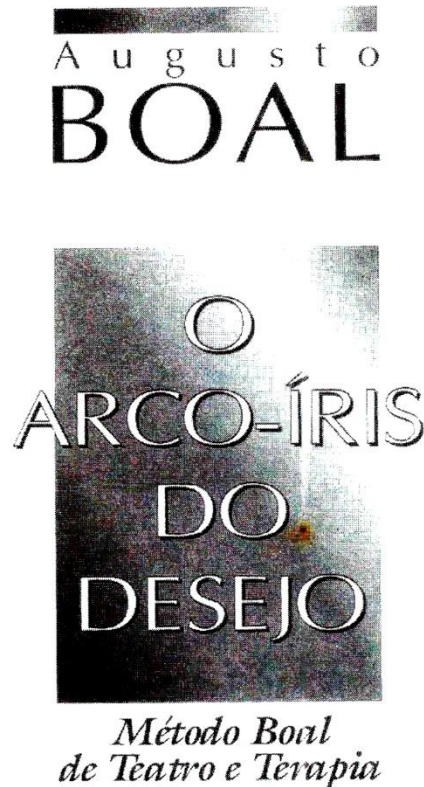
# O ARCO-ÍRIS DO DESEJO

No método Boal de Teatro e Terapia, inúmeros casos ilustram como, em cena, os desejos assumem outras proporções e se aproximam da conquista das realizações.

**Arco- Íris do Desejo**, de Augusto Boal, Editora Civilização Brasileira. Renomado dramaturgo brasileiro, criador de oficinas de teatro e de técnicas teatrais, Augusto Boal é autor de alguns textos fundamentais na dramaturgia nacional e de reconhecimento internacional, como *Revolução na América do Sul* e *Arena Conta Zumbi*. Pesquisador incansável de novas fórmulas do fazer teatral, Boal criou, entre outros, o Teatro do Oprimido, transformado em obra literária. No *O Arco-Íris do Desejo*, o

autor apresenta uma continuidade do Teatro do Oprimido enriquecido pela soma do resultado de novas técnicas desenvolvidas durante anos de pesquisas teóricas e práticas nas

mais diversas partes do mundo. Enquanto no Teatro do Oprimido Boal trata de três vertentes principais: educativa, social e terapêutica, no *O Arco-Íris do Desejo* é abordada a vertente terapêutica. Apresentado, portanto, como "método Boal de teatro e terapia", o livro é um compêndio das técnicas



teóricas e práticas utilizadas em suas oficinas na década de 80. Baseada principalmente no psicodrama, a técnica explicada procura, em forma de representação teatral, trazer à tona conflitos, recombina-os, em outras cores para chegar à realização do desejo. Sub-dividido em teoria e prática, o autor incursiona desde os primórdios do teatro, revela suas experiências em teatro-terapia ilustradas através de inúmeros casos e mostra "o extraordinário poder do fato teatral, essa intensa energia tão eficaz em outros domínios não teatrais: a política, a educação e a psicoterapia."

#### **Trechos do livro:**

*"O ser humano torna-se humano quando inventa o Teatro. No início, Ator e Espectador coexistem na mesma pessoa; quando se separaram, quando algumas pessoas se especializam em atores e outras em espectadores, aí nascem as formas teatrais tais como as que conhecemos hoje. Nascem também os teatros, arquiteturas destinadas a sacralizar essa divisão, essa especialização. Nasce a profissão do ator."*

*"Em um espetáculo stanislavskiano, o ator sabe o que é ator, mas procura ignorar conscientemente a*

*presença dos espectadores.*

*Em um espetáculo brechtiano, o ator tem perfeita consciência da presença dos espectadores, que são, por ele, transformados em verdadeiros interlocutores.. embora mudos."*

*"O Teatro é o combate apaixonado de dois seres humanos em cima de um tablado."*

*"O Teatro, como arte, não se preocupa com o trivial e corriqueiro, o sem valor, mas sim com as ações nas quais os personagens investem e arriscam suas vidas e sentimentos, opções morais e políticas: suas paixões! Uma paixão é uma pessoa ou idéia que vale, para nós, mais do que a própria vida."*

*"Em cena, vê-se perto o que é distante e grande o que é pequeno. A cena traz para hoje, aqui e agora, o que aconteceu no passado, longe dali; o que estava perdido no tempo, o que havia fugido da memória, ou o que havia refugiado no inconsciente. Como um poderoso telescópio, aproxima."*

*"O Teatro do Oprimido é um espelho onde podemos penetrar e modificar nossa imagem."*



## **6 a 9 anos**

(aproximadamente)

**Quem casa quer casa - ou não?**

Tatiana Belinky

Texto cedido por gentileza da Editora Letras & Letras



# QUEM CASA QUER CASA - OU NÃO?

Peça em um ato

Tatiana Belinky

## PERSONAGENS

---

MUJIM  
MACACO  
ONÇA  
D. COELHA  
LELÉ  
CORUJA  
BORBOLETA  
BORBOLETO  
LESMO

## CENÁRIO ÚNICO - UMA FLORESTA

---

(Ruídos “ecológicos” e musicais no cenário aparentemente vazio. Logo entra, bem devagar, MUJIM o Caramujo, passeando e cantarolando a sua música-tema.)

**MUJIM** (caminha bem lento e cantarola): Caramujo não tem pressa, vai pra longe, devagar; a vantagem mesmo é essa chegar lá sem se afobar.

Gosto de levar vantagem,  
sei o que é bom pra mim.  
Levo a casa na viagem,  
o meu nome é Mujim.

**MACACO** (que estava escondido na copa duma árvore, “despenca” do galho e fica pendurado, balançando-se, ao som da sua música-tema, e

cantarola): Sou macaco barrigudo de tanto comer banana balançando e me coçando minha vida é bem bacana!

(Mujim olha para ele, o Macaco o cumprimenta.)

**MACACO:** Olá, seu Mujim. Como é que vai indo nesta linda manhã, se é que vai indo de todo?

**MUJIM:** Devagar e sempre, seu Macaco.

**MACACO:** Sempre devagar, isso sim!

Nunca vi ninguém mais mole. O senhor devia se chamar doutor Vagareza! Hihihih!

**MUJIM:** E você devia se chamar Zé Coceira - nunca vi ninguém se coçar tanto!

**MACACO:** Pelo menos eu me coço rapidinho, hihih!

**MUJIM:** E daí? Qual é a vantagem?

**MACACO:** Coçar mais em menos tempo, acho. Mas você só pensa nisso, em levar vantagem, seu Mujim?

**MUJIM:** Eu é que sei o que é bom para mim.

**MACACO:** Então qual é a vantagem de ser arrastar deste jeito?

**MUJIM:** A vantagem de não ficar suado, por exemplo, e nem cansado.

**MACACO:** Será mesmo? Será que carregar esse trambolho nas costas não cansa?

**MUJIM:** A minha casa não é um trambolho, seu Macaco bobão. É só vantagem: em qualquer lugar que eu pare, estou perto da minha própria casa - se me cansar, entro e descanso, pronto! E agora me dá licença, que eu estou com pressa! (Sai devagar.)

**MACACO:** Tchau, Zé Vagareza! Hihih!

Se com pressa você anda assim, imagine quando lhe sobra tempo! Eu hem! (Cantarola):

Sou Macaco e sou bacana.

Alegria é o meu segredo.

Gosto de comer banana, só da Onça eu tenho medo.

**DONA COELHA** (entra, apressada com cestinha no braço, cantarolando o seu tema):

Sou aflita, sou ligeira,  
apressada e careteira,  
estou sempre atrasada

pra nutrir a filharada...

**MACACO:** Bom dia, dona Coelha!

**COELHA:** Bom dia, seu Macaco - parece que eu o ouvi falando sozinho?

**MACACO:** Eu não estava falando sozinho, estava falando com Mujim, o Caramujo - ele passou se arrastando por aqui agora mesmo, contando vantagem como sempre...

**COELHA:** É, seu Macaco, aquele Caramujo é meio egoísta mesmo. E depois se arrastando daquele jeito, naquela vagareza - até me dá aflição!

**MACACO** (caçoando): E o que é que não lhe dá aflição, dona Coelha? A senhora está sempre nervosa, olha só as caretas que vive fazendo (Franze o nariz, arremedando-a.)

**COELHA** (ofendida): Logo quem fala em caretas - o senhor Macaco, que faz caretas até com o rabo! De resto, não tenho tempo para prosa fiada, tenho de dar um pulo na feira, buscar cenouras para os meus filhotes, com licença. (Sai pulando e cantarolando a sua musiquinha.):

Vida dura a de Coelha, estou sempre atrasada, e além disso esta orelha não quer ficar empinada!

(Ajeita a orelha caída e some.)

**MACACO:** Tchau, dona Coelha. Vá pulando com jeito, e cuidado pra não cair nas garras da Comadre Onça!

**ONÇA** (entra cantarolando o seu tema):

Eu sou a Onça matreira,  
sou comadre traiçoeira,  
sou feroz e perigosa,

tou com tudo e não tou prosa!  
(Olha para o Macaco, que se encolheu no galho.)

**ONÇA:** Olá, compadre Macaco - parece que ouvi você dizer o meu nome? Falando mal de mim logo cedo?

**MACACO:** Falando bem, comadre Onça, falando bem. E como vai a senhora esta linda manhã? Tudo azul?

**ONÇA:** Mais ou menos, compadre Macaco. Até agora não cacei nada para o meu almoço de hoje - ainda não cruzei com nenhum bicho apetitoso.

(Olha para o Macaco e lambe os beiços.)

**MACACO** (debochando): Pois olhe, eu vi um bicho apetitoso indo bem ao seu encontro, comadre: não cruzou por acaso com Mujim o Caramujo, dona Onça?

**ONÇA:** O Caramujo? Aquele bicho molenga e gosmento, e ainda por cima tão pequeno que não dá pra encher o buraco do meu dente? Arggggh! Que nojo!

**MACACO:** Pois fique sabendo que na França caramujo é prato finíssimo, até se chama "escargô"...

**ONÇA:** Escorregou? É, ele é escorreguento mesmo, não serve pra mim. (insinuante, lambendo os beiços.) Mas mudando de assunto, compadre Macaco, não quer descer deste galho pra conversar comigo mais de perto?

**MACACO** (encarrapitando-se mais no galho): Não, comadre onça, muito obrigado. Cada macaco no seu galho, como diz o ditado, não é mesmo? E o meu aqui em cima, meio longinho, meio alfinho, né...

**ONÇA** (suspira): Tá certo. Então vou ver se filo um almoço na casa do meu amigo...

**MACACO** (debochando): O amigo da onça?

**ONÇA:** Se é meu amigo... Mas tem certeza que não quer descer pra conversar comigo, compadre Macaco?

**MACACO:** Quero ser mico de circo, se eu fizer isso! Tchau, comadre! (Onça sai, ele fica sozinho, começa a se balançar.) Eu, hen! Com esta amiga eu quero distância! Mas vejam só quem vem vindo agora! É a outra moleza-vagareza da floresta, a lesma! Não tenho paciência para conversa mole, e põe mole nisso! Vou mais e me mandar, até ela chegar eu já sumi! (Sai careteando e se coçando e cantarolando - e logo que ele some, entra Lelé, a Lesminha, gorducha, toda dengosa, de sombrinha e tudo, cantarolando o seu tema.)

**LELÉ:** Sou solteira e gorduchinha, (apetite não é fome), passeando de sombrinha, sou Lelé, mas só no nome!

Procuro devagarinho um doutor, que seja homem pra me dar casa e carinho, pois Lelé sou só no nome!

(Nisso, pelo lado oposto, vai entrando devagarinho Mujim o Caramujo, cantarolando a sua quadrinha - os dois vão distraídos um ao encontro do outro, com música de fundo molenga e arrastada, até que param um diante do outro, se encaram - e começa um "flirt" em "câmara lenta", com música

arrastada - não longo demais. Por fim, Caramujo fala.)

**MUJIM:** Bom dia, senhorita Lesma - lindo dia não é mesmo?

**LELÉ:** Um pouco quente, seu Caramujo: tive até de sair com esta sombrinha, que é pro sol não secar minha gosminha...

**MUJIM:** Uma gosminha muito bonita, por sinal - dá um brilho tão encantador à sua figura tão... Tão roliça...

**LELÉ** (dengosa): Acha mesmo, seu Caramujo?

**MUJIM:** Acho sim, acho sim - acho lindo uma senhorita assim tão jeitosa... Redondinha... Rechonchuda... Gosmentinha... E fofinha! Possa chamá-la assim?

**LELÉ:** Assim, como, seu caramujo?

**MUJIM:** Fofinha...

**LELÉ:** (coquete) Ah, seu caramujo... vai ver que o senhor diz isso a todas as lesmas.

**MUJIM:** Nunca! Não diga uma coisa dessas... Fofinha.

**LELÉ:** Meu nome é Lelé, mas vá lá, pode me chamar de Fofinha, seu... seu...

**MUJIM:** Eu me chamo Mujim... (Derretido.) Fofinha...

**LELÉ:** Mujim...

**MUJIM:** Fofinha... (Violinos, Lelé "faz olhinhos" e rebola um pouco.) (Macaco espia escondido e faz visagens, arremedando o namoro.)

**MUJIM:** Fofinha... Acho que escutei você cantando que é solteira?

**LELÉ:** Eu sou mesmo. E você?

**MUJIM:** Eu também.

**LELÉ:** Que coincidência... (Rebola.)

**MUJIM:** Feliz coincidência... Que me deu uma boa idéia!

**LELÉ** (que já sabe que é, coquete):

Que idéia, Mujim? Qual idéia? Não faço idéia.

**MUJIM:** É que... Já que somos ambos solteiros... Que tal se... (Decidido.) Assim que a vi, fiquei apaixonado, Lelé... Lelezinha, quer casar comigo?

**LELÉ** (se fazendo de difícil): Não sei não... Eu queria casar com doutor... Você é doutor, Mujim?

**MUJIM** (importante): Não sou doutor, mas sou proprietário. Tenho casa própria portátil, como pode ver. (Insinuante.) Se você casar comigo, iremos morar juntos na minha linda casinha, e você será dona de casa. Vai casar comigo, Lelezinha? Quer?

**LELÉ:** Quero sim! Quem casa quer casa!

**MUJIM:** Oba! (Tenta dar um pulo mas não consegue por causa do peso da casa - acaba batendo palmas de contente.) Oba! Estamos noivos!

**LELÉ** (prática): E já que estamos noivos, vamos casar logo, Mujinho, tá?

**MUJIM:** Só tá. Vamos agora mesmo... Vamos para onde, Lelé?

**LELÉ:** Então você não sabe? Para o cartório de paz da juíza Dra. Coruja: é ela quem faz todos os casamentos dos bichos pequenos da floresta!

**MUJIM:** Então vamos já, correndo! (Saem os dois, lado a lado, "correndo" muito devagarinho.)

**MACACO** (espiondo, para o público): Se eles continuam "correndo" deste jeito, não chegam no cartório nem daqui a um mês! (Olha pra coxia.) Mas eles têm sorte! Lá vem a juíza Dra. Coruja, com o seu livro de registros e tudo!

**CORUJA** (vem ao encontro dos noivos, em passo solene, cantando, ou melhor, resmungando, o seu tema): Sou a juíza Coruja, registros sou eu quem faz: casamentos, nascimentos, no Cartório de paz!  
(Os noivos a vêem e ficam todos alvoroçados.)

**LELÉ:** Olhe, Mujim! É a juíza Dra. Coruja!

**MUJIM:** Maravilha! Com livrão e tudo - vamos poder casar logo!

**CORUJA:** Casar? Alguém falou em casar?

**OS DOIS:** Fomos nós, fomos nós, doutora juíza, queremos casar, queremos casar!

**CORUJA:** Ótimo. É bom que haja muitos casamentos na floresta, que é para as espécies de bichos não acabarem. Ainda bem que eu trouxe o meu livro de registros, podemos começar já.

**OS DOIS:** Oba! Oba! Vamos casar já! Que bom, que bom!

**CORUJA** (sóbria): Se é bom, vocês vão saber depois. Agora, vamos a cerimônia. Vocês trouxeram as testemunhas?

**OS DOIS:** Testemunhas? Que testemunhas? Não temos testemunhas, e agora?

**CORUJA:** Não precisam ficar tão aflitos, eu chamo as testemunhas de plantão. (Olha para cima e chama.) Senhor e senhora Borboleta! (Imediatamente aparecem duas grandes borboletas - podem ser bonecos na ponta de varas, ou de fios, ou outro jeito qualquer - elas esvoaçam em torno da Coruja, que as interpela.) Senhor e Senhora Borboleta, consentem em servir de testemunhas no

casamento deste casal de noivos?

**BORBOLETA** (voz): Claro! Adoro ser testemunha de casamento!

**BORBOLETO** (voz): Certamente, Dra. Coruja, será um prazer.

**CORUJA:** Então, vamos lá. os noivos, fiquem aqui na minha frente, assim. (Abre o livrão.) Senhorita Lelé, é de livre e espontânea vontade que aceita o Sr. Mujim para ser seu legítimo esposo?

**LELÉ** (dengosa, de olhos baixos): Aceito.

**CORUJA:** Senhor Mujim, é de livre e espontânea vontade que aceita a Senhorita Lelé para ser sua legítima esposa?

**LELÉ** (mão no coração): Aceito.

**CORUJA:** Então eu os declaro marido e mulher. Podem assinar aqui. Trouxeram caneta?

**LELÉ:** Ora, Dra. Juíza, lesma não precisa de caneta, tem sua própria gosminha... (Passa o dedo no rosto e "assina".) Lelé de Mujim. Pronto! (Mujim também assina do mesmo jeito.)

**CORUJA:** Agora, as testemunhas! Assinem com o pó das suas asas! (As borboletas "assinam" roçando o livrão com as asas.)

**CORUJA:** Parabéns! Os noivos podem se beijar!

(Os noivos se beijam timidamente, e as Borboletas somem e Coruja vai embora, cantando a sua quadrinha. Ficam em cena só os recém-casados.)

**MUJIM:** Enfim sós!

**LELÉ:** Ai que delícia! (Bate de leve na casinha do caramujo.) Quem casa quer casa

**MUJIM:** Isso mesmo! Não quer entrar na minha... Na nossa casinha,

Lelezinha?

**LELÉ:** Quero, quero...

**MUJIM** (gesto largo de convite): Então entre! (Se afasta um pouco para Lelé entrar, mas a entrada é muito estreita, mal cabe ele sozinho, e Lelé tenta que tenta, se aperta e se espreme - esta cena deve ser muito cômica, com música apropriada e muitos ais e ois, tentativas frustradas na vertical e na horizontal, uma luta ingente. E os gemidos são tantos que os outros bichos aparecem e assistem: Macaco, Coelha, Onça e Coruja ficam olhando, incentivando, comentando. O estado de espírito dos noivos vai mudando visivelmente: Mujim vai ficando irritado e Lelé vai entristecendo, entristecendo, até que desiste e senta no chão, chorando.)

**LELÉ:** Ai, ai, ai! De que me adianta estar casada, se nem posso entrar na minha casa!

**MUJIM** (chatinho): Na MINHA casa, viu! (Irritado, para os outros.) E vocês aí, só ficam olhando! Se ao menos alguém tivesse uma boa idéia para ajudar!

**LELÉ:** Uma boa idéia... Quem tem uma boa idéia? Macaco, você tem uma boa idéia? Como é que eu posso entrar na mi... Na nossa casinha?

**MACACO:** Eu não sei, Lelé, sinto muito... Nós macacos moramos nos galhos das árvores por aí, onde tem lugar para todos nós... Eu não sei resolver o seu problema...

**LELÉ:** Aiaiaiaia! Coitada de mim! E você, dona Coelha, não tem uma boa idéia?

**COELHA:** Sinto muito, Lelé - nós coelhos temos tocas espaçosas onde cabe toda a família, eu não sei resolver o seu problema!

**LELÉ:** Nem a senhora, Dra. Coruja?

**CORUJA:** Sinto muito, problemas de habitação não são minha especialidade. Eu só sei cuidar de registro civil, casamentos, nascimentos, essas coisas. Lamento, mas não sei resolver o seu problema.

**LELÉ:** Aiaiaiai de mim! que é que eu vou fazer? Mujim, diga, faça alguma coisa!

**MUJIM:** Eu? O que você quer que eu faça, se você não cabe na minha casinha... E se ninguém tem uma boa idéia...

**ONÇA** (oferecida): Ninguém me perguntou, mas eu até que tenho uma boa idéia!

**LELÉ:** Você tem, dona Onça? Então me conte, por favor!

**ONÇA:** Pra você não. Eu conto pra ele - pro Mujim que é o dono da casa. Quer ouvir, Mujim? (Não espera pela resposta e aproxima-se de Mujim, cochicha-lhe algo no ouvido, ele reage, se animando, mas enfezado.)

**MUJIM** (fazendo que sim, que sim, com a cabeça): É... É isso mesmo... Onça, como é que eu não pensei nisso antes?

**ONÇA:** Pois pense agora. Tchauzinho, que eu me retiro, tenho um compromisso na casa do meu amigo. (Vai saindo, comenta e parte.) Vou me mandando antes que as coisas encrespem aqui... (Sai rindo maldosa e cantarolando.)

**LELÉ:** O que foi que ela disse, o que foi que a Onça disse?



**MUJIM** (estufa o peito, fica "machão", autoritário): Vou lhe dizer, e a senhora abra bem os ouvidos, Madame Mujim. Sabe duma coisa? Você está mas é muito gorda. Gorda demais da conta. O que você precisa é não comer tanto, gastar menos em comida. Precisa mesmo é fazer um regime brabo, que é pra emagrecer muuuito, pra poder passar pela porta da minha casinha!

**LELÉ** (reagindo): Ah, então é isso? Foi esse o conselho que lhe deu aquela Onça intrigante?

**MUJIM**: Foi, e foi um ótimo conselho e um bom aviso, e quem avisa, amigo é!

**LELÉ** (começando a enfezar): Amigo da onça! Amigo da onça, é o que você é, isso sim, se é só isso que você tem que me dizer!

**MUJIM**: O que eu tenho pra dizer eu já disse e repito! Você, madame Lelé Mujim, vai começar a fazer um regime brabo, pra emagrecer! Entendeu? Vai, e é pra já!

**LELÉ** (revoltada): Ah, eu vou, é? Essa é boa! Primeiro você gostou de mim porque sou roliça e gorducha, me chamou de Fofinha e tudo. E agora, só porque casou comigo, já pensa que pode me modificar? É isso?

**MUJIM** (agressivo): É isso aí. Mulher minha, se quer morar comigo, tem de se adaptar ao meu modo de vida e à minha casa, do jeito que eu quero! Está claro?

**LELÉ** (decidida): Claríssimo. E quer saber duma coisa, seu Mujim-proprietário? Pode desistir de mim! Vá procurar uma Minhoca seca pra casar com você e a sua

preciosa casinha! Comigo não, caramujão!

**COELHA** (entusiasmada, bate palmas): Bravo, Lesminha, é assim que se fala! Nós mulheres temos de nos dar ao respeito! Mandão tem mais é que ficar sozinho!

**MACACO**: Que é que você vai fazer agora, Lelé?

**LELÉ**: Vou desmanchar este casamento!

**MACACO** (para o perplexo Mujim): Ouviu isto, senhor proprietário? Parece que vai ficar sozinho, você com a sua casa própria portátil... Já descobriu a vantagem disso, seu Mujim?

**MUJIM** (abespinhado): Vantagem... Ora caracóis! Antes sozinho que mal acompanhado! Vou ficar sozinho na minha casa, sem ninguém me apertando e ocupando o meu espaço que mal me chega... (Sem convicção.) A vantagem... Toda minha... Vou ser um solteirão e pronto!

**MACACO**: Ótimo! Melhor pra todas as mulheres que não vão casar com você!

**MUJIM** (brabo): Ora bolas! Caracóis pra vocês todos! (Vai saindo, até depressinha.) Eu vou embora!

**MACACO**: E já vai tarde!

**LELÉ** (para a Coruja): Doutora Juíza Coruja, eu quero desmanchar este casamento: dá pra fazer isto?

**CORUJA**: Dá perfeitamente. Pelo código civil da floresta, quando um não quer, dois não ficam casados. Este casamento é anulável, sim, ainda mais que ele nem chegou a acontecer de verdade. (Abre o livrão, arranca

uma pena do próprio rabo, ajeita os óculos.) É só riscar cruzada a página do contrato, assim! (Cruza a folha.)...E assinar em baixo... Assim. Assine aqui, dona Lelé... (Ela assina.) Pronto! Está solteira de novo, dona Lesma! (Todos aplaudem.)

**LELÉ:** Obrigada, doutora Juíza. Ufa! Que alívio! Agora já posso continuar o meu passeio interrompido! Tchau, bichos! Obrigada por tudo!

(Abre a sombrinha e começa a se arrastar. Enquanto ela anda um palmo, os outros já se espalharam e sumiram, e o Macaco já subiu pro seu galho, de onde fica observando a cena.)

**LELÉ** (começa a se arrastar): Parece que voltou tudo ao mesmo ponto... Estou onde estava de manhã, solteirinha da silva... (Começa a cantar sua musiquinha.)

Sou solteira e gorduchinha.  
(Apetite não é fome.)  
Passeando de sombrinha  
sou Lelé mas só no nome.

Procuro devagarinho  
alguém que seja bom homem,  
que me dê muito carinho,  
pois Lelé sou só no nome!

(Pára e pensa.) Poxa! Tou vendo que estou solteira de novo, mas não estou contente afinal, este meu casamento anulado não é um final feliz... Acho que nem é um final... E agora, o que é que eu faço? (Faz cara de choro.) Acho que vou chorar!

**MACACO** (pendurando-se no galho e balançando): Chorar, Lesminha! Chorar não resolve nada!

**LELÉ:** Você está aí, Macaco?

**MACACO:** Estava e estou, pra lhe dizer que tristezas não pagam dívidas!

**LELÉ:** Eu sei, eu sei... Mas que é que eu posso fazer? Eu queria tanto um final feliz para minha história! Vou fazer o quê?

**MACACO:** Fácil! Arranje outro namorado, que não seja egoísta e machista e "vantagento" e mandão que nem o Mujim! Há muitos bichos na floresta.

**LELÉ** (pensativa): O que você diz é até sensato, Macaco... Se eu mandei o Mujim arranjar uma minhoca seca para casar com ele, eu posso arranjar um outro... Um Lesmo... Um Lesmo, e não um caramujo cascudo de casa nas costas, pra eu namorar e casar!

**MACACO:** É isso aí, Lelé! Ânimo! Como é que você canta, mesmo? Que é Lelé só no nome, quer dizer que você não é boba nem nada e você já mostrou isso, não é mesmo?

**LELÉ:** É mesmo. (Canta, e o Macaco pode até acompanhar um pouco.)

Sou solteira e sou fofinha,  
e procuro um bom homem  
que me ame assim gordinha  
pois Lelé sou só no nome.

Não precisa ser riquinho,  
se tem casa, não me importa,  
só me importa o seu carinho,  
não a largura da porta!  
(Enquanto ela canta, vem entrando devagarinho o Lesmo, muito elegante de palheta, bengala e polainas, cumprimenta com uma mesura.)

**LESMO** (vai entrando e cantando o seu tema): Boa tarde, ó Lesminha, eu ouvi sua cantiga: sou um Lesmo sem casinha,

mas quero casar contigo.

Muito tenho te observado,  
és gorducha e tão charmosa!  
Gostaria, se te agrado,  
ter-te por amada esposa!

**LELÉ** (meio formalizada): O que foi que o senhor falou, senhor Lesmo? O que quer dizer com isso?

**LESMO**: Quero dizer que... Estou propondo casamento, senhorita Lelé!

**LELÉ**: Casamento? Assim de repente, sem mais nem menos?

**LESMO**: Foi amor à primeira vista, senhorita Lelé... Aceita a minha proposta de casamento?

**LELÉ** (fiteira): Mas se eu nem ao menos sei o seu nome...

**LESMO**: O meu nome? Lesmundo, um seu criado... Aceita? Por favor, por favor, aceite!

**MACACO** (que estivera na torcida o tempo todo): Aceite, Lelé, aceite! Olhe como o seu Lesmundo é bonito e simpático! eu não sou borboleta, mas posso ser testemunha do ato! Aceite!

**LELÉ** (olha para um, para outro, e decide): Muito bem. Já que todos insistem.. E já que o senhor Lesmo-Lesmundo é mesmo simpático... Eu aceito! Só que...

**LESMO** (que manifestara grande regozijo com pulinhos e palmas, apreensivo): Só que o quê? Espero que não haja nenhum impedimento para o nosso casamento, Lelezinha?

**LELÉ**: Impedimento não há, só que já é tarde, e não vai dar tempo de nós chegarmos até o cartório ainda hoje...

**CORUJA** (entrando com o livrão): E nem será preciso. Eu estava aqui perto, fazendo uns registros, e ouvi tudo. Vamos fazer o casamento aqui e agora.

**TODOS**: Oba, oba!

**CORUJA** (abrindo o livrão): É bom que haja muitos casamentos na floresta, para as espécies de bichos não se acabarem: e com vocês dois, Lelé e Lesmundo as lesmas não vão acabar tão cedo... Seu Macaco, falou que queria ser testemunha?

**MACACO**: Eu quero, eu quero!

**COELHA** (entrando): Eu também quero!

**CORUJA**: Então, os noivos, fiquem na minha frente, assim. Senhorita Lelé, é de livre e espontânea vontade que aceita o senhor Lesmundo para ser seu legítimo esposo?

**LELÉ**: Aceito.

**CORUJA**: Senhor Lesmundo, aceita a senhorita Lelé para ser sua legítima esposa?

**LESMO**: Aceito.

**CORUJA**: Parabéns. Podem assinar aqui!

(Todos gritam parabéns, assinam o livrão cada um à sua moda, entra música alegre-triunfante, e Macaco vira-se para o público e pisca um olho.)

**MACACO**: Desta vez, garanto que o casamento vai dar certo: é isso que eu chamo de um final feliz!

E todos inclusive a Onça que também apareceu na última hora, e as borboletas se dão as mãos e dançam - ou outra coreografia qualquer - para terminar tudo em grande alegria.

**FIM**



# **Maiores de 9 anos**

(aproximadamente)

**A ver Estrelas**

João Falcão



# A VER ESTRELAS

João Falcão

## PERSONAGENS

---

JONAS  
PRIMEIRO MARINHEIRO  
SEGUNDO MARINHEIRO  
TERCEIRO MARINHEIRO  
QUARTO MARINHEIRO  
PRIMEIRA DESCONHECIDA  
SEGUNDA DESCONHECIDA  
MÃE  
SÔNIA  
DÉBORA  
FLAI  
BRUXA  
NAMORADOS  
ARAUTO  
PRIMEIRA VOZ  
4 VOZES

**APRESENTADOR:** Senhoras e senhores,  
eu vou contar para vocês a  
história de Jonas.

**CORO:** Jonas, aquele que a baleia  
engoliu?

**APRESENTADOR:** Não.

**CORO:** Qual?

**APRESENTADOR:** Jonas, aquele que a  
baleia nem viu!

**CORO:** Ah! Jonas.

### PRÓLOGO MUSICAL:

Jonas é um garoto quieto  
Um pacato cidadão  
Que leva uma vida tranquila  
Na vila da solidão  
É amigo de todos

Íntimo de nenhum  
Não gosta de ir à festas  
Detesta zum-zum-zum.

Todo dia Jonas levanta  
Um pouquinho depois do sol  
Pula da cama, forra a cama  
Estica o seu lençol  
Então vai ao chuveiro  
Escova os dentes  
E depois com um espelho em frente  
Passa um pente no cabelo.

Oh, Jonas, Oh, Jonas!  
Todo dia quase tudo igual

Todo dia de hoje, de Jonas

E igual ao de amanhã  
O mesmo leite, o pão com ovo,  
O mesmo colete de lã  
É sempre o mesmo Jonas  
Tomando o seu café  
Saindo pro trabalho  
Caminhando a pé.

Bom dia! Bom dia, Jonas!  
(Jonas pela rua.)  
Bom dia, Jonas!  
(Jonas na fila do trem.)  
Bom dia! Bom dia, Jonas!  
( No elevador.)  
Bom dia, Jonas! Bom dia! (Na  
máquina de escrever.)

Oh, Jonas, Oh, Jonas  
Todo dia quase tudo igual

Mais um dia acaba  
E Jonas volta pro seu lar  
Apaga a luz do quarto  
Está na hora de deitar  
Mas o que ninguém sabe  
É que antes de dormir  
Ele abre a janela  
E fica horas ali

A imaginar, navegar, navegar,  
navegar...

É que no fundo  
Do coração de Jonas  
Bate uma paixão  
Do tamanho de uma baleia  
E enquanto o seu olhar  
Se ocupa a ver estrelas  
O coração de Jonas  
Se põe a navegar.

Oh, Jonas, Oh, Jonas!  
Todo dia quase tudo igual.

**JONAS** (ouvindo um ruído) Tem

alguém aí? (Pausa.) Deve ter sido  
o vento. (Ruído.) Quem está aí?  
(Ruído forte.) Tem alguém aí?

**VOZ:** Tem não!

**OUTRA VOZ:** Aqui também não!

**OUTRA:** Nem aqui!

**OUTRA:** Aqui muito menos!

**PRIMEIRO MARINHEIRO** (entra

lambendo uma panela, avista

Jonas): Ei! Aqui tem alguém!

(Pausa.) O que é que você está  
fazendo aqui?

**JONAS:** Essa casa é minha!...

**PRIMEIRO:** Sim, mas o que é que você  
está fazendo aqui?

**JONAS:** Essa casa é minha!

**PRIMEIRO:** Você já disse isso! Eu  
perguntei o que é que você está  
fazendo aqui?

**JONAS:** Eu?... Nada!

**PRIMEIRO:** Nada? Estranho!

**JONAS:** E você está fazendo o quê?

**PRIMEIRO:** Eu estou comendo papa,  
não está vendo?

**JONAS:** Eu sei, mas acontece que a  
minha casa não é nenhum  
restaurante, e...

**PRIMEIRO:** E, o quê?

**JONAS:** E você não tem o direito de  
entrar assim na minha casa, e...

**PRIMEIRO:** E, o que mais?

**JONAS:** E sair mexendo nas minhas  
panelas e...

**PRIMEIRO:** Que mais?

**JONAS:** E você nem bateu na porta, e  
eu não conheço você, e isso não  
está certo!

**PRIMEIRO:** Que mais?

**JONAS:** Mais nada, ora! Isso é tudo! Eu  
não gosto de receber visita de  
estranhos, muito menos a essa  
hora da noite, e eu acho melhor  
você ir embora.

**PRIMEIRO:** Eu acho melhor você ir  
embora. Porque não gosto de



levar chuva.

**JONAS:** Mas não está chovendo, está?

**PRIMEIRO:** Não.

**JONAS:** Então!

**PRIMEIRO:** É por isso mesmo que vai chover porque não está chovendo. Se estivesse chovendo, aí sim, ia parar de chover.

**JONAS:** Ora, isso é ridículo!

**PRIMEIRO:** De qualquer maneira, eu acho melhor você não ir agora, a não ser que goste de levar chuva.

**JONAS:** E quem disse que eu vou a algum lugar? Eu não vou! Nem agora, nem depois!

**PRIMEIRO:** Não vai?

**JONAS:** Não!

**PRIMEIRO:** Por quê?

**JONAS:** Porque essa é a minha casa!

**SEGUNDO MARINHEIRO** (entrando) Oi, Jonas!

**PRIMEIRO:** Oi, Jonas!

**SEGUNDO:** Quem é esse?

**JONAS:** Meu nome é Jonas!

**SEGUNDO:** Que Jonas?

**JONAS:** Eu sou o dono dessa casa!

**SEGUNDO:** Oi, Jonas, você não tem livros melhores do que aquele lá na estante? Porque eu já revirei tudo e nenhum prestou.

**JONAS:** Não prestou pra quê?

**SEGUNDO:** Pra nada, eu joguei tudo no lixo.

**JONAS:** No lixo?

**TERCEIRO MARINHEIRO** (entrando todo molhado): Oi, Jonas!

**SEGUNDO E TERCEIRO MARINHEIRO:** Oi, Jonas!

**TERCEIRO:** Quem é esse?

**SEGUNDO:** Esse é o Jonas.

**TERCEIRO:** Que Jonas?

**PRIMEIRO:** O dono dessa casa.

**TERCEIRO:** Oi, Jonas! O cano da torneira arrebentou. O banheiro

está parecendo um rio e eu me molhei todo. Você pode me arranjar uma toalha?

**JONAS:** Não, não, não, não, não!

**TERCEIRO:** Sim, eu quero também roupas secas, meias, sapatos, e me prepare um café bem forte.

**JONAS:** Vocês vão acabar derrubando a minha casa. (Barulho forte.) O que foi isso?

**VOZ:** Ai, ui, ai, ui, ai, ui!

**OS TRÊS MARINHEIROS:** Foi Jonas!

**VOZ:** Ai, ui! Tirem esse guarda roupa de cima de mim! (Os três marinheiros explodem numa gargalhada.)

**JONAS:** Vocês querem fazer silêncio? Por favor, façam silêncio! Minha nossa, os vizinhos! Vocês vão acordar os vizinhos. (Aos poucos param de rir.)

**QUARTO MARINHEIRO** (entrando com as roupas do armário jogadas sobre ele) Oi, Jonas!

**OS TRÊS MARINHEIROS:** Oi, Jonas!

**PRIMEIRO:** Ei, você está parecendo sabe o quê?

**QUARTO** (berra) O quê?

**PRIMEIRO:** Esqueci!

**QUARTO:** "Eita Cumesse!" A papa toda foi?

**PRIMEIRO** (escondendo a panela):  
Que papa?

**SEGUNDO E TERCEIRO:** "Eita! Cumesse."  
A papa toda! (Para Jonas.) Ainda tem papa?

**JONAS:** Não!

**QUARTO:** Eu quero papa! (2º, 3º e 4º começam a pedir papa numa canção cuja a letra se resume mais ou menos nisso: eu quero papa, eu quero papa! Papa-papa-papa-papa.)

**JONAS:** Façam silêncio, por favor, façam silêncio! (Para o primeiro.)

Você já comeu a sua papa,  
mande os seus amigos fazerem  
silêncio!

**PRIMEIRO** (berra): Não!!!

**2º, 3º e 4º:** O que foi que você disse?

**JONAS** (tapando a boca do primeiro):  
Não!

**QUARTO:** Ele disse não!

**SEGUNDO:** Bem que eu disse!

**QUARTO:** Você disse não, quem disse  
não foi ele!

**SEGUNDO:** Eu disse sim!

**QUARTO:** Você disse sim, mas quem  
disse não foi ele.

**SEGUNDO:** Mas eu disse não também,  
sim, eu disse!

**TERCEIRO:** Ei, ele disse não, sim, eu  
ouvi.

**SEGUNDO:** Não se meta.

**QUARTO:** Você não ouviu nada.

**TERCEIRO:** Ouvi sim.

**QUARTO:** Você ouviu sim!

**SEGUNDO:** Você não ouviu sim, você  
ouviu não, porque eu disse não e  
não sim!

**TERCEIRO:** Ele disse não, e não sim, foi  
isso que eu disse.

**QUARTO:** Foi você quem disse? Ele  
disse que foi ele! Quem disse não,  
afinal?

**TERCEIRO** (para o segundo): O que foi  
que você disse?

**SEGUNDO:** Cale a boca!

**TERCEIRO:** Ele disse...

**QUARTO:** Ele disse cale a boca!

**TERCEIRO:** Não!

**JONAS** (apontando para o terceiro):  
Quem disse não foi ele!  
(Surpresos os marinheiros olham  
para Jonas que se encabula.)

**QUARTO:** Quem é esse?

**PRIMEIRO:** Esse é Jonas.

**SEGUNDO:** Ele é o dono dessa casa.

**JONAS:** Eu sou o dono dessa casa. E  
vocês? Quem são vocês?

**1º, 2º, 3º e 4º:** Jonas!

**JONAS:** Mas, afinal, quantos Jonas  
vocês são?

**PRIMEIRO:** Quantos nós somos?

**SEGUNDO:** Deixe-me ver: vocês são  
três.

**TERCEIRO:** Mais vocês três, seis.

**QUARTO:** Mais vocês três, nove.

**PRIMEIRO:** Mais vocês três, doze.

**SEGUNDO:** Mais eu.

**TERCEIRO:** Mais eu.

**QUARTO:** Mais eu.

**PRIMEIRO:** E mais eu.

**1º, 2º, 3º e 4º:** Nós somos dezesseis!

**JONAS:** Ora, não sejam estúpidos!  
Vocês são quatro!

**TERCEIRO:** Só?

**PRIMEIRO:** Nada disso! Quatro é muito  
pouco. Nós somos dezesseis, quer  
ver?

**JONAS:** Não! Está bem! Vocês são  
dezesseis, sim! E dezesseis é muita  
gente para uma casa tão  
pequena. Por isso vocês vão ter  
que procurar outro lugar para  
passar a chuva.

**QUARTO:** Todos nós?

**JONAS:** Os dezesseis? Não! Digamos...  
Apenas quatro de vocês! Você,  
você, você e você! Os outros  
podem ficar.

(Os marinheiros olham desconfiados  
uns para os outros e iniciam baixinho  
uma canção, e vão lentamente  
aumentando o volume da voz.)

**1º, 2º, 3º e 4º:**

Dó Dó Dó Ré Mi Sol Mi Ré Ré Ré Mi Ré  
Dó

Lá Lá Lá Do La Sol Mi Ré Ré Ré Mi Fá  
Sol

Lá Fá Sol Mi Ré Ré Ré Mi Ré Dó

Doido é que tema ao sol

Me mando e não me rendó

Na terra terei um lar só pra mim

Me refaço e me faço

Lá faz sol mas tem muito arvoredo

**PRIMEIRO:** Vamos rapazes!

**2º, 3º e 4º:** Vamos, sim!

**JONAS:** E para onde é que vocês vão?

**QUARTO:** Nós vamos à procura do Grampo.

**JONAS:** Grampo?

**SEGUNDO:** Nós vamos entregar isso a ele. ("Isso" é nada.)

**JONAS:** O que é isso? (Jonas segura o nada.)

**PRIMEIRO:** É a rosa dos ventos.

**JONAS:** Isso é uma rosa? E onde estão as pétalas?

**TERCEIRO:** As pétalas foram embora, com os ventos do navegar.

**QUARTO:** Vamos, rapazes! Vamos que já é tarde. É quase meia noite.

(Os marinheiros saem pela janela. Assim que eles se vão, Jonas percebe que eles deixaram a rosa dos ventos.)

**JONAS:** Ei, esperem! Vocês esqueceram a rosa dos ventos! E agora? Coitados! O Grampo vai matá-los se eles não levarem a rosa. Eu acho. Ah, eu preciso encontrá-los. (Pula a janela e vai à procura dos marinheiros.)  
Jonas! Jonas! Jonas! Onde é que você foi? Jonas! Que lugar é esse? Eu vou voltar... Não!

(Jonas guarda a rosa dos ventos dentro do colete e dá três batidinhas como quem diz: - Fique aí. Em seguida, escuta o eco de suas batidas. Bate de novo. Escuta novo eco. São duas desconhecidas batendo palmas.)

**1ª DESCONHECIDA** (entrando):  
Responda depressa: - Qual é o barulho que o coração faz?

**2ª DESCONHECIDA:** É bum-bum-bum?

**1ª DESCONHECIDA:** É pam-pam-pam?

**2ª DESCONHECIDA:** Ou é tim-tim-tim?

**1ª DESCONHECIDA:** Responda depressa!

**2ª DESCONHECIDA:** É bum-bum-bum?

**1ª DESCONHECIDA:** É pam-pam-pam?

**2ª DESCONHECIDA:** Ou é tim-tim-tim?

**1ª e 2ª:** Depressa!!

É bum-bum-bum?

É pam-pam-pam?

Ou é tim-tim-tim?

**JONAS:** Não sei!

**SEGUNDA:** Sabe, não é? Então me diga: qual é o tamanho da lua que a gente vê?

**PRIMEIRA:** É assim? (Faz gesto.)

**SEGUNDA:** Assim. (Idem.)

**PRIMEIRA:** Vai dizer que é maior? (Idem.)

**JONAS:** Não sei!

**PRIMEIRA:** Você não sabe responder nada? E perguntar, você sabe?

**JONAS:** Sei, claro!

**SEGUNDA:** "Eita!" Você sabe responder! E perguntar, você sabe?

**JONAS:** Claro que sei!

**PRIMEIRA:** Você respondeu de novo! E perguntar, você sabe?

**JONAS:** Sei, já disse!

**1ª e 2ª:** Então pare de responder e faça logo uma pergunta!

**JONAS:** Uma pergunta?

**SEGUNDA:** Sim! Agora faça outra!

**JONAS:** Outra?

**PRIMEIRA:** Sim! Agora faça outra!

**JONAS:** Eu?

**SEGUNDA:** Eu? Outra? Uma pergunta? Você só pergunta besteira!

**PRIMEIRA:** Ah, vamos embora! (Saem as duas.)

**JONAS:** Está bem! Eu pergunto! Onde é que mora o Grampo?

**1ª e 2ª** (voltando): Eu sei!

**JONAS:** Onde é?

**1ª e 2ª:** Ele perguntou pra mim!  
**1ª e 2ª:** Nada disso, foi pra mim!  
**1ª e 2ª:** Pra mim! Quem vai responder sou eu!  
**1ª e 2ª:** Sou eu!  
**1ª e 2ª:** Não responda, por favor!  
**1ª e 2ª:** Está bem, eu não respondo.  
**1ª e 2ª:** Mas você também não responde!  
**1ª e 2ª:** Certo.  
**1ª e 2ª:** Faça outra pergunta!  
**JONAS:** Onde é que eu estou?  
**PRIMEIRA:** Você? Você está com o pé em cima, como é que eu posso ver?  
**JONAS:** Tá Bom! (Muda de lugar.) E agora? Podem me dizer onde é que eu estou?  
**SEGUNDA:** Agora, você está com o pé em cima, como é que a gente pode ver?  
**JONAS:** Então me digam onde é que eu estava. Podem agora?  
**PRIMEIRA:** Ora, você estava aqui!  
**JONAS:** Ah, deixa pra lá.  
**SEGUNDA** (se afasta): Pronto, deixei.  
**PRIMEIRA:** Eu também?  
**JONAS:** Também!  
**PRIMEIRA:** Pronto, e agora?  
**JONAS:** Agora, fora!!! (Saem as duas falando uma língua que não existe.) Ei! Pra onde vocês vão com tanta pressa? (Pausa.)  
**JONAS:** Jonas!  
**VOZ:** Oi!  
**JONAS:** Jonas!  
**VOZ:** Oi! Oi!  
**JONAS:** Jonas?  
**VOZ** (mais perto): Oi! Oi! Oi!  
**JONAS:** Oi!  
**MÃE** (entra puxando um grande berço em forma de cesta, protegido por um cortinado de filó): Oi!  
**JONAS:** Oi!

**MÃE:** Você é um sapo?  
**JONAS:** Eu, não.  
**MÃE:** Você é um príncipe, eu devia imaginar!  
**JONAS:** Você procura um príncipe?  
**MÃE:** Não eu procuro um sapo. Oi! Oi!  
**JONAS:** Pra que?  
**MÃE:** Pra dar um beijo!  
**JONAS:** Você gosta de beijar sapos?  
**MÃE:** Não é pra mim, é pra Sônia!  
**JONAS:** Sônia é uma sapa?  
**MÃE:** Sônia é minha filha!  
**JONAS:** Sua filha é uma sapa?  
**MÃE:** Não!!! Minha filha é uma Sônia! Olhe. (Puxa a cortina do berço.)  
**JONAS:** Mas ela é uma boneca!  
**MÃE:** Não é uma boneca, minha filha?  
**JONAS:** Ela está dormindo?  
**MÃE:** Sim. E ela só vai acordar quando for beijada por um sapo. Mas não existem mais sapos por aqui. Oi! Oi! Todos os sapos que eu conhecia já beijaram outras Sônias e viraram príncipes. E minha Sônia ficou sem sapo.  
**JONAS:** Eu sinto muito.  
**MÃE:** Mas hoje eu acho um! Oi! Oi! Oi! Senão o que é que o Grampo vai pensar de mim?  
**JONAS:** O Grampo?  
**MÃE:** Sim, ele vai olhar pra mim, e vai pensar: que mãe é essa que não consegue arranjar um sapo para a própria filha!  
**JONAS:** Talvez eu possa ajudar...  
**MÃE:** Você não passa de um príncipe! E príncipes não servem para nada!  
**JONAS:** Mas eu não sou príncipe!  
**MÃE:** Claro que é! Olhe para suas mãos; você tem mãos de príncipe!  
**JONAS:** Eu não acho que tenha mãos de príncipe.  
**MÃE:** Você conhece todas as mãos

de todos os príncipes?

**JONAS:** Não.

**MÃE:** Então como é que você pode saber que suas mãos não são as de um príncipe? Hein?

**JONAS:** Digamos que eu seja um príncipe. Se um príncipe beijasse a sua Sônia, ela acordaria?

**MÃE:** Sim.

**JONAS:** Dá licença.

**MÃE:** Mas o príncipe viraria um sapo.

**JONAS:** Eu não acredito que possa virar um sapo.

**MÃE:** É só você beijar minha Sônia: você vira um sapo, ela se acorda, mas vai ter que lhe beijar de novo pra você voltar a ser príncipe. E então ela pega no sono de novo.

**JONAS:** Eu não acredito nisso.

**MÃE:** Então tente.

**JONAS:** Tento?

**MÃE:** Tente! (Jonas a beija.)

**JONAS:** Está vendo? Eu a beijei...

**MÃE:** Ela está acordando...

**JONAS:** E eu não estou virando...

**MÃE:** Você já virou um sapo.

**JONAS:** Eu não!

**MÃE:** Virou!

**JONAS:** Não virei!

**MÃE:** Claro que virou!

**JONAS:** Claro que não!

**MÃE:** Não adianta espernear, porque você agora é um sapo. Você não "sapa de um passo."

**JONAS:** Como?

**MÃE:** Você não "sapa de um passo"!

**JONAS:** Você quer dizer, você não passa de um sapo.

**MÃE:** Eu não, você! Você é que não "sapa de um passo".

**JONAS:** Está bem, eu! Mas o certo é: eu não passo de um sapo!

**MÃE:** Isso! Diga de novo!

**JONAS:** Eu não passo de um sapo!

**MÃE:** Certíssimo! Mais uma vez!

**JONAS:** Eu não passo de um...

**MÃE:** De um...

**JONAS** (idéia): Como é que eu posso ser um sapo se eu tenho mãos de príncipe? Hein?

**MÃE:** Suas mãos nada significam já que você se comporta como um sapo. Já que as suas intenções são as de um sapo!

**JONAS:** Minhas intenções não são as de um sapo!

**MÃE:** São sim!

**JONAS** (idéia): O que você sabe sobre as minhas intenções, para dizer que elas são as de um sapo?

**MÃE:** E o que você sabe sobre as intenções de um sapo pra dizer que elas não são as suas?

**JONAS** (idéia): E se eu lhe disser que eu sei tudo sobre as intenções de um sapo?

**MÃE:** Se você sabe tudo sobre as intenções de um sapo, você só pode mesmo é ser um sapo! (Pausa.) Sônia, beije esse sapo.

**SÔNIA:** Oh, mamãe! Você só me acorda pra me fazer beijar sapos! Toda vez! Mal eu abro os olhos, e você manda logo - Sônia beije sapo! Você sabe que eu detesto beijar sapos! (Pausa.) Venha cá, seu sapo. (Beija-o.)

**MÃE:** E agora seu príncipe, nunca mais chegue perto da minha Sônia! Adeus!

**JONAS:** Ei! Você sabe onde posso encontrar o Grampo?

**MÃE:** O Grampo? Sei, sim!

**JONAS:** E o que eu tenho que fazer para encontrá-lo, você sabe?

**MÃE:** Sei, sim! Você tem que se apressar que já é tarde! É quase meia-noite. (Sai.)

**JONAS:** Jonas! Pra onde é que você

foi? Jonas! Onde é que você está? E agora, Jonas, pra onde é que você vai?

**VOZ:** Fique onde está!

**JONAS:** O quê?

**VOZ:** Você não vai a lugar algum. Não se mexa. Qualquer movimento suspeito e você poderá se arrepender. (Jonas tenta fugir.) Eu disse, não se mexa!

**JONAS:** Está bem! Mas porque isso?

**DÉBORA** (entra no topo de uma escada, puxada por um pajem): Parado.

**JONAS:** O que é que está acontecendo?

**DÉBORA:** Paradíssimo. Super parado. Isso. Agora olhe para mim.

**JONAS:** Quem é você?

**DÉBORA** (retira o véu, sua cabeça é escondida por sua elegante cigarrilha.): Meu nome é Débora. Mas eu me chamo Dé-bo-bo-bo-bo-bo-bo-bora, porque eu sou gaga. Muito prazer em lhe caçar.

**JONAS:** Me caçar?

**FLAI** (tem o aspecto de um mágico, entra no topo de uma escada puxada por um pajem.): O prazer é todo meu! (Os dois pajens começam a miar.)

**DÉBORA:** Desgraça! Quem vejo! Flai! O velho Flai! Já veio atrapalhar minha caçada?

**FLAI:** Não diga tolices! Você é que vive tentando se apoderar das minhas presas! Mas dessa vez eu cheguei a tempo de impedir que você o roube de mim.

**JONAS:** Do que é que vocês estão falando?

**DÉBORA:** Ora, como se atreve seu... Seu... Seu... (Os pajens miam mais alto.) E mande seu gato se calar!

**FLAI:** Mande o seu!

**DÉBORA:** Calemos os dois a um só miado.

**DÉBORA e FLAI:** Miau!!! (Os pajens calam-se.)

**JONAS:** Eu quero falar! Eu devo informar aos senhores que está havendo um terrível engano por aqui.

**FLAI:** Que bela caça, hein?

**DÉBORA:** Belíssima!

**JONAS:** Vocês estão falando de mim é? Por acaso a bela caça sou eu? Esperem aí, quem vocês estão pensando que eu sou?

**DÉBORA:** Ainda não pensei sobre isso.

**FLAI:** Nem eu. No momento eu só quero saber como é que vamos repartir.

**DÉBORA:** Nada de repartir! Eu quero ele inteiro. Você não vai ficar nem com uma pata!

**FLAI:** Pior pra você! Você conhece meus poderes, não conhece?

**DÉBORA:** Eu, não!

**FLAI:** Conhece, não conhece?

**DÉBORA:** Pessoalmente não.

**FLAI:** Conhece, não conhece?

**DÉBORA:** Assim de vista.

**FLAI:** Então lá vai: flai-ai-ai-ai-ai! (Os pajens berram.) Flai-ai-ai-ai-ai! Flai-ai-ai-ai-ai! E mande o seu bode se calar!

**DÉBORA:** Mande o seu!

**FLAI:** Mandemos os dois a um só berro.

**DÉBORA e FLAI:** Bé!!!

**JONAS:** Foi um prazer conhecer vocês. Vocês foram muito simpáticos e grandes caçadores. Os dois. Mas eu tenho um compromisso e depois a gente se fala. (Corre.)

**DÉBORA:** Ei! (Atira a abóbora para Jonas e ele a agarra.) Essa abóbora explodirá dentro de

poucos segundos e esse bosque inteiro irá pelos ares! A não ser que você me devolva a tempo. (Jonas hesita, depois corre devolve a abóbora. Débora a recebe calmamente. Os pajens latem em volta de Jonas.)

**JONAS:** Mande esses cachorros se calarem!

**DÉBORA:** A um só latido?

**FLAI:** A um só latido.

**DÉBORA e FLAI:** Au!!!

**FLAI:** Eu não posso perder mais tempo. Vamos resolver logo isso que já é tarde, é quase meia-noite.

**DÉBORA:** Flai, seu vigarista, o que foi que você caçou até agora?

**FLAI:** Um porco, duas antas e três macacos. E você?

**DÉBORA:** Um porco, duas antas e três macacos.

**FLAI:** E um cacho de bananas. Pensa que eu não vi?

**DÉBORA:** Ah, foi! Um cachinho de bananinhas anãs.

**FLAI:** Mentira! Um cachão de bananas compridas.

**DÉBORA:** E daí?

**FLAI:** Eu faço um acordo: você me dá seu cacho de bananas e pode ficar com ele.

**DÉBORA:** Pensa que eu sou besta? Ele não vale nem uma banana, quanto mais um cacho! Pense outra coisa.

**FLAI:** Pense você.

**DÉBORA:** Pensei.

**FLAI:** O quê?

**DÉBORA:** Pensei que você tivesse alguma idéia.

**FLAI:** Você não tem nenhuma idéia?

**DÉBORA:** Eu não.

**FLAI:** Então quebre a cabeça.

**DÉBORA:** Quebre você.

**FLAI:** Quebremos os dois a uma só

paulada. (Cada pajem dá uma marretada a seu amo. Cada amo dá uma marretada na cabeça do seu pajem. Retiram das cabeças destes, primeiro estrelinhas, que jogam pelo ar, depois um papel onde está escrito uma idéia. Os amos lêem as idéias enquanto seu pajens vêem estrelas.)

**DÉBORA:** Que idéia ótima! Pena que não serve.

**FLAI** (encara seu pajem com um olhar diabólico): Que idéia louca!

**DÉBORA:** Vamos resolver isso no braço.

**FLAI:** Isso! No braço! Estamos resolvidos! Me dê um abraço. (Ela abraça a si mesma.) Aaai! Agora sou eu. (Ele se abraça.)

**DÉBORA:** Oooh! (Para Jonas.) Agora me dê o seu braço.

**JONAS:** Eu?

**FLAI:** Claro! Vamos resolver isso no seu braço. (Débora e Flai, cada um segurando num braço de Jonas, sobem suas respectivas escadas.)

**DÉBORA e FLAI** (para os pajens): Puxa! (Os pajens embaixo das escadas começam a puxá-las em direções opostas.)

**JONAS:** Ai!

**DÉBORA e FLAI:** Puxa!

**JONAS:** Ei, pare com isso! Vocês estão me esticando! Me desestica! Me desestica!

**DÉBORA e FLAI:** Puxa!

**JONAS:** Pra que é que vocês me querem? Eu não sirvo pra nada! Sou muito magro, ó! Eu ronco de noite! Eu tenho pé chato! Eu... Eu... Me desestica!

**DÉBORA e FLAI:** Puxa!

**JONAS:** O que é que vocês querem de mim?

**FLAI:** Eu vou dar você de presente pro

Grampo.  
**DÉBORA:** Eu vou dar você de presente pro Grampo.  
**JONAS:** Pro Grampo? De presente?  
**DÉBORA E FLAI:** Puxa!  
**JONAS:** Mas eu não sou presente, eu sou gente!  
**FLAI:** Presente, gente, quente!  
**DÉBORA:** Tente.  
**FLAI:** Invente.  
**DÉBORA:** Mente.  
**FLAI:** Rente.  
**DÉBORA:** Sente.  
**FLAI:** Lente.  
**DÉBORA:** Dente.  
**FLAI:** Pente.  
**DÉBORA:** É...  
**FLAI:** Puxa!  
**JONAS:** Para com isso!  
**DÉBORA:** Isso, feitiço!  
**FLAI:** Atiço.  
**DÉBORA:** Compromisso.  
**FLAI:** Caniço.  
**DÉBORA:** Ouriço.  
**FLAI:** É...  
**DÉBORA:** Puxa!  
**JONAS:** Para!  
**FLAI:** Para, cara!  
**DÉBORA:** Rara.  
**FLAI:** Sara.  
**DÉBORA:** Tara.  
**FLAI:** Vara.  
**DÉBORA:** Vara é nome próprio, não vale.  
**FLAI:** Mais foi vara de cutucar que eu disse.  
**DÉBORA:** Mas o nome da idiota da sua prima também é Vara! Vara não vale.  
**FLAI:** Vara vale!  
**DÉBORA:** Vara não vale!  
**FLAI:** Vale, sim!  
**DÉBORA:** Não vale!  
**FLAI:** Vale!  
**DÉBORA:** Não vale!

**JONAS:** Psiu!  
**DÉBORA e FLAI:** O que foi que você disse?  
**JONAS:** Psiu.  
**FLAI:** Psiu?  
**DÉBORA:** Psiu?...  
**FLAI:** Psiu?...  
**DÉBORA:** Psiu?... Eu não sei nenhuma palavra, você sabe?  
**FLAI:** Não.  
**DÉBORA:** Você venceu.  
**JONAS:** Eu?  
**FLAI:** É pode pedir o que quiser.  
**JONAS:** Eu?  
**DÉBORA e FLAI:** É!!!  
**DÉBORA:** Peça logo!  
**FLAI:** Um macaco.  
**DÉBORA:** Uma anta, um porco.  
**FLAI:** Peça uma banana!  
**JONAS:** Eu quero uma informação. Como é que eu posso encontrar o Grampo?  
**DÉBORA e FLAI:** Pra quê?  
**JONAS:** Eu preciso entregar isso a ele. (Débora e Flai olham para a rosa e se olham perplexos.) Como é que é? Eu quero a minha informação. O que é que eu tenho que fazer para encontrar o Grampo?  
**DÉBORA:** Você precisa encontrar a bruxa.  
**JONAS:** E como é que eu encontro a bruxa? (Débora dá de ombros, Jonas apela para Flai.)  
**FLAI:** Por que você não fez essa pergunta em vez da outra? Agora é tarde. Você já gastou o seu pedido.  
**DÉBORA:** E agora, saia da minha frente.  
**FLAI:** Quanto a você Débora, a gente se vê por aí. Ainda te pegarei numa caçada.



**DÉBORA:** E eu pegarei tua caça, Flai!  
Bye!

**FLAI:** Bye. (Débora vai saindo em suas escadas puxada pelos pajens. Em baixo das escadas os pajens cantam.)

**PAJENS:** Um dia passei  
Em baixo de uma escada  
O azar que deu  
Foi nunca mais sair  
De baixo de uma escada  
Que azar que dá  
Viver o tempo todo  
Em baixo de uma escada  
Que azar que dá  
Viver o tempo todo  
Em baixo de uma escada

**JONAS (só):** Jonas você se meteu numa fria, sabia? Como é que eu vou encontrar o Grampo? Como é que eu vou encontrar a bruxa? (A bruxa vai entrando como se estivesse se escondendo de alguém. De início não avista Jonas que se aproxima por trás dela.) Ei!

**BRUXA:** Não me belisque, por favor, não me belisque!

**JONAS:** Calma eu não vou lhe beliscar!

**BRUXA:** Ah, desculpe. Pensei que fosse o sabiá.

**JONAS:** Que sabiá?

**BRUXA:** Não sabia? Ele vive atrás de mim querendo me beliscar.

**JONAS:** Por quê?

**BRUXA:** Porque eu sou uma goiaba.

**JONAS:** Você?

**BRUXA:** Para todos os pássaros eu sou uma goiaba. Menos pro Beija-flor.

**JONAS:** E você é uma goiaba?

**BRUXA:** Só para os pássaros.

**JONAS:** Mas isso não dá certo!

**BRUXA:** Você não pode entender. Você é do reino a ver estrelas, eu

sou do país do navegar.

**JONAS:** Como é?

**BRUXA:** Aí, lá vem ele de novo!

**JONAS:** Quem?

**BRUXA:** O sabiá!

**JONAS:** Se abaixe!

**BRUXA:** Por pouco, hein?

**JONAS:** Ora mas isso é um absurdo!

Ninguém pode sair por aí beliscando os outros assim! Deixe ela em paz, ouviu seu sabiá? Por que ela não é uma goiaba! Ouviu? Ela não é uma goiaba! Ela é uma bruxa!

**BRUXA:** Uma bruxa?...

**JONAS:** E você pode me ajudar.

**BRUXA:** Uma bruxa?

**JONAS:** Você vai me ajudar?

**BRUXA:** Mas é a primeira vez que eu sou uma bruxa. Eu nunca fui uma bruxa antes.

**JONAS:** Nunca?

**BRUXA:** Nunca. Você não quer mudar de idéia?

**JONAS:** Mudar de idéia?

**BRUXA:** Tem certeza que eu sou uma bruxa? Eu queria que você mudasse de idéia.

**JONAS:** Mas eu não posso mudar de idéia.

**BRUXA:** Por que não?

**JONAS:** Porque não fui eu quem teve essa idéia.

**BRUXA:** E quem foi?

**JONAS:** Você não pode entender. Você é do país do navegar, eu sou do reino a ver estrelas.

**BRUXA:** É que é a primeira vez que alguém me vê assim. (Canta.)

Porque você me vê

Com essa cara de bruxa chata

Por que você me vê

Com essa cara de bruxa

Pode perguntar pro sol.

Ele vai dizer que  
Eu sou um rio.  
Pergunte para aquele rio.  
Ele vai dizer que eu sou uma  
Folha. Pergunte para aquela árvore.  
Ela vai dizer que eu sou o vento.  
Por que você me vê  
Com essa cara...

Pergunte pro fogo e ele  
vai dizer que eu  
Sou de brasa. Pergunte pro  
frio e ele vai  
Dizer que eu sou de gelo.  
Não pergunte  
Pro vento, não, ele vai  
dizer que eu sou  
De nada. Pergunte pro meu  
coração...  
Ele vai dizer que eu sou de você.

Porque você me vê  
Com essa cara de bruxa chata...

**JONAS:** Eu quero lhe dizer que eu não  
tenho certeza se você é mesmo  
uma bruxa.

**BRUXA:** Não?

**JONAS:** Não. Mas eu sei que eu...

**BRUXA:** Que você o quê?

**JONAS:** Eu sei que eu... (Som de  
música.) Que aconteceu?

**BRUXA:** Não está ouvindo? Começou  
a temporada do pólen. É a  
época que as flores nascem mais  
belas, os bichos crescem mais  
rápido, e os amores não duram  
mais que um segundo. Eu só  
posso lhe querer se você não me  
quiser. (Sai.)

**JONAS:** Ei! (Entram os namorados  
cantam e dançam.)

**INÍCIO DA MÚSICA:**

Abriu o botão da flor.  
Bem me quer mal me quer

Eu só posso lhe querer se você não  
me quiser.

**NAMORADOS:**

Se você me quer  
Eu não lhe quero  
Eu só lhe quero  
Se você não me quiser  
Quando você se abusar  
E não quiser mais me ver  
Aí então é que eu posso lhe querer

Te quero, te quero, te quero tanto  
Que meu coração chega sai do  
canto

Toda vez que eu te vejo fico tonto  
Te quero, te quero, te quero  
Quero, não te quero

Agora eu quero  
Não te quero mais, sai  
Agora eu quero

Sai  
Agora eu quero  
Sai

Só você me quer  
Eu não lhe quero...

(No final da música Jonas e a Bruxa se  
encontram.)

**JONAS:** Ei, espera!

**BRUXA:** Não posso, estamos na  
temporada do pólen. Eu só posso  
lhe querer se você não me quiser.

**JONAS:** E quando é que isso termina?

**BRUXA:** Está terminando.

**JONAS:** Pronto?

**BRUXA:** Ainda não!

**JONAS:** E agora? (A música vai  
acabando... Acaba.)

**BRUXA:** Terminou, mas agora é tarde, é  
quase meia-noite. Eu tenho que ir  
embora.

**JONAS:** Pra onde?

**BRUXA:** Pra torre do castelo. Eu vou  
esperar o Grampo.

**JONAS:** O Grampo? Por quê?

**BRUXA:** Porque ele vai me levar a rosa dos ventos.

**JONAS:** E pra que é que você quer uma rosa?

**BRUXA:** Você não pode entender. Você é do reino a ver estrelas, eu sou do país do navegar. (Sai.)

**JONAS:** Espera! Eu posso entender! Eu tenho a rosa dos ventos! Eu mudei de idéia! (Pausa.) Jonas, o Grampo vai ter que esperar. Quem vai à torre do castelo... (Tira o óculos.) Sou eu!

**PRIMEIRA DESCONHECIDA:** Pra onde é que você vai com tanta pressa?

**JONAS:** Eu vou pra torre.

**PRIMEIRA:** Que torre?

**JONAS:** A torre do castelo.

**PRIMEIRA:** E esse castelo tem torre?

**JONAS:** Tem! Deixa eu passar.

**PRIMEIRA:** Ah, que pressa é essa? Vem, você conhece o salão?

**JONAS:** Não.

**PRIMEIRA:** Então vem, vamos dançar um pouco!

**JONAS:** Já é tarde, e quase meia-noite.

**PRIMEIRA:** Ah, vem, vamos dançar um pouco! Vem:

Dance comigo só uma canção  
Rodando bem muito por esse salão  
Pulando com pé agarrando com a  
mão

Eu te dou uma rasteira e você cai no  
chão

(Dá uma gargalhada e sai.)

**SEGUNDA DESCONHECIDA:** Pra onde é que você vai com tanta pressa?

**JONAS:** Eu vou pra torre.

**SEGUNDA:** Que torre?

**JONAS:** A torre do castelo.

**SEGUNDA:** E esse castelo tem torre?

**JONAS:** Tem!

**SEGUNDA:** Vem cá, vamos até a varanda.

**JONAS:** Pra quê?

**SEGUNDA:** Eu quero lhe contar uma coisa.

**JONAS:** Já é tarde.

**SEGUNDA:** Que pressa!

**JONAS:** É quase meia-noite.

**SEGUNDA:** Que coisa! Eu quero lhe contar uma coisa! e que coisa! Vamos até a varanda, você soube do filho do elefante nasceu sem falar?

**JONAS:** Ele é mudo.

**SEGUNDA:** Não. Mas nasceu sem falar.

**JONAS:** Espertinho ele, não?

**SEGUNDA:** Espertíssimo! quando ele crescer vai ser um gênio. (Sai.)

**PRIMEIRA:** Pra onde é que você vai com tanta pressa?

**JONAS:** Eu vou para a torre. Pra torre do castelo. E esse castelo tem torre sim!

**PRIMEIRA:** Eu sei! Mas também tem uma escada. Você não quer subir a escada?

**JONAS:** Não!

**PRIMEIRA:** E como é que você vai para a torre?

**JONAS:** Ah, sim.

**PRIMEIRA:** Assim como?

**JONAS:** Nada, não.

**PRIMEIRA:** Ah, sim. Vamos! (Sobem. Jonas continua subindo.)  
Chegamos!

**JONAS:** Ah!

**PRIMEIRA:** Agora vamos descer aquela escada ali!

**JONAS:** Não!

**PRIMEIRA:** Já estamos descendo. (Descem. Ela continua descendo.)

**JONAS:** Chegamos.

**PRIMEIRA:** Ah! (Sai.)

**SEGUNDA:** Eu nem quero saber pra onde você vai com tanta pressa!

**JONAS:** Ainda bem!

**SEGUNDA:** Eu só sei que antes você

vem aqui, comigo.

**JONAS:** Aonde?

**SEGUNDA:** No corredor.

**JONAS:** Eu estou com pressa.

**SEGUNDA:** Eu é que estou morrendo de pressa de lhe contar uma coisa. Depressa, vem! Você soube que os cabelos da Jura pararam de crescer?

**JONAS:** Como foi que você soube?

**SEGUNDA:** Eu me econtrei com ela, fiquei olhando pros cabelos dela e eu não vi eles crescerem.

**JONAS:** Não viu?

**SEGUNDA:** Não vi.

**JONAS:** Jura?

**SEGUNDA:** Ela mesma. (Jonas vai saindo.)

**PRIMEIRA:** Onde é que você vai com tanta pressa?

**SEGUNDA** (para a primeira): E você, pra onde é que você vai com tanta pressa?

**PRIMEIRA:** Eu vou mostrar a ele o porão do castelo.

**SEGUNDA:** Nada disso, ele vai comigo ver a cozinha.

**JONAS:** Eu já disse que vou pra torre!

**PRIMEIRA:** Fazer?

**SEGUNDA:** É mesmo. Fazer?

**JONAS:** Eu vou levar essa rosa.

**1ª e 2ª:** Você é o Grampo! (Batem palmas.)

**JONAS:** Não! Eu não consegui encontrar o Grampo, por isso eu mesmo vim trazer.

**1ª e 2ª:** Você é o Grampo! (Mais palmas.)

**JONAS:** Eu já disse que não sou!

**1ª e 2ª:** Eu já disse que você é! Que entrem os presentes!

**JONAS:** Pra mim? (Entram os marinheiros.)

**PRIMEIRA:** Jonas!

**PRIMEIRO:** Presente!

**SEGUNDA:** Jonas!

**SEGUNDO:** Presente!

**PRIMEIRA:** Jonas!

**TERCEIRO:** Presente!

**SEGUNDA:** Jonas!

**QUARTO:** Presente!

**PRIMEIRA:** Jonas!

**1º, 2º, 3º e 4º:** Oi, Jonas!

**JONAS:** O que é que vocês estão fazendo aqui?

**1º, 2º, 3º e 4º:** Nós somos Jonas, o dono dessa casa.

**JONAS:** E o que é que vocês estão fazendo aqui?

**1º, 2º, 3º e 4º:** Nós somos o dono dessa casa.

**JONAS:** Vocês já disseram isso, eu quero saber o que é que vocês estão fazendo aqui.

**1º, 2º, 3º e 4º:** Nós? Nada!

**JONAS:** Nada? Estranho!

**1º, 2º, 3º e 4º:** E você está fazendo o que?

**PRIMEIRA:** Ele é o Grampo!

**SEGUNDA:** Em pessoa!

**PRIMEIRO:** Não diga!

**SEGUNDO:** Vejam só!

**TERCEIRO:** Ora, ora!

**QUARTO:** O Grampo em pessoa!

**JONAS:** Eu não sou o Grampo, será que vocês não entendem? Eu sou do reino a ver estrelas!

**PRIMEIRO:** E o que é que você está fazendo aqui?

**JONAS:** Ora, foi por causa de vocês que eu vim parar aqui!

**PRIMEIRO:** Pra você ver como é que são as coisas!

**JONAS** (decidido): Por que é que vocês me trouxeram até aqui?

**1º, 2º, 3º e 4º:** Pra você ver como é que são as coisas.

**JONAS:** Pronto. Eu já vi como é que são as coisas. E agora?

**1º, 2º, 3º, 4º, 1ª e 2ª:**

Agora me diga o que é melhor  
Navegar ou ficar a ver estrelas  
Pense rápido, responda logo  
É tarde, é quase meia-noite

**JONAS:** Agora eu preciso ir.

**1º e 2º:** Pra onde é que você vai com  
tanta pressa?

**JONAS:** Eu vou pra torre. (Sai.)

**1º, 2º, 3º e 4º:** Que torre?

**1º e 2º:** A torre do castelo!

**JONAS** (na torre): Olhe, eu trouxe a  
rosa dos ventos. (Atira a rosa para  
a Bruxa.)

**BRUXA:** Isso é uma rosa? E onde estão  
as pétalas?

**JONAS:** As pétalas foram-se embora  
com os ventos do navegar.

**1º, 2º, 3º, 4º, 1º e 2º:**

Agora me diga o que é melhor  
Navegar ou ficar a ver estrelas

**BRUXA:**

Pense rápido, responda logo

É tarde, é quase meia-noite

**JONAS** (na janela a ver estrelas):

Agora me diga o que é melhor

Navegar ou ficar a ver estrelas

**1º, 2º, 3º, 4º, 1º e 2º:** Pense rápido,  
responda logo

**E BRUXA:** É tarde, é quase meia-noite

**TODOS:** Agora me diga o que é  
melhor

Navegar ou ficar a ver estrelas

Agora me diga o que é melhor

Navegar ou ficar a ver estrelas.

**FIM**

João Falcão. Madrugada de 20-06-85. O vento apita



# **Maiores de 14 anos**

(e para amadores adultos)

**Farsa da boa preguiça**

Ariano Suassuna





# FARSA DA BOA PREGUIÇA

Ariano Suassuna

- I - O PERU DO CÃO COXO
- II - A CABRA DO CÃO CAOLHO
- III - O TICO AVARENTO

## PERSONAGENS:

---

Manuel Carpinteiro  
Miguel Arcanjo  
Simão Pedro  
Aderaldo Catacão  
Andreza, a Cancachorra  
Nevinha  
Joaquim Simão  
Dona Clarabela  
Fedegoso, o Cão Coxo  
Quebrapedra, o Cão Caolho

### PRIMEIRO ATO

O Cenário representa uma espécie de pátio ou praça, com a casa do rico de um lado (com alpendre, janelão e um baú) e a casa do pobre do outro. Perto desta há um banco, no qual o poeta se deita ao sol, nos momentos de maior preguiça. Mas a peça pode ser montada sem cenário, como, aliás, acontece nos espetáculos populares do Nordeste, em cujo espírito ela se baseia. Quando as luzes se acendem, estão em cena Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo e Simão Pedro. Manuel Carpinteiro é alto, moreno, veste terno e camisa brancos, com sapatos brancos e de sola de borracha, e usa gravata-borboleta azul; na cabeça um chapéu de

massa, de cor cinza e de abas curfíssimas. Miguel Arcanjo, seu secretário, é um homem gordo, de bigode e costeletas, com chapéu igual ao do chefe, camisa de malha escarlate, brilhante, e tem na mão uma maleta, de onde retira, de vez em quando, uma balança e uma cobra, dessas que se mexem. Presume-se, com certo matiz cômico que, dentro da maleta, estão uma cobra e um jacaré enormes - como, aliás, acontece com os "homens-da-cobra", os camelôs da propaganda popular dos pátios e das feiras do Nordeste. Simão Pedro veste pobremente e tem utensílios populares de pesca na mão. Para as roupas usadas na Farsa (como em

todas as minhas peças, aliás), duas coisas devem ser levadas em conta: primeiro, que o povo nordestino em geral e em particular os atores dos espetáculos populares conseguem, com imaginação maravilhosa, criar a beleza, a grandeza e o festivo partindo da maior pobreza; em segundo lugar, que, no meu teatro, a roupa nunca é somente um acessório apenas decorativo: tem sempre uma função teatral a desempenhar. A luz começa baixa e somente depois, obedecendo à ordem de Manuel Carpinteiro, é que sobe para o normal.

**MANUEL CARPINTEIRO** (em tom de camelô): O cavalheiro pode vir aqui - inteligente e culto como é - O Fogo escuro, o enigma deste Mundo e o rebanho dos Homens em seu centro! Que palco! Quantos planos! Que combates! Embaixo, o turvo, as Cobras e o Morcego. No meio, o que esta Terra tem de cego e esquisito. Em cima, a Luz angélica - esta Luz mensageira. Com seu vento de fogo puro e limpo! Embaixo, três Demônios que aqui passam.

(Andreza, Fedegoso e Quebrapedra cruzam a cena, vestidos com roupas populares, Andreza com algo de cigana.) Daqui, quatro pessoas que aí vão. (Aderaldo, Clarabela, Simão e Nevinha cruzam a cena. Aderaldo veste de maneira rica, pretensiosa e feia, e sua mulher, Clarabela, com o falso refinamento grã-fino, última moda. Simão veste com a elegância dos miseráveis, isto é, de modo pobre mas imaginoso e decorativo. Nevinha, ajeitada e bonitinha como pode.) De cima, entramos nós, dirigindo o espetáculo!

**UM DOS SANTOS:** São Pedro, o Pescador!

**UM ARCANJO:** Miguel, guerreiro Fogo! E eu, o lume de Deus, o Galileu! Dirá o cavalheiro: "É impossível! O Cristo, um camelô?" Mas não será verdade que o Cristo é o camelô de Deus, seu Pai? São essas minhas peças neste jogo! Agora, me pergunta o cavalheiro: "Que tem esse idiota pra mostrar?" É simples: duas Cobras venenosas, um Jacaré terrível, e a luta que esses três irão travar contra um Pássaro alado e benfazejo! A feroz Sucuri do Alto Amazonas! O feroz Jacaré do rio Una, e esta Jóia vermelha, a Ave-do-Paraíso! Secretário, olhe a maleta: como estão?

**MIGUEL ARCANJO:** Estão ferozes! Uma coisa terrível!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Aqui, como no palco deste mundo, essas forças se vão entrecruzar. Aqui é a casa do pobre, do poeta Joaquim Simão.

**SIMÃO PEDRO:** Em frente mora o ricaço Aderaldo Catacão.

**MANUEL CARPINTEIRO:** Aqui se passa a história, vamos ver quem tem razão.

**MIGUEL ARCANJO:** Eu quero lhe contar o que há, Senhor! O senhor sabe: como Anjo, não posso ser mentiroso! O tal do Joaquim Simão é um poeta preguiçoso, que, detestando o trabalho, vive atolado e ainda tem coragem de se exibir alegre e animoso!

**SIMÃO PEDRO:** Você detesta a preguiça mas é porque nunca trabalhou! Sempre foi Anjo! Assim é bom! Você, São Miguel, nunca teve, como eu tive, de enfrentar

mar roncador, dando duro na tarrafa, atrás do peixe ligeiro, fino, veloz nadador. O trabalho nas costas nunca lhe doeu! Sei que é um Anjo importante, corajoso, limpo, claro e que ao Demônio venceu! Mas você nunca foi homem: eu fui um! Você nunca deu um dia de serviço a homem nenhum!

**MIGUEL ARCANJO:** Nosso Senhor, o que acha?

**SIMÃO PEDRO:** O que ele acha, eu não sei! Mas pergunte a São José, o velho dele, o pai dele, junto de quem eu morei: garanto que o Carpinteiro se pauta por minha lei!

**MIGUEL ARCANJO:** Ah, isso não! São José foi um Santo tão perfeito, que era uma espécie de Anjo, puro, limpo e satisfeito! Nunca enrolou no serviço: age assim quem é direito!

**SIMÃO PEDRO:** Se ele deu duro na vida, garanto que preguiçou. Quando as costas lhe doíam quantas vezes não gritou: "Ô Jesus! Ô Maria! Me armem aí uma rede pois a preguiça chegou!" Foi ou não foi, Nosso Senhor?

**MANUEL CARPINTEIRO:** Talvez, talvez, São Pedro! Nem tanto assim, nem tão pouco! Preguiçar demais, é ruim! Mas você também, São Miguel, não pense que duas vezes oito é dezessete! Ninguém também é obrigado a quebrar pedra de bofete!

**MIGUEL ARCANJO:** Na qualidade de Arcanjo, gosto dos espirituais! Mas sou também um Guerreiro e aprecio, até demais, alguém fogoso e inquieto, sequioso de

sempre mais!

**SIMÃO PEDRO:** Eu gosto é da paciência, e não vejo como exista paciência sem preguiça.

**MIGUEL ARCANJO:** Mas veja aí esses dois: Aderaldo Catacão que é rico, trabalha muito!

**SIMÃO PEDRO:** Pode haver safadeza no trabalho, e na preguiça pode haver criação! Agora, existe um costume dos ricos endemoninhados: como trabalham, se sentem no resto justificados. Pagam mal aos operários, oprimem os camponeses, acusam quem defende os pobres de ser do Mal instrumento, sopram dureza e maldade nos atos e pensamentos, dão-se à Avareza, à Luxúria, comem Fogo, bebem Ventos!

**MIGUEL ARCANJO:** Estes invejam dos pobres até a pura alegria! Pensam que o Cristo é um deles!

**MANUEL CARPINTEIRO:** E o Cristo foi sempre pobre!

**MIGUEL ARCANJO:** Mas, se amamos mais os pobres, não vamos idealizá-los! Vamos amá-los sabendo dos seus defeitos e qualidades!

**SIMÃO PEDRO:** Ah, isso é! Os intelectuais esquerdistas de boates é que vivem feito rapariga e mulher-dama - apaixonados pelos operários, pelos embarcadiços, e vendo no Povo só bondades, como se o Povo não fosse gente!

**MIGUEL ARCANJO:** Eu não sou assim não! Por isso, vivo de olho no tal do Joaquim Simão. Vejo esse moço, espichado, tocando sua viola, na toada do baião,

enquanto o rico trabalha de sol a sol, de inverno a verão!

**SIMÃO PEDRO:** Não sei como é que se tem coragem de reclamar contra o ócio criador da Poesia! O que acontece, Nosso Senhor, é que esse rico desgraçado, cada dia cria mais raiva de Joaquim Simão só e unicamente porque ele é poeta e sendo pobre, vive contente, sem a sede e a doença da ambição!

**MIGUEL ARCANJO:** Será só por isso mesmo?

**MANUEL CARPINTEIRO:** É o que vamos verificar. Será que eles são casados?

**MIGUEL ARCANJO:** O rico, Seu Aderaldo, eu sei que é! A mulher dele é toda cheia de visagens. Chama-se Clarabela. Como está na moda, coleciona cerâmicas populares, faz versos, pinta paisagens, protege os jovens artistas, coleciona móveis antigos, cristais, quadros e imagens!

**SIMÃO PEDRO:** Muito bem! Dona Clarabela ama a Arte, seus versos e coleções. Nevinha, a mulher do Poeta, ama o marido dela. Toma conta dos filhos, não faz cursos nem conferências, não se mete em discussões, cuida dele, ajeita a casa e reza suas orações.

**MANUEL CARPINTEIRO:** Vamos ver e apurar: depois se tem um roteiro para este caso julgar! Vamos, então, começar! As Cobras contra o Pássaro de Fogo, o Escuro contra a Luz, o Ócio contra o mito do Trabalho, o Espírito contra as forças cegas do Mundo! Os homens nesse meio, sepultados e ligados às Cobras pelo Mundo, pela desordem do

Pecado, e ligados ao Lume, ao claro, ao solar, por um Santo de carne, um Anjo de fogo e por aquele que é carne e fogo e se chamou Jesus! Vai começar! Comecem! Luz!

(Desaparecem. A luz sobe. Entram Aderaldo e Andreza, vindos da casa do primeiro.)

**ANDREZA:** O senhor não se preocupe, Seu Aderaldo, hoje seu encontro amoroso sai! Mais umas duas cantadas e a mulher do Poeta cai!

**ADERALDO:** Diga que para ela, eu vou ser muito mais do que um amante: um Pai! Você diz?

**ANDREZA:** E então? Digo tudo o que o senhor quiser!

**ADERALDO:** Diga que eu vendi tudo o que tinha na Cidade: fico, de vez, no Sertão! Meu dinheiro chega hoje: já está feita toda a transação! Vendi tudo. Apliquei o que tinha na compra de todo o gado do Sertão. Levarei a carne aos centros mais importantes! Já pensou? Tudo isso em minha mão? Minha mulher chegou ontem à noite: precisa assinar inúmeros documentos e me outorgar uma procuração. O dinheiro vem pelo Banco para a minha conta corrente: eu tiro esse dinheiro com um cheque e pago aos boiadeiros do Sertão. Com isso, açambarco todo o gado e triplico o que tenho em pouco tempo! Já viu o que é cabeça? A isso pode se chamar organização!

**ANDREZA:** É muito, hein, Seu Aderaldo?

**ADERALDO:** É bastante! Mas vamos deixar isso! Agora, o que eu quero é essa mulher! Esse Poeta

me irrita: diz o que vive como quer! Vou tomar a mulher dele da forma como quiser!

**ANDREZA:** Eu vou dar outra cantada nela. Vou trazê-la aqui agora!  
(Entra na casa de Joaquim Simão.)

**ADERALDO:** Está certo! E que seja sem demora! Eu vou me esconder aqui! Com mulher, meu estilo é uma mistura de bode e macaco! Se ela vier, chego por trás e, quando ela menos esperar, eu atraco!

(Escondem-se. Entram Andreza e Nevinha.)

**ANDREZA:** Pois é como eu lhe digo, Comadre: não bote essa caçada fora! Seu Aderaldo está louco por você! Você recebeu o bilhete? Olhe, Seu Aderaldo está assim feito um cabo de trinchete! E é um homem rico, Comadre!

**NEVINHA:** Pode ser rico como for: eu é que não vou nessa história! Sou casada com Simão, Dona Andreza, e Simão é minha fraqueza e minha glória!

**ANDREZA:** Comadre, deixe de ilusão! Deixe de ser abestalhada que esse negócio de fidelidade e amizade na pobreza não vale nada! Comadre, me diga uma coisa: seu marido lhe dá muitos vestidos?

**NEVINHA:** A situação dele é ruim, Dona Andreza, a gente não pode, assim, gastar! Mas Simão tem a mão aberta: quando ele pode, dá!

**ANDREZA:** Veja que vestido desgraçado, esse seu! Essa sua, isso é lá vida! A comadre é bonita e moça que faz gosto! Eu é que não queria ter uma mulher dessa pra deixar mal cuidada e

mal vestida!

**NEVINHA:** Dona Andreza, Simão me traz como pode e como Deus é servido!

**ANDREZA:** Está conversando, comadre! O que aquilo é, é um preguiçoso de marca! A única coisa que Joaquim Simão faz é tocar viola e cantar besteira e bendito! E é feio que tem a peste!

**NEVINHA:** Não acho!

**ANDREZA:** Se ao menos fosse bonito! Agora Seu Aderaldo não, é outra coisa! O homem nasceu pra trabalhar e pra juntar dinheiro! Está louco por você, Comadre! Aquilo não é amor mais não, é fome, é sede! Olhe, ele está assim, bestando, feito um armador de rede! Ele me disse que, no dia em que você visse um pé de agrado nele, ganhava um cento de vestido!

(Agarra o pé de Nevinha, que se solta.)

**NEVINHA:** Deus me livre de botar no corpo um vestido amaldiçoado e mal recebido!

**ANDREZA:** Comadre, deixe de ser mole! Se agarre com Seu Aderaldo que é um homem rico e bom! Ele me disse que no dia em que você visse uma perna de agrado nele, ganhava uma carroça carregada de batom!

(Agarra a perna de Nevinha, que se solta.)

**NEVINHA:** Nossa Senhora me guarde dessa pintura de Satanás!

**ANDREZA:** Comadre, deixe de ilusão! Eu vou chamar o rapaz!

**NEVINHA:** Dona Andreza, não faça uma coisa dessa! Não me azucrine mais!

**ANDREZA:** Ele me disse que, no dia em que você visse duas pernas e um bucho de agrado nele, ganhava um jumento carregado de sapato!

(Agarra o bucho de Nevinha, que a empurra.)

**NEVINHA:** Aquele homem tem é parte com o Cão! Você diga a ele que vá botar ferradura nas éguas dele, em mim, não!

**ANDREZA:** Comadre, não bote essa caçada fora que depois você vai se arrepender e será tarde! Ah, mulher besta dos seiscentos diabos! E tudo isso, por causa dum preguiçoso daquele! Aquilo é podre de preguiça!

**NEVINHA:** Dona Andreza, não diga uma coisa dessa que chega a ser uma injustiça! Se a senhora continua assim, eu não escuto mais! A senhora elogia, aí, esse ricaço! Sabe que meu marido é tão importante que a mulher do rico veio ontem para cá somente pra ver os versos que Simão faz?

**ANDREZA:** Comadre, deixe de ilusão! Você está vendo que aquelas besteiras que Joaquim Simão faz não valem nada? Tudo isso, foi coisa arranjada! Foi Seu Aderaldo que arranjou, para agradar você! Foi tudo pra ver se você via duas pernas, um bucho e um pescoço de agrado nele. Se você não facilita, está perdida a caçada: você e Joaquim Simão terminam ficando sem nada!

(Acaricia o pescoço de Nevinha, que a empurra.)

**NEVINHA:** É o quê! Você está enganada! O que Simão escreve é feio? É nada! Eu sempre achei o que Simão faz muito bonito!

Dona Clarabela, a mulher de Seu Aderaldo, é a maior entendida nessas histórias de folheto e bendito! Vem do Recife pra ver: vem pra fazer um estudo! Se achar bom o que Simão faz, vai ficar comprando tudo! O que ele escrever agora, vai vender: a questão, é trabalhar!

**ANDREZA:** E quem disse que aquele preguiçoso vai trabalhar?

**NEVINHA:** Ah, não! Ele pode ter preguiça pra tudo no mundo: mas bom para a mulher e bom pra fazer verso ele é!

**ANDREZA:** Agora, porque ele trabalha quando quer! Quando for obrigação, você vai ver como é! Por isso, ouça meu conselho: aproveite enquanto é tempo! Não bote a caçada fora! Seu Aderaldo está feito um bodoque: chega está todo alesado, todo besta para o mundo! Olhe, ele está com um colar muito rico pra lhe dar! Você quer que eu vá buscar?

**NEVINHA:** Não, Dona Andreza, minha sina é Simão, mesmo! Simão, aquele safado! Pode ser podre de preguiça mas é um visgo danado! Ave Maria, só tendo sido catimbó, e catimbó daquele alfinete! Eu vou lhe dizer uma coisa, Dona Andreza: do jeito que Seu Aderaldo vive pra meu lado, eu vivo pro lado de Simão, feito um cabo de trinchete! Ai, meu Deus, lá vem Simão! Ele chega, fico nervosa? Dona Andreza, me diga uma coisa: eu estou bem? Eu sei que estou horrorosa! Dona Andreza, como é que está meu cabelo?

**ANDREZA:** Assim como as crinas duma

besta, Comadre, porque você não passa duma, a maior besta que eu já vi! Se preocupar por causa de Joaquim Simão... Que é que você vê nesse peste, Comadre? Tenho horror a esse sujeito, todo metido a engraçado! Se eu fosse casada com essa desgraça, botava-lhe um par de chifre que ele ficava empenado!

(Entra Joaquim Simão, bocejando.)

**SIMÃO:** Ai, ai, ai! Eu, hem?

**ANDREZA** (com raiva): Lá vem!

**SIMÃO:** Eita vida velha desmantelada!

Menino olha quem está aqui!

Andreza, minha amada! Que é que há, Andreza?

**ANDREZA:** Nada!

**SIMÃO:** Isso é o que pode se chamar uma freipa de mulher escorropichada!

(Dá-lhe uma tapa nas nádegas.)

**ANDREZA:** Ai! Deixe de liberdade, viu, Seu Simão? Por causa de liberdade já vi uma filha matar um pai!

**SIMÃO:** Eu sou lá seu pai, Andreza! Sua mãe fez tudo pra isso: mas eu me mantive firme e ela, desanimada, se arranjou com seu pai, mesmo! Que é isso? Que cara, Ave! Andreza parece um bicho, um desses bichos malignos, uma mistura de cobra, morcego e sapo hidrofóbico!

**ANDREZA:** E sua mãe, com quem parece?

**NEVINHA:** Dona Andreza, não se zangue! Simão tem essa mania de achar gente parecida com bicho! É uma mania que o povo estranha, mas é inocente e não deixa de ser engraçada!

**ANDREZA:** Engraçada para a senhora,

que é uma mulher desmoralizada! Para mim, não!

**SIMÃO:** Ai, Andreza, minha paixão!

**ANDREZA:** Você vá pra merda, viu, Seu Simão?

(Sai arrebatadamente.)

**SIMÃO:** Eita, vida velha, desmantelada!

**NEVINHA:** Simão, meu filho, pelo amor de Deus acabe com essas brincadeiras! Isso é hora de você estar por aqui lesando e dizendo besteira? Avalie se essa tal de Dona Clarabela chega aqui e encontra você assim!

**SIMÃO:** Assim, como?

**NEVINHA:** Ela pode achar que você é sem compostura!

**SIMÃO:** Sem costura? Alto lá! Minhas pregas estão no canto e as costuras no lugar! Alto lá!

**NEVINHA:** Ela pode se decepcionar com você! Essa mulher se interessou por seus versos! Isso pode ser a salvação da gente, Simão!

**SIMÃO:** A salvação? Salvação, por quê? Não vejo ninguém perdido aqui! Você é perdida, é? Não me diga isso não, pelo amor de Deus! Se eu descobrir que minha mulher é perdida, morro de desgosto, vou procurar outra vida! Agora, enquanto não descobrir isso, tenha paciência, vou vivendo descansado! E sabe do que mais? Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco deitado!

(Estes dois últimos versos são cantados, como no "mamulengo". Simão canta-os, deitando-se no banco.)

**NEVINHA:** Simão, não brinque não, pelo amor de Deus! A gente tem os filhos, pra dar de comer, e Seu

Aderaldo é um homem rico! Se Dona Clarabela se engraçar, mesmo, de seus folhetos, diz que compra tudo o que você fizer! Dizem que Seu Aderaldo, nessas coisas, se guia pelo que diz a mulher! Tudo o que você escrever de agora em diante vende a ela!

**SIMÃO:** Nevinha, não vá atrás desse povo não que você corre doida! Esse povo gosta, lá, da Arte nem da Poesia! Isso tudo é conversa fria! Isso é mulher desocupada, sem ter o que fazer, que é o pau que está aparecendo mais aqui, agora! Procuram a gente, futricam, futricam, conversam, dizem que pagam, que fazem, que acontecem, depois desaparecem e não dão mais nem notícia! Me diga uma coisa: Seu Aderaldo não está morando aí?

**NEVINHA:** Está!

**SIMÃO:** E como é que a gente nunca viu a mulher dele? Me diga isso faz sentido? Toda mulher séria que eu conheço vive ali, junto, agarrada com o marido! Cadê que você me larga?

**NEVINHA:** Ah, eu sou diferente, Simão! Sou mulher ignorante, a mulher dele, não! Ela entende de Poesia, escreve, discute, fez curso de Psicologia... Eu não sou capaz de fazer nada disso!

**SIMÃO:** Mas é bonita e boa, toma conta de mim e dos filhos e é mulher pra todo serviço! Eu é que não vou dar bola pra o diabo dessa mulher! Se ela gostar de mim assim como sou, está bem! Se não, ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco deitado!

**NEVINHA:** Simão, meu filho, acabe

com esse negócio de viver pelos cantos dizendo doidice!

**SIMÃO:** Pra quê?

**NEVINHA:** Pra ver se a gente pelo menos melhora esse trem de vida!

**SIMÃO:** Besteira, mulher, oxente! Eu começo a fazer força e o que é que vou arranjar? Pra morrer de pobre, o que eu tenho já dá! E sabe do que mais, Nevinha? Não atrapalhe não, que eu estou pensando em fazer um folheto arretado! Quer saber a idéia? É sobre uma gata que pariu um cachorro! Vai ficar tão engraçado! Ninguém sabe o que foi que houve, todo mundo está esperando o parto, o gato é o mais nervoso! No dia, quando a gata pare, em vez de gato é cachorro! Já pensou na raiva do gato, na surpresa, na confusão? Que acha? Parece que já estou vendo a capa e escrito nela: "Romance da Gata que Pariu um Cachorro." Autor: Joaquim Simão! Vou vender tanto folheto, vou ganhar tanto dinheiro! É coisa para garantir a bolacha dos meninos para o resto da vida! Que acha?

**NEVINHA:** Meu filho, você é o maior: a história é ótima, vai ficar bonita e divertida! Mas acontece é que a bolacha dos meninos, hoje, inda não está garantida! Vá ver se dá um jeito!

**SIMÃO:** Como?

**NEVINHA:** Aqui perto estão fazendo uma construção. Eu fui lá, falei com o pedreiro, e ele disse que arranja um lugar de ajudante pra você!

**SIMÃO:** Acho meio desonesto aceitar



um trabalho que não sei fazer!

**NEVINHA:** Eu já disse que você era novato! Mas eles explicaram que não havia dificuldade não, o trabalho é de ajudante: é só o povo mandando e você trabalhando!

**SIMÃO:** Bem, se é assim, eu quero! Corre, Nevinha, vai buscar minha calça velha pra eu começar a trabalhar!

**NEVINHA:** Boa, meu filho! Vou buscar a calça, já!

(Vai saindo.)

**SIMÃO:** Ô mulher, sabe do que mais? Não vá não! Eu pensei melhor, sabe? Isso vai dar é confusão! Com essa história de construção mandam subir uma escada com uma lata na cabeça, cheia de calça, eu escorrego, caio, morro, e aí nem mulher, nem folheto, nem pedreiro, nem nada! E ainda fico desmoralizado! Sabe do que mais? Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco deitado!

**NEVINHA** (catucando-o): Simão! Simão!

**SIMÃO** (pacientemente): Que é, Nevinha?

**NEVINHA:** Então, faça o seguinte: o trem chega já aqui! Você fica por ali feito carregador, pega uma maleta, outra, quando chegar de noite, a bolacha da gente está garantida!

**SIMÃO:** É mesmo, Nevinha! Corre, vai buscar uma rodilha, que é pra eu botar na cabeça e carregar as maletas! Ô mulher, sabe do que mais? Não vá não, sabe? Eu fico por ali, me distraio olhando as coisas, lá vem o trem, pá! Em vez de eu pegar o trem o trem é que me pega! E eu tenho uma

agonia tão danada de morrer atropelado! Sabe do que mais? Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco deitado!

(Começa a cochilar de novo, mas a mulher o interrompe.)

**NEVINHA:** Simão! Simão!

**SIMÃO:** Ô aperreio danado, minha Nossa Senhora! Deixe eu dormir, Nevinha!

**NEVINHA:** Simão! Simão! Pegou no sono! Ah, meu Deus, de tudo o que Simão diz só vejo uma coisa acertada: é que esta vida da gente é uma vida danada de desmantelada!

(Aderaldo aparece e fala-lhe no ouvido.)

**ADERALDO:** Bom dia, Flor do dia! Há quanto tempo eu não te via!

**NEVINHA:** Ai, Seu Aderaldo! Que susto! Quase que tenho um ataque do coração! Bom dia! Mas, por favor, deixe de falar em verso pra meu lado, viu? Versos, pra mim, só os de Simão!

**ADERALDO** (aproximando-se): Mas sabe o que é, minha filha? É que eu...

**NEVINHA:** Seu Aderaldo, fale de longe, viu? Deixe de cochicho no meu pé-do-ouvido! No meu ouvido, só quem cochicha é meu marido!

**ADERALDO:** Ah, que peito de aço, duro e frio! (Canta.) Mulher traidora tem dó de mim! Me ame um pouco, não faça assim! Ah, se eu te pego! Se alguém me dera! Rasgava, a dente, esse peito de fera!

**NEVINHA:** Seu Aderaldo, vá pra lá com suas cantigas! Ah, minha Nossa Senhora, pra todo lado que eu me viro é esse homem com essa quizila pra meu lado! Diabo de

homem mais teimoso danado!  
Pois, se o senhor é teimoso, saiba  
que eu sou teimososa! Eu não já  
lhe disse que Simão é minha  
fraqueza e minha glória?

**ADERALDO:** Já! Agora, porque, não sei!  
Se há, no mundo, um homem  
para eu ter raiva, esse é um: é  
pobre, preguiçoso e orgulhoso!  
Ele se faz de feliz só para me  
fazer raiva! Não está vendo que  
eu não posso acreditar nisso - um  
homem feliz, morrendo de fome!  
Eu tenho três carros, vinte casas,  
em cada casa onde estou, tenho  
sete criados! Tenho as açoes, o  
agave, o algodão, meu  
matadouro... Tempo é ouro! Se  
você quiser, Nevinha, tudo isso é  
seu: meu ouro, meu gado, minha  
energia! Porque a única coisa  
*que me falta é Nevinha, a flor do  
dia!*

**NEVINHA:** Pois esta é de Simão, com  
pobreza e tudo! Esse homem tem  
visgo, Seu Aderaldo! Se o senhor  
me perguntar mesmo o que é,  
não sei! Quando Simão me olha,  
eu me derreto toda! Já tenho  
cinco anos de casada e ainda  
não me acostumei! Simão é  
minha fraqueza e minha glória!

**ADERALDO:** Nevinha, deixe de ilusão,  
que amizade, na pobreza, é  
defeito e complicação! Nevinha,  
meu consolo é seu carinho!

**NEVINHA:** Seu Aderaldo, procure outro  
caminho! E fale baixo, porque, se  
Simão acorda e vê o senhor aqui,  
todo enxerido pra meu lado, Ave-  
Maria! Vai ser um cu-de-boi dos  
seiscentos diabos! Se está  
tentado, se lembre de sua  
mulher! Ela já chegou?

**ADERALDO:** Chegou ontem de noite,

Nevinha, meu bem, minha dor,  
meu feitiço! Chegou e eu não  
estive com ela até agora! O que  
é que você acha disso?

**NEVINHA:** Seu Aderaldo, falar dessas  
coisas é pecado!

**ADERALDO:** Que pecado que nada!  
Pecado é coisa superada! O que  
é que você acha disso, de mim e  
de minha mulher? Diga, não  
custa nada!

**NEVINHA:** Seu Aderaldo, isso é uma  
coisa muito esquisita!

**ADERALDO:** Não tem nada de  
esquisito! Clarabela é uma  
mulher bonita, elegante, todo  
mundo, no Recife, gosta dela!  
Mas, depois que eu vi você,  
Nevinha, não acho mais graça  
em mulher nenhuma! Você  
sozinha, vale umas sete  
*Clarabelas! Mas, cuidado! Aí vem  
ela!*

(Entra Clarabela, vestida "a caráter"  
para o lugar "rústico" em que se  
encontra, com amplo chapéu de  
palha e uma enorme piteira.)

**CLARABELA:** Ah, o campo! O Sertão!  
Que pureza! Como tudo isso é  
puro e forte! Esse cheiro de bosta  
de boi, que beleza! A alma da  
gente fica lavada! As bolinhas  
dos cabritos, o canto das juritis, o  
cocô dos cavalos, o cheiro dos  
roçados. A água pura e limpinha  
e esse maravilhoso perfume de  
chinica de galinha! Ah, a vida  
pura! Ah, a vida renovada! A  
catiga dos bodes, como é forte e  
escura! E a trombeta dos  
jumentos, como é fálica, vibrante  
e animada! Ah, o campo! A alma  
da gente fica lavada! A vida  
primitiva em todo o seu sentido!  
Dá vontade de ir à igreja, de se

confessar, de fazer a sagrada comunhão mesmo sem nela acreditar! Dá vontade até de não chifrar mais o marido, só para nos sentirmos tão puras quanto o Sertão!

**ADERALDO** (tossindo): Um-rum, um-rum! Terré, terré!

**CLARABELA**: Aderaldo, querido! Que saudade! Não sei, na impaciência de revê-lo, como suportei essa viagem! Beije de longe, para não estragar a maquilagem! Ah! Que beijo fabuloso! Olhe, você fez a transação e açambarcou o gado do Sertão?

**ADERALDO**: Fiz!

**CLARABELA**: Eu lhe trago a proposta dos galegos: é para fazer a sociedade com eles, botar um frigorífico e passar a exportar para lá toda a carne do Sertão.

**ADERALDO**: Eu, o que queria era ganhar sozinho. Mas, se não tem outro jeito, vou telegrafar ao galego: aceito que ele seja meu patrão!

**CLARABELA**: Mas tudo isso são coisas sujas, interesses, negócios! A mim, o que interessa é o amor! Como vai esse amor de marido? Você sabe que está ficando de novo na moda a gente gostar do marido? Todas nós, lá do Clube, agora estamos dando entrevistas dizendo isso: que na aparência talvez não, mas, no fundo, nenhuma de nós troca o marido por homem nenhum do mundo! Está na moda, de novo! Quanto a mim, sempre achei isso: você sempre foi minha flor e nós dois sempre vivemos, na compreensão do casamento, a

vivência do amor!

**ADERALDO**: A o quê?

**CLARABELA**: A vivência! Está na moda, também! Não é coisa que eu invento! A vivência do amor faz parte, agora, da problemática do casamento! É outro tema palpitante do momento, um problema de comunicação, para evitar a poluição populacional e a massificação! Você precisa fazer um curso, Aderaldo!

**ADERALDO**: Curso do quê, Clarabela?

**CLARABELA**: Qualquer custo! Se for dado por um alemão neomarxista é melhor! Mas, na falta dele, um francês estruturalista ou um sociólogo tropicalista também serve! Mas não fale, espere! Quem é esse rústico maravilhoso que está aqui, dormindo ao Sol? Não diga, espere! Já sei! É o Poeta!

**ADERALDO**: É! Como foi que você adivinhou?

**CLARABELA**: Mas está claro, Aderaldo! Com essa incompetência, esse desprendimento, esse descuido, essa imprevidência...

**ADERALDO**: O que ele é, é podre de preguiça! Isso é preguiçoso que fede! Desculpe, Dona Nevinha!

**CLARABELA**: Ah, a mulher do Poeta! Vê-se logo! Me diga uma coisa: a senhora compreende seu marido? Que é que a senhora faz para ajudá-lo?

**NEVINHA**: Ajeito o feijão, quando tem, tiro espinho de seu pé, cuido dos meninos, faço a ponta dos lápis, quando ele pede, eu dou cafuné...

**CLARABELA**: Mas não me diga que a senhora não o inspira!

**NEVINHA**: Como é, Dona Clarabela?

**CLARABELA:** Eu estou perguntando se a senhora inspira seu marido!

**NEVINHA:** Oxente, Dona Clarabela, quer encabular meu pensamento? A alegria de pobre é essa, mesmo! Não é da lei do casamento? Mas é melhor a gente acordar Simão, que eu sei que a senhora quer conhecer os versos dele. Simão! Simão! Acorde, homem de Deus!

**SIMÃO:** Ah, meu Deus, ô aperreio dos seiscentos diabos! Que é, mulher?

**NEVINHA:** Acorde, que Dona Clarabela está aqui e quer conhecer você!

**SIMÃO** (coçando-se): Eita, vida velha desmantelada! Olá, Seu Aderaldo Catacão! Como vai?

**ADERALDO** (rosnando): Bem!

**SIMÃO:** Ô Nevinha, você diz que é mania minha, mas Seu Aderaldo tem alguma coisa de peru, de bode, de cachorro e de boi caracu! Como vai o senhor, Seu Aderaldo? Ainda está podre de rico? Tem trabalhado muito?

**ADERALDO:** Tenho! Mas, em compensação, veja o que você tem na cozinha! Depois, vá na minha casa e veja o que tem na minha! Olhe como sua mulher se veste, e olhe a minha!

**NEVINHA** (para cortar): Simão, esta é Dona Clarabela, mulher de Seu Aderaldo! Ela quer ouvir seus versos: se gostar, você está empregado! Ela compra tudo!

**CLARABELA:** Joaquim Simão, Poeta, grande prazer em conhecê-lo! Sou uma amante das Artes, uma colecionadora, um marchã de saias, uma aficionada! Já realizei sete exposições de Pintura e cinco festivais de canções, jograis

e poesias!

**SIMÃO:** Tudo isso a senhora faz? Danou-se!

**CLARABELA:** Não! Eu apenas organizo as coisas, com os quadros dos pintores e os versos dos poetas que freqüentam meu salão!

**SIMÃO:** Mas Dona Clarabela, isso tudo é uma piteira? Tá, agora já posso morrer e dizer a todo mundo que já vi uma piteira! Que piteira comprida amolestada! Isso é que é uma piteira arretada! Chega a ter meio metro?

**NEVINHA:** Meu Deus, o que é que ela vai pensar? Simão, você podia era mostrar...

**SIMÃO** (tomando a piteira): Dona Clarabela, me ceda aqui essa piteira! É de ouro ou é somente amarela? Danou-se! Dois palmos e uma chave! A fumaça já chega na boca fria, hein, Dona Clarabela?

**CLARABELA** (retomando a piteira): Deixe isso pra lá!

**NEVINHA:** Simão, você podia era mostrar uns folhetos e romances a Dona Clarabela!

**CLARABELA:** É Joaquim Simão, disseram-se que você é poeta! Mas me diga uma coisa: seus versos são puros?

**JOAQUIM SIMÃO:** Às vezes são meio safados, Dona Clarabela!

**CLARABELA:** Estou falando é de outra coisa! Desta vez achei o Sertão já se corrompendo, já sem aquela pureza, já com ônibus... Da outra vez em que vim, era uma beleza: A gente vinha nuns caminhões e nuns cavalos duma pureza... Você não acha?

**SIMÃO:** Dona Clarabela, eu prefiro o ônibus, é muito mais macio!

**CLARABELA:** Joaquim Simão, não me decepcione! Não venha me dizer que você não é autêntico! Você é autêntico?

**SIMÃO:** Não senhora, eu sou um pouco asmático, autêntico não!

**CLARABELA:** Ih, que vulgaridade! Mas é isso mesmo, estou habituada! Os artistas gostam de intrujar um pouco e de subverter todos os valores, principalmente diante de seus admiradores! E então quando se trata de mulheres, hein? É ou não é?

**SIMÃO:** Mulher? Mulher é xerém, vai uma, vem cem! Rá, rá, rá!

**ADERALDO:** Que acha do Poeta?

**CLARABELA:** Um pouco vulgar, mas às vezes é assim mesmo! Simão, vamos ao assunto principal, os versos! Que é que você pode me mostrar?

**SIMÃO:** Eu posso mostrar tudo contanto que não seja contra a lei do juiz, de Deus e da Igreja! Rá, rá, rá!

**CLARABELA:** Eu me referi, naturalmente, a mostrar obras poéticas! Que é que você faz, nisso, e agora pode me mostrar?

**SIMÃO:** Conforme! A senhora quer uma obra ligeira ou uma demorosa?

**CLARABELA:** Ai, que coisa pura! Eu quase diria mística! Que é ligeira? Que é demorosa? É algo ligado à forma de vanguarda, ou é coisa mais conteudística?

**NEVINHA:** Ligeira é pequena, que passa depressa! Demorosa é grande, que demora a contar! Simão, a solução é essa: você canta uma ligeira, e aí, se ela gostar, canta uma mais demorosa! Não é, Dona

Clarabela?

**CLARABELA:** Não sei, Simão é quem decide! O artista, pra mim, é sagrado! Vamos respeitar a integridade do Poeta! Não vamos violentá-lo!

**SIMÃO:** Epa! Me violentar? Como?

**CLARABELA:** Ih, que homem puro! Sertanejo típico! Tão pundonoroso e delicado!

**SIMÃO:** Delicado, uma peida! Eu nasci foi pra ser homem, e o homem, quando é homem mesmo, dá a cabeça pra lascar mas não grita!

**CLARABELA:** Ai, que vulgaridade! Assim, não vai não! Vulgar, metido a engraçado, cheio de trocadilhos de mau gosto! Poeta, quando é poeta, tem logo escrito no rosto! Mas assim, desse jeito, cheio de coisas, de agonia? Pode ser Poeta, mas não tem a vivência da Poesia!

**ADERALDO:** Eu bem que lhe dizia!

**SIMÃO:** Como é? Vai a ligeira ou a demorosa?

**CLARABELA:** A ligeira! Pelo menos acaba depressa!

**SIMÃO:** A senhora quer cantiga de bicho, de pau ou de gente? Quer de estilo penoso ou de estilo amolecado?

**NEVINHA:** Simão, cante a cantiga do canário! É tão triste, tão penosa, tão bonita!

**CLARABELA:** Ah, é? Então, eu quero essa! Sou louca por coisas românticas! Sou a última abencerragem do Romantismo, não é, Simão?

**SIMÃO:** Sei não! Mas se a senhora é quem confessa, pra que vou eu desmentir? Bom, vai a do canário, não é? É a mais "penosa", tanto porque é triste como porque é

de canário e canário tem pena! Rá, rá, rá! Lá vai: "Lá de baixo me mandaram um canário de presente. O canário é cantador: muito cedo acorda a gente. Mandei fazer uma gaiola, o carpina prometeu: antes da gaiola feita, meu canário adoeceu. Mandei chamar um Doutor com uma lanceta na mão pra sarjar o meu canário na veia do coração. Na primeira lancetada meu canário estremeceu. Na segunda bateu asa, na terceira ele morreu. O enterro do meu canário foi coisa pra muito luxo: veio o gato da vizinha e passou ele no bucho! Comprei uma galinha por cinco mil e quinhentos: bati na titela dela, meu canário cantou dentro!" Então, Dona Clarabela, gostou?

**CLARABELA:** Joaquim Simão, você é um Poeta, um artista, e com os artistas a gente deve ser sempre franca: de modo que vou lhe confessar que não gostei! Não gostei de modo nenhum, nem podia gostar!

**SIMÃO** (à parte): Essa, eu já vi que é burra!

**CLARABELA:** Não há, na cantiga, nenhuma unidade de estilo e a estrutura é muito mal amarrada! O canto é sempre romântico, mas a história é misturada, ora sentimental, ora metida a engraçada! O enterro do canário, com aquele gato e aquele bucho, francamente, é de péssimo gosto! Quanto ao fim, é inteiramente sem sentido. Como é que diz, mesmo?

**SIMÃO** (recitando, de má vontade):

"Comprei uma galinha por cinco mil e quinhentos. Bati na titela dela, meu canário cantou dentro!"

**CLARABELA:** É, é inteiramente sem sentido! Podia-se pensar num pouco de surrealismo - talvez seja o que você pense! Mas surrealismo com titela de galinha, francamente, não convence! Em suma e para resumir: no começo, trivialidades sem pretensões; no fim, sublitteratura com pretensões!

**SIMÃO:** Mas Dona Clarabela, a senhora deve ser muito inteligente, porque fala tão difícil, que a gente chega esmorece!

**CLARABELA:** Ora, qual, meu caro Poeta! Que inteligência que nada! Inteligente é você, que tem talento criador, esse dom maravilhoso! E que talento deve ser o seu! Se for como o dono, é magro e anguloso! Você disse que Aderaldo tem algo de peru... Não sei se é verdade ou não, você é meio maldoso! Mas sei que você tem algo de galo de briga, com esse penacho e esse bico vigoroso! Não gostei de sua primeira obra, mas você deve ter outras coisas, com esse talento fabuloso! Tem outro romance de bicho? É no estilo penoso?

**SIMÃO:** Tenho, mas é no estilo amolecado. Serve?

**CLARABELA:** Serve, como não? Vamos, dê lá o serviço! Que é que você tem de melhor de bicho e nesse estilo?

**SIMÃO:** Pra mim, é a "Cantiga dos Macacos". Ouça lá:

"Havia um homem, no mundo, que trabalhar não queria.

Pegou, botou um roçado  
da distância de três dias,  
pra produção da lavoura,  
pra remissão da família.

Na lavoura do roçado,  
alimentava seus filhos,  
na beirada dum riacho,  
na ribanceira dum rio:  
os macacos deram dentro  
e comeram todo o milho.

Ele tinha um cavalo  
que pra nada mais prestava  
e já vendia ou se matava:  
botou dentro dum cercado  
para ver em que é que dava.

O cavalo disse a ele:  
- Não me mate, meu patrão.  
Vou lhe mostrar que este velho  
inda é de precisão.  
Vou dar jeito nos macacos,  
vou lhe dar definição.

Quando foi no outro dia,  
que o sol já vinha saindo,  
os macacos apareceram,  
uns cantando, outros se rindo:  
o cavalo se deitou  
feito morto ou dormindo.

Disse aí um dos macacos:  
- Esse, já chegou no porto!  
O dono desse roçado  
não tem mais esse conforto,  
que o diabo do seu cavalo  
amanheceu hoje morto!

Disse o chefe dos macacos:  
- Pra esse eu já canto missa!  
Vamos pra beira do mato,  
tirar cipó sem preguiça,  
que, com pouco, não se agüenta  
o fedor dessa carniça.

Vamos pegar o cavalo  
em nosso corpo amarrar.

Amarrando em todos nós,  
a gente vai arrastar:  
leva pra casa do dono,  
que é pra se rir e mangar!

Pegaram a cortar cipó,  
do mais pequeno ao maior:  
bota-se o cipó mais grosso  
na cintura de Jacó,  
pois ele é o macaco chefe,  
fica com o cipó melhor!

Estando tudo amarrado,  
o cavalo estremeceu.  
Gritou: Lascou-se o macaco!  
Pai Jacó então gemeu:  
- Agüenta, rapaziada,  
que, arrastado, já vou eu!

Espera, cavalo velho!  
- diz Jacó, na agonia -  
dou-te água a toda hora,  
milho três vezes no dia.  
E quando mais ele chorava,  
mais o cavalo corria!

Quando o cavalo chegou perto,  
deu um rincho de alegria:  
saiu o dono da casa  
com a mulher e a família,  
cada qual com seu cacete,  
pra matar a macacaria!

Pegaram a matar macaco,  
do mais pequeno ao maior!  
O pau mais grosso, baixaram  
na cabeça de Jacó:  
que ele é o macaco chefe,  
leva a pancada maior!

**CLARABELA:** Terminou?

**SIMÃO:** Terminou, sim senhora!

Gostou?

**CLARABELA:** Não!

**SIMÃO:** Essa mulher, o que é, é muito da burra!

**CLARABELA:** Meu caro Simão, você não acha tudo isso fácil?

**SIMÃO:** Acho, sim senhora, mas é porque eu sou Poeta e sei fazer! O resto do povo, por aí afora, acha difícil!

**CLARABELA:** Não, você não me entendeu! Não digo fácil de fazer, digo cheio de facilidades, fácil, entendeu?

**SIMÃO:** Não entendi, não quero entender e tenho raiva de quem entende!

**CLARABELA:** Olhe, tem um momento em que, no folheto, você diz: "Vou dar um jeito nos macacos, vou lhe dar definição." O que é que quer dizer isso?

**SIMÃO:** Sei não senhora! Do jeito que pensei, botei! Precisei da rima, do jeito que saiu, eu sapequei!

**CLARABELA:** Eu bem que desconfiei! Isso não quer dizer absolutamente nada, Poeta: foi uma fraqueza na invenção que deu, como resultado, uma imperfeição formal, uma falha estrutural! E depois, no fim, vem aquela moralidade tola, fácil: o macaco-chefe tendo privilégios no começo mas, em compensação, recebendo maior castigo no fim... Além de ser, isso, um plebeísmo meio reacionário, vê-se que você quer transformar a Arte num sermão! Para resumir: você usa uma forma tradicionalista e um moralismo de sermão: eu, sou pela forma de vanguarda e por um conteúdo mais consciente de participação!

**SIMÃO:** Está vendo, Nevinha? O que é que eu lhe dizia? Essa mulher é uma jumenta sem mãe!

**NEVINHA** (aflita): Simão! Dona Clarabela, não repare...

**CLARABELA:** Qual, qual, Dona Nevinha, não precisa explicação! Os artistas e poetas são sempre um pouco suscetíveis, principalmente esses do tipo "galo-de-briga"! E como é puro, esse narcisismo dele! Os artistas são assim: no fundo, é um traço infantil!

**SIMÃO:** Traço infantil no fundo quem pode ter é a senhora!

**CLARABELA:** Ai, que coisa pura! Olhem, façamos o seguinte: a senhora, dona Nevinha, me leva em sua casa e lá me mostra o que o Poeta tem escrito. Não gostei dessas duas obras, mas posso gostar de outras, doutra fase mais pura e primitiva! Nós duas somos mulheres, vamos nos dar muito bem, e lá dentro eu vejo o que Simão tem de mais bonito! Você não vem, Aderaldo?

**ADERALDO:** Não, vou aproveitar e passar na Coletoria e na agência do Banco, para saber se o dinheiro chegou. Estou preocupado: apliquei tudo o que tinha nesse gado e os credores estão me esperando. Vou ter um lucro tremendo na compra desses bois. Tudo estava certo, mas será que, na remessa do dinheiro, houve algum atropelo depois?

**CLARABELA:** Leva o cheque e vá saber!

**ADERALDO:** Não, eu vou lá, mas deixo o cheque. Ele já está assinado. Eu volto aqui para buscá-lo, se o dinheiro já houver chegado! Não



quero me arriscar a andar com o cheque, é quase tudo o que possuo. Fique com ele, guarde com cuidado.

**NEVINHA:** E você, Simão? Vem?

**SIMÃO:** Eu, hein? Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco deitado!

(Deita-se no banco e adormece. As duas mulheres entram na casa. Entra em cena Fedegoso, vestido de Frade, com um peru na mão.)

**FEDEGOSO:** Agora, aqui, convém que o Mal assuma a roupa e o tom do Bem! Ei, meu senhor! Acorde, por favor! O senhor desculpe a chateação, mas sabe me dizer onde mora o poeta Joaquim Simão?

**SIMÃO:** Simão é este seu criado! A casa é essa, aí!

**FEDEGOSO:** E onde é que posso encontrar, santo homem, a senhora Dona Clarabela Catacão?

**SIMÃO:** Aí mesmo, em minha casa. Tá, eu nunca tinha visto uma cobra assim, vestida de Frade: agora, já posso dizer que vi! Dona Clarabela! Dona Clarabela! Tem um Frade aqui, à sua procura!

**CLARABELA** (da porta, falando primeiro para dentro): Continue dando a busca, Nevinha, que eu já volto. Que há, Joaquim Simão?

**FEDEGOSO** (em tom de canto gregoriano): Minha filha, a paz a tenha em sua guarda e a senhora se conserve com os seus em saúde e alegria!

**CLARABELA:** Ai, que coisa pura e autêntica! Que amor de Frade o senhor é! Só com esta saudação, em cantoria, a gente se transporta para a Idade Média

com toda a sua poesia!

**FEDEGOSO:** Eu sempre fui meio poeta, santa mulher! Vim a mandado de seu marido: ele está na Coletoria!

**CLARABELA:** Eu sei, senhor Frade!

**FEDEGOSO:** Eu cheguei de Campina agora mesmo: sou do Convento Franciscano de Lagoa Seca. Sem uma pessoa de confiança para o mandado, seu marido recorreu a mim. Ele não deixou com a senhora um cheque assinado?

**CLARABELA:** Deixou, santo homem!

**FEDEGOSO:** Ele mandou dizer que o dinheiro tinha chegado. Mandou este peru que comprou na rua e disse que a senhora mandasse matá-lo para que vocês dois comemorassem, juntos, na noite de hoje e com muita alegria a chegada do dinheiro!

**CLARABELA:** Ai, que coisa pura e poética! Não acha, santo homem?

**FEDEGOSO:** Acho, santa mulher! Seu marido é, a seu modo, um Poeta!

**CLARABELA:** Ah, é! Só um gesto desse! Comemorar uma coisa, desse jeito e com a mulher! Que coisa pura!

**FEDEGOSO:** Pois ele mandou fazer uma coisa mais pura ainda: disse que a senhora mandasse o cheque por mim, porque ele precisa pagar logo aos homens do gado e concluir todo o negócio!

**CLARABELA:** Tome, o cheque está aqui! Ainda está quentinho, estava guardado bem juntinho do meu coração. Leve lá para Aderaldo essa jóia valiosa e diga a ele que eu estou ansiosa, santo homem, para que tudo saia como ele quer!

**FEDEGOSO:** Ele vai ficar mais ansioso ainda, santa mulher!

**CLARABELA:** Então vá e leve, para ele não ficar esperando. (Canta, gregoriano.) Reze por mim, santo homem!

**FEDEGOSO:** Rezarei! Faça outro tanto por mim, santa mulher! (Sai.)

**CLARABELA:** Simão, eu vou lhe ser franca: deixei sua mulher lá dentro de propósito, porque queria ter uma entrevista, sozinha, com você. Eu preferia à noite, é mais puro e mais poético! Mas, se não tem outro jeito, faz-se, mesmo, à luz do dia. Ô Simão! Se eu quisesse conseguir um amorzinho com você, podia?

**SIMÃO:** Dona Clarabela, a senhora não me tente não, que eu tenho três fraquezas na vida: preguiça, verso e mulher!

**CLARABELA:** Ai, que coisa pura! Agora, sim! Agora estou vendo que você é Poeta! Simão, o que é que você diz de mim?

**SIMÃO:** Primeiro, que a senhora é uma mistura de cabra e cachorra. Depois, que é branquinha e lisa! A senhora é branca como macaxeira e deve ser aproveitada enquanto não vira maniva!

**CLARABELA:** Ai, aproveite, Simão! Me mate, enquanto eu sou Anjo!

**SIMÃO:** Ai, meu Deus! Só queria que Nossa Senhora me ajudasse para eu não cair nos embelecocos dessa mulher!

**CLARABELA:** Oi, Simão, que é isso? Afracou? Não me diga que você está com medo!

**SIMÃO:** Estou, Dona Clarabela!

**CLARABELA:** Francamente! Era o que faltava! Um rústico, medroso!

Você é medroso, é?

**SIMÃO:** Sou! E lhe digo mais: tem que ser assim! O homem, pra viver certo, tem que respeitar três coisas: a mulher, o que é certo e Deus!

**CLARABELA:** Deus! Agora, sim! Era o que faltava! Ora Deus! Isso é coisa superada, Simão! Deus é uma idéia superada e obscurantista, inventada pelos impostores e exploradores. Pergunte a Aderaldo: nós dois somos ateus e livres-pensadores!

**SIMÃO:** A senhora pegue com essas coisas, vá se fiando, que quando der fé, está no Inferno das Pedras, no terceiro caldeirão, chiando!

**CLARABELA:** Ih, que coisa anacrônica e vulgar! Medo de Deus! E, ainda por cima, medo da mulher! Que vergonha!

**SIMÃO:** Ah, Dona Clarabela, a senhora, vinda assim de longe, nunca pode entender isso: ela chora! Nevinha gosta de mim, e qualquer coisinha que eu faço com ela, qualquer traiçõzinha, mesmo das pequenas, ela abre a boca no mundo e bota pra chorar de repente! Se ao menos ela fosse ruim... Mas ela é aquela coisinha boa daquele jeito! Não tem coração duro que agüente!

**CLARABELA:** Ah, já vi que você é inteiramente medíocre, um sujeito desclassificado, sem qualquer sensibilidade! Pensava encontrar um puro, um Poeta, um original, e lá vem você com inferno, medo, Deus e amor conjugal! Desapareça da minha frente! Não quero mais vê-lo! Preguiçoso, medíocre, empulhador, que quer passar por Poeta!

**NEVINHA** (aparecendo à porta): Mas Dona Clarabela...

**CLARABELA:** Sumam-se, a senhora e seu marido! Volto, hoje mesmo, para o Recife: não espero nem para depois! Eu não digo que ando sem sorte! Me deslocar de tão longe para ouvir sermão e verso ruim! Eu não estou dizendo! Sumam-se, todos dois!

(Entra em casa, furiosa.)

**SIMÃO:** Eita, vida velha desmantelada!

**NEVINHA:** Vida velha desmantelada, hein? Vida velha desmantelada, o quê, seu cabrito sem-vergonha? O que eu quero saber, é como você se saiu, aqui, com Dona Clarabela! Estava com enxerimento para o lado dela, não foi?

**SIMÃO:** Eu, Nevinha? Essa mulher tem cada uma! Você não viu como Dona Clarabela me tratou? Acha pouco?

**NEVINHA:** Olha o santinho de pau oco! Não venha com suas enroladas não, viu, Simão? Deixe de ser cínico e safado! Quando eu entrei, ela parecia uma gata vadia, e você um cachorro assanhado! Aqui houve coisa! Você catucou aquela mulher, Simão!

**SIMÃO:** Catuquei nada, mulher!

**NEVINHA:** Então, ela catucou você!

**SIMÃO:** Catucou nada, mulher!

**NEVINHA:** Catucou e você gostou, que eu estou vendo pela sua cara!

**SIMÃO:** Você está doida, Nevinha! Eu não digo? Essa mulher inventa cada coisa! Não tem mulher sobrando, no mundo, assim não! Eu sou um sujeito feio, já não sou mais rapaz, tenho lá essa sorte de

uma mulher vir me futucar assim, sem quê nem mais?

**NEVINHA:** Ai, minha Nossa Senhora! Como me sinto infeliz, de repente! A coisa pior do mundo é ter um marido que futuca a mulher dos outros e engana a gente!

**SIMÃO:** Deixa de choro, mulher! Acaba com isso! Acaba com esse aperreio inventado!

**NEVINHA:** Eu só queria que Nosso Senhor me carregasse, para eu não ver nunca mais as safadezas desse safado!

**SIMÃO:** Mulher, vem pra dentro, que teu mal é sono! Vem pra dentro, vem! Vem, que teu mal é sono e o meu também!

(Entra Aderaldo, rápido e eficiente)

**ADERALDO:** Clarabela! Clarabela!

**CLARABELA** (saindo de casa): Que há?

**ADERALDO:** Me dê os parabéns, o dinheiro chegou!

**CLARABELA:** Eu sei! Eu não recebi o peru?

**ADERALDO:** O peru?

**CLARABELA:** O peru, sim! Aquilo é que foi um gesto revelador de sentimentos enaltecedores! Poet é você, viu, Aderaldo? Que delicadeza de sentimentos! Que diferença de certos empulhadores!

**ADERALDO:** Hein? Está certo, obrigado! Agora, me dê o cheque!

**CLARABELA:** O cheque, o Frade carregou no bolso.

**ADERALDO:** Deixe de brincadeira. Clarabela! Que Frade?

**CLARABELA:** O Frade que você me mandou, para dizer que o dinheiro tinha chegado, que me trouxe este peru que você

comprou e que levou o cheque, como você ordenou!

**ADERALDO:** Eu não mandei Frade nenhum aqui!

**CLARABELA:** Minha Nossa Senhora! Meu Deus!

**SIMÃO:** É coisa superada, Dona Clarabela!

**ADERALDO:** Foi um ladrão! E você entregou o cheque?

**CLARABELA:** Entreguei! Eu ia, lá, desconfiar de um Frade?

**ADERALDO:** É a desgraça, o fim, o bártaro profundo! A essas horas, o ladrão já deve ir longe! É isso a Vida! Sou isso, eu! É isso, o Mundo!

**SIMÃO:** Está vendo, Nevinha? É, ou não é, o que eu vivo lhe dizendo? Está aí: Seu Aderaldo juntou dinheiro a vida inteira, tentando fazer a vida organizada. Deu o sangue por dinheiro! E de que foi que valeu? De nada!

**CLARABELA:** O senhor não tem vergonha de escarnecer desse modo do sofrimento dos outros? O que é que você merece?

**SIMÃO:** Eu não estou escarnecendo nada, Dona Clarabela! Agora, que parece castigo, isso parece!

**CLARABELA:** Então, estamos arruinados?

**ADERALDO:** Estamos. Tenho mais do que quando comecei. Mas, descer das alturas em que estava... Não, isso vai ficar assim! Vou a Polícia!

**SIMÃO:** Homem, quer saber do que mais? Conforme-se! O senhor mesmo diz que ainda tem muita coisa: trabalhador como é, daqui a pouco está rico de novo! Assim, console-se e vá se aquietar, que pelo menos um peru você

ganhou!

**ADERALDO:** Miserável! Canalha! Agora, quer se vingar de mim, não é? Mas você está enganado, folheteiro! Vou pegar esse ladrão e recuperar o meu dinheiro!

(Vai saindo.)

**SIMÃO:** Homem, deixe de agonia! Você ainda não tem um baú? Assim, fique junto de sua mulher, porque, como já disse, você ganhou pelo menos um peru!

(Sai Aderaldo estendendo-lhe o punho, numa banana. Entra Quebrapedra, pelo outro lado. Vem vestido de calunga de caminhão.)

**QUEBRAPEDRA:** Cadê Seu Aderaldo?

**SIMÃO:** Saiu agora mesmo. Mas essa é a mulher dele.

**QUEBRAPEDRA:** A senhora é que é Dona Clarabela?

**CLARABELA:** Sou!

**QUEBRAPEDRA:** Vim correndo, mandado pelo Delegado! O carro em que o tal Frade ia estourou um pneumático na estrada, e ele foi pegado!

**CLARABELA:** Graças a Deus, meu Deus!

**QUEBRAPEDRA:** Já está todo mundo na Delegacia, com o Frade preso, e o Delegado mandou dizer que a senhora mandasse o peru, para fazer-se o inquérito!

**CLARABELA:** Está aí, pode levar! (Quebrapedra pega o peru e sai correndo. Volta Aderaldo.)

**ADERALDO:** Parece que o caso é sem jeito. A Polícia disse que não pode fazer nada!

**CLARABELA:** Não pode? E não pegaram o ladrão?

**ADERALDO:** Não!

**CLARABELA:** E quem era aquele calunga de caminhão? O que é

que quer dizer tudo isso?

**SIMÃO:** Quer dizer que devem ter rogado na senhora, Dona Clarabela, a tal praga de urubu: já tinham perdido o cheque, perdeu-se, agora, o peru!

**CLARABELA e ADERALDO**

(desmaiando): Ai!

**SIMÃO:** Que azar mais desgraçado, esse de Seu Aderaldo! Só quem, estando com caganeira, comeu, semente de jerimum! Pra mim, isso ou foi praga de rapariga sarará, ou então foi ele que pisou no rastro de algum corno, em jejum!

(Entram Manuel, Miguel e Simão Pedro.)

**SIMÃO PEDRO:** Temos, então, a lição de que a preguiça compensa!

**MANUEL CARPINTEIRO:** A lição não foi essa, Simão, mas, sim, a de que é preciso temperar sabiamente o trabalho com a contemplação e o descanso. Existe um ócio corrutor, mas existe também o ócio criador.

**MIGUEL:** Ao mesmo tempo, nós passamos, aqui, às nobres Damas, e Cavalheiros, nosso produto espiritual!

**SIMÃO PEDRO:** Não é que nós não reconhecemos que alguns dos nossos concorrentes podem também fabricar e vender seus produtos, muito bem! Mas é que o produto que não é garantido, como o nosso, pela Fábrica original, em pouco tempo relaxa, amolece e se estraga, perde o domínio natural!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Assim, procuro, não impor, mas colocar meu produto Providencial: moralidade, religião, fidelidade, esperança,

obediência, tragédia, drama e comédia, amor de Deus e da Igreja, poesia e diversão.

**OS TRÊS:** Aceitem nosso produto: terão paz e salvação.

**PANO**

## SEGUNDO ATO

(O cenário é o mesmo do Primeiro Ato. Entram Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo e Simão Pedro.)

**MANUEL CARPINTEIRO:** O cavalheiro vai, agora, ver as andanças da roda da fortuna. Já se viu como um Rco empobreceu: veja-se agora, sob a luz do Santo, - mas talvez contra o fogo deste Pássaro - o que, por fim, ao Pobre sucedeu. Que opinião vocês tem de Simão?

**SIMÃO PEDRO:** O que acontece, é o que eu dizia: Simão é poeta e homem religioso! É artista e Poeta até o osso! Tem as suas fraquezas, reconheço! Mas, quem não tem fraqueza neste mundo? Ele não está só!

**MIGUEL:** Co-coró-cocó!

**SIMÃO PEDRO:** Que brincadeira mais besta! Essa história do galo já está enchendo! Neguei o Cristo mesmo, e daí? a situação estava apertada, eu caí fora! Mas depois, quando chegou a minha vez, eu não venci o medo e não estava lá, na hora?

**MANUEL CARPINTEIRO:** É verdade, Miguel: ele ficou e uma morte terrível suportou!

**SIMÃO PEDRO:** E depois, se eu não tivesse feito essas besteiras, nunca

mais ninguém admitiria uma fraqueza no Comandante da Igreja! Se o Papa escolhido não tivesse sido um sujeito cheio de defeitos, como eu, nunca mais ninguém iria entender a Igreja. É a Igreja, seja quem for que estiver à frente dela.

**MANUEL CARPINTEIRO:** Está certa sua conversa. Mas, agora, o negócio é a briga entre o Rico e o Poeta. Em que ficou ela?

**MIGUEL:** O moleque do Cão Coxo, disfarçado de Frade, acabou com o dinheiro do Rico e, em troca, um peru deixou. Depois, chegou o Cão Caolho, disfarçado de calunga de caminhão: de volta, o peru levou. Mas, com o que ainda ficou, Aderaldo tudo de novo começou. Ainda não está tão rico, não, mas vai se aprumando. O homem é uma fera para trabalhar!

**SIMÃO PEDRO:** Ele é uma fera é para os outros enganar e assim mesmo, pra ele, quando é pra ele ganhar! Para os outros, não solta nada! Quanto a ser uma fera, isso é mesmo. É até mais: pobre que chega na porta dele só falta, mesmo, levar uma dentada no céu da boca, porque o resto, ele faz!

**MIGUEL:** Não, São Pedro, também não é assim não! E depois, com o aperto que ele passou no roubo, até se aproximou mais da religião!

**SIMÃO PEDRO:** Que conversa é essa? Esse tal de Aderaldo Catação continua, inclusive, dando em cima da mulher de Joaquim Simão!

**MANUEL CARPINTEIRO:** É possível?

Vamos, então, ficar aqui, de novo e ver o que vai se passar!

**SIMÃO PEDRO:** Acho bom. Com as ruindades desse Rico, O Cão já está podendo dele se aproximar! Se o negócio continua assim, não vai dar bom não, vai arruinar!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Sim, São Pedro, mas quer um conselho de amigo? Cuide, você também, do seu protegido! Joaquim Simão é preguiçoso que faz dó! Por esse fato, só, de ele se chamar Joaquim - o nome do meu Avô - e Simão - o seu - não vou fechar meus olhos para os defeitos dele, nem que você queira! E outra coisa: você anda pensando em enriquecer seu protegido! Veja lá: não vá me estragar a escrita! Nem você também, São Miguel: por favor! Um pouco de pobreza não faz mal a ninguém!

**SIMÃO PEDRO:** Sim, mas é de pobreza, não é, Senhor? Miséria, faz mal, e muito! Não quero que Simão seja rico, quero somente que, com o que ele escreve, ganhe o suficiente! O homem é casado e tem quatro filhos: vive, tudo, nem sei como!

**MIGUEL:** Por culpa dele, da preguiça dele!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Deixemos a discussão, para não escandalizar, aqui, o cavalheiro! O que digo, já disse: não vão me estragar a escrita! Vamos deixar o lugar para eles agirem e depois veremos! Como está a Cobra?

**MIGUEL:** Está com a gota-serena, essa Maldita!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Pois a função continua: deixemos que esses

dois ajam. Você, Simão, não se meta! Deixe que os dois, livremente, sigam, por lá, seu caminho!

**SIMÃO PEDRO:** Contanto que São Miguel prometa não se meter!

**MIGUEL:** Você promete também em nada mais se meter?

**SIMÃO PEDRO:** Prometo! Nem eu me meto nem você! A gente deixa o barco livre, rolar! Jesus decide a parada depois de tudo julgar!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Vamos, então, começar!

(Saem. Depois de um instante, Simão Pedro volta e esconde-se. Manuel Carpinteiro e Miguel Arcanjo voltam, à sua procura.)

**MIGUEL:** São Pedro! São Pedro! Para onde terá ido?

**MANUEL CARPINTEIRO:** Nem está, nem responde! Onde estará? Deve ter ido para casa! Vamos para o Céu! Ele deve estar lá!

(Saem. Simão Pedro sai do esconderijo.)

**SIMÃO PEDRO:** Saíram! Até que enfim! Agora, eu entro com meu jogo, faço meu passo miúdo! Nosso Senhor, certamente, me viu: ele vê e sabe tudo! Então, se me deixou aqui, é porque não está, de todo, contra mim! E, se é assim, agora é que eu vou mesmo! Com Deus, eu vou até o fim! Não estou vendo que eu não vou deixar esse pobre passar aperto e privação? Logo um homem chamado Joaquim e que tem o mesmo nome que eu, Simão! Simão, que nome simpático! Parece, até, que estou ouvindo meu Pai gritar: "Ô Simão, vai ali no Lago de Genezaré, e me pega umas traíras para o

jantar!" E eu vou deixar um homem chamado Simão passar necessidade? Eu não! Vou me esconder por ali, disfarço, dou uma mão, e quando menos esperarem entro em cena e dou um jeito nessa miséria de Joaquim Simão!

(Esconde-se. Entra Miguel Arcanjo, também com jeito de quem vem fugindo e com um grande saco às costas, saco cheio dos disfarces de que ele precisará depois. Esconde-se, entra Manuel Carpinteiro.)

**MANUEL CARPINTEIRO:** São Miguel! São Miguel! É engraçado! Um, é um Santo, o outro é um Anjo, o que quer dizer que todos dois fiam fino! Mas, comparados comigo, não passam de dois meninos! Querem ver eu dizer onde eles estão? Está São Pedro aqui e São Miguel ali, é ou não é? Modéstia à parte, é onisciência muita! Mas vou deixar os dois no doce engano! Assim, eles, sem saber, servem melhor a meu plano! Ele que fiquem. Cada qual que trabalhe para um partido: no fim, sai tudo como quero e hei de aclarar o sentido!

(Sai. Entra Joaquim Simão, com a viola Dona Clarabela aparece à janela da casa do rico e Simão canta-lhe uma espécie de seresta sertaneja.)

**SIMÃO:** Quem sou eu, não te digo, Donzela! Quem sou eu, não te posso dizer! Sou um lírio do céu, esgalhado, já cansado de tanto sofrer! Era uma virgem que tanto eu amava e eu, por ela, padecia de dor! Nunca mais que a sombra dela eu via, bateu asa e para o céu ela voou! Quem sou eu, não te digo, Donzela! Quem

sou eu, não te posso contar! Sou um lírio do céu, esgalhado, que o vento carrega pro Mar!

(Dona Clarabela atira-lhe um beijo com a ponta dos dedos e entra em casa. Andreza entra em cena.)

**SIMÃO:** Eita, vida velha desmantelada!

**ANDREZA:** Bom dia, Seu Simão!

**SIMÃO:** Menino, salvou-se uma alma: Dona Andreza falando comigo! Bom dia! Que é que há, Andreza?

**ANDREZA:** Andreza, não! Dona Andreza! Deixe, lá, de liberdade, viu Seu Joaquim Simão? Gosto de ser respeitada! Falei, mas não foi para o senhor vir com enxerimento não!

**SIMÃO:** Mas, minha filha, me diga, eu posso? Ela fica logo azeitada! Isso é que é uma freipa de mulher escorropichada!

**ANDREZA:** Seu Simão, não se meta pra meu lado não! Eu dou-lhe uma tapa na cara! Olhe, se convença logo: comigo, o senhor não arranja nada! Fique-se com Dona Clarabela! Olhe, eu vou lhe ser franca, Seu Simão: se o único homem que existisse no mundo fosse o senhor, eu preferia morrer donzela!

**SIMÃO:** Então, o que é que vem ver aqui? Por que não deixa minha casa em paz? Só vive na minha porta, cheia de cochichos para minha mulher, parecendo um Anjo mau... A senhora me foi franca: eu vou ser franco também! Você desabe daqui! Senão, um dia eu me afobo e cubro você no pau! O que é que a senhora anda procurando aqui?

**ANDREZA:** Um dia, o senhor saberá!

Agora, por enquanto, o que vim fazer foi lhe dar um recado. A tal da Dona Clarabela engraçou-se do senhor, porque, não sei, Seu Simão! E quer saber, pela última vez, se o senhor topa a parada dela, ou não!

**SIMÃO:** Ah, já entendi tudo, então! Quer dizer que o trabalho da senhora é esse, hein? É por isso que a senhora vive aqui pelos cantos, cochichando com minha mulher, hein? Quer ver se enrola a minha, Nevinha, enquanto me arranja a outra, hein?

**ANDREZA:** O que eu trago na cabeça o senhor logo verá, se é que ainda não viu! Depois, olhe bem, e veja o que apareceu na sua, viu?

**SIMÃO:** Hein?

(Entra Clarabela por trás dele e fica ouvindo.)

**ANDREZA:** Vá vá vuta que o variu!

**SIMÃO:** Hein?

**ANDREZA:** Nada, falei não! O fato, mesmo, seu Simão, é que você é um frouxo de marca maior! Está é com medo de topar Dona Clarabela porque nunca viu uma mulher fogosa como aquela! Aí, vem com essa frescura de que sua mulher é boazinha, que chora, que o senhor fica com pena, e que "ai Nevinha"! E não sei que mais! O senhor está com medo é das duas, de uma vez! De Dona Nevinha, porque todo homem tem medo da mulher, mesmo o mais botocudo! E está com medo de Dona Clarabela, por que ela é parada indigesta, com piteira e tudo!

**SIMÃO:** Dona Andreza, você me deixe de mão! Não venha me



esculhambar, não, se não eu mostro a essa tal de Clarabela que o mundo não é o que ela está pensando não!

**CLARABELA:** Ai, que Simão vai me mostrar como é o mundo! Mostre, mostre, Simão! Quero esgotar a taça do prazer até o fundo!

**SIMÃO** (circunspeto e tímido): Dona Clarabela, bom dia!

**CLARABELA:** Bom dia? Só? É o mais que você acha, para me dizer? Você não estava me ameaçando? Eu adoro ser ameaçada! E adoro, mais ainda, quando vejo a ameaça realizada! Venha! Realize a ameaça!

**SIMÃO:** Dona Clarabela, bom dia! Como vai Seu Aderaldo?

**ANDREZA:** Homem, deixe de ser frouxo! Vá lá, agarre essa bicha! Pega! Lasca! Dê-lhe uma chamada!

**SIMÃO:** E é? Assim, de repente?

**ANDREZA:** E então? Com mulher dessa qualidade o negócio é atracar! Chegue lá, dê uma atracada nela, dê-lhe uma chamada boa, que ela vai gostar!

**SIMÃO:** Mas o que é que eu digo?

**ANDREZA:** Você chega lá, atraca, e depois faz uma declaração de amor!

**SIMÃO:** É mesmo, eu vou! Dona Clarabela, declaração de amor!

**CLARABELA:** Ai, que coisa pura! Nunca pensei ouvir isso! Andreza, tome aqui esse dinheiro por seu bom serviço. E, agora, me deixe só com o Poeta! (Sai Andreza.) Joaquim Simão, gostei muito da maneira afetuosa com que você me saudou. Como vai esse homem belo? Como vai, com

esse corpo, com esses braços tão compridos, tão angulosos e ossudos? Como vai, com essa barriga reentrante e inexistente, tão popular e tão pura? E a sua autenticidade? Como vai, com tudo isso que, para mim, representa tentação e novidade?

**SIMÃO:** Vou meio doído, Dona Clarabela! A minha luta é danada, não tem quem agüente! Acordei inda agora, tomei cafezinho, fiquei por ali vendo uma coisa, outra, espiando a maçaranduba do tempo, peguei minha viola, toquei, aqui, uma cantiga para a senhora, escrevi um pedaço de folheto, um repente... Uma luta dessa, não tem quem agüente! Olhe, Dona Clarabela, pobre nasceu pra penitente! Estou todo doído! Esta vida de poeta, é mesmo, uma bosta!

**CLARABELA:** Coitado, que coisa horrível! Simão, vou lhe fazer uma proposta!

**SIMÃO:** Dona Clarabela, fale baixo, que Nevinha pode ouvir! O que é isso que a senhora quer fazer comigo? Proposta?

**CLARABELA:** Calma, homem puro! Proposta é uma pergunta que se faz, para saber se a pessoa aceita ou não aceita, gosta ou não gosta! Que homem mais horroroso! Ficou logo botando maldade, hein, maldoso?

**SIMÃO:** A senhora não explica! E qual é sua proposta?

**CLARABELA:** Você não disse que está com o corpo doído?

**SIMÃO:** Disse, Dona Clarabela! Não há quem agüente essa luta de

escritor e Poeta!

**CLARABELA:** Pois aqui vai minha proposta: você deite aqui no banco, que eu vou lhe dar uma massagem nas costas!

**SIMÃO:** Uma massagem? O que é isso?

**CLARABELA:** Você se deita aqui, eu pego você por trás, vou amolegando assim, vou amolegando mais, devagar, bem devagar como quem prepara massa! Agrado, esfrego, amolego: a dor, num instante, passa!

**SIMÃO:** Minha Nossa Senhora, me ajude, senão eu caio no chamego dessa mulher!

**CLARABELA** (impaciente): Não quer não, é?

**SIMÃO:** Dona Clarabela, isso é pecado!

**CLARABELA:** Lá vêm as besteiras desse atrasado! Eu não já lhe disse que não existe pecado? Olhe, quer saber de uma coisa, Simão? Eu hoje não acabo o dia sem dar uma massagem nas costas de um rústico, de jeito nenhum! Se não for você, será outro, que já mandei contratar! Assim, aproveite! Quer ou não quer? Se não quer, diga, que eu mando buscar logo o vaqueiro Fedegoso! Mas eu prefiro você! Inventei de dar massagem hoje, num rústico qualquer, e aquele que escolhi por sua autenticidade, por sua angulosidade, rusticidade e pureza foi você! Quer, ou não quer? Venha! Deixe de ser frouxo! Está com medo da mulher? Olhe, eu vou amolegando, como quem prepara massa, agrado, agrado, a dor passa! Quer?

**SIMÃO:** Ai, quero!

**CLARABELA:** Então, venha cá! Não tenha medo! Não é pecado nenhum! Está vendo? Vai, e vem! Suas dores passarão, minhas angústias também! Venha, venha! Sim, assim! "Carneirinho, carneirão, é de São João! É de cravo, é de rosa, é de manjericão! Carneirinho, carneirão, é de São João! É de cravo, é de rosa, é de manjericão!" Está bom?

**SIMÃO:** Está ótimo!

**CLARABELA:** "Carneirinho, carneirão, é de São João..." (Nevinha aparece na porta da casa. Simão avista-a, dá um pulo e começa a dançar.)

**SIMÃO:** Ai! "Carneirinho, carneirão, é de São João, é de cravo, e de rosa, é de manjericão!" Está vendo, Dona Clarabela? É assim que se dança o xaxado!

**CLARABELA:** Oxente, Simão! Você ficou doido?

**SIMÃO** (sempre dançando e cantando): Carneirinho, carneirão, minha mulher está olhando, carneirinho, carneirão, ela vem chegando!

**CLARABELA:** Ai!

(Corre para dentro de sua casa.)

**NEVINHA:** Simão, seu peste, seu condenado! Agora, eu peguei! Meu Deus, como seu infeliz! Dediquei toda a minha vida a meu marido, para, depois, descobrir que ele é um safado!

**SIMÃO:** Mas Nevinha, você já vem de novo com suas coisas! O que foi que eu fiz, pelo amor de Deus?

**NEVINHA:** Você deixou Dona Clarabela catucar você!

**SIMÃO:** Mas mulher, já é essa história de catucado de novo? Que

maluquice mais sem juízo é essa? Quer dar em mim, quer? Dê! Eu não já disse que a única mulher que eu deixo me catucar é você?

**NEVINHA:** E eu não vi não?

**SIMÃO:** Você viu? Que mentira! O que foi que você viu?

**NEVINHA:** Vi você, aí todo derretido e Dona Clarabela Futucando suas costas!

**SIMÃO:** Menina, deixa de ser doida! Você não está vendo que essa história não tem sentido? Você sempre será ameninada, a menininha, querida do marido!

**NEVINHA:** Vá pra lá, tarado! Não quero mais nada com você! Deixar uma cabra daquela catucar suas costas!

**SIMÃO:** Que catucar que nada, mulher! Eu estava era ensinando Dona Clarabela a dançar o xaxado de São João!

**NEVINHA:** Não meta São João em suas safadezas não, safado! Ateu, ímpio, incrédulo, herege, condenado!

**SIMÃO:** Mulher, deixa disso! É uma injustiça tão grande que chega a bradar aos céus! Você, me caluniando! Eu estava era ensinando! Assim, olhe: "Carneirinho, carneirão, é de São João, é de cravo, é de rosa, é de manjericão." Quando ela estava começando a aprender o ritmo, ali no banco, e ia começar a dançar, você chegou, na horinha, e meteu logo na cabeça que era safadeza minha!

**NEVINHA:** Mentira, Simão!

**SIMÃO:** Juro, Nevinha, minha oncinha, minha ovelinha branca, amor de meu coração!

**NEVINHA:** E você não me enganou não?

**SIMÃO:** Nevinha, vou jurar, pra você não duvidar: eu nunca lhe botel um chifre, nem hei de botar!

**NEVINHA:** É mesmo, Simão?

**SIMÃO:** E então? Agora, em troca dessa minha bobagem, de minha fidelidade, você precisa ser sempre carinhosa, amiga e camarada, que é para me dar coragem! Até parece que você está gostando menos de mim... Nunca mais me deu um agrado, um cafuné, uma massagem...

**NEVINHA:** Massagem?

**SIMÃO:** Sim! Não sabe o que é massagem não? Ah, você está muito atrasada! Você pega minhas costas por aqui, vai agradando, catucando, amolega pra um lado, puxa pro outro lado...

**NEVINHA:** Simão, safado! Isso foi Dona Clarabela que ensinou a você!

**SIMÃO:** Deixa de doidice, mulher! Isso eu li, num livro que chegou de Campina, e aprendi!

**NEVINHA:** Foi mesmo?

**SIMÃO:** Foi! Você me dá uma massagem?

**NEVINHA:** Dou! Agora, tem uma coisa: se seu descobrir que você está me traindo, eu furo seus olhos e boto chumbo derretido em seu ouvido, quando você estiver dormindo!

**SIMÃO:** Deixa de valentia, Nevinha, que brabeza não combina com você! Vamos tirar uma pestana, que o mal da gente é sono! Vamos dormir, e acabe com essa história!

**NEVINHA** (abraçada a ele): Não tem jeito não, meu Deus! Esse homem

é minha fraqueza e minha glória!  
(Entram em casa, abraçados. Em  
cena, entram Andreza e  
Aderaldo.)

**ADERALDO:** E Nevinha? Continua sem  
querer nada comigo?

**ANDREZA:** Continua! Já fiz de tudo!  
Parece que não dá jeito!

**ADERALDO:** Ela sabe que eu estou  
enriquecendo novamente?  
Digamos que eu já tenha  
duzentos mil contos! Você já  
imaginou o que é isso? São  
duzentas mil notas de um conto  
empilhadas uma em cima da  
outra! É uma beleza! Com  
dinheiro, pode-se comprar a terra,  
o ar, a água, o fogo, toda a  
natureza! Com dois anos de  
trabalho, vendendo e matando  
gado, emprestando meu dinheiro  
a troco de juros fortes, eu vou  
terminar mais rico do que era  
antes de o Frade desgraçado me  
roubar! Que diz você? Que é que  
acha?

**ANDREZA:** Acho o plano muito bom!

**ADERALDO:** E Nevinha? Cairá? Tenho  
uma sede danada nessa mulher.  
Que será?

**ANDREZA:** É quebranto! Passa logo!  
Nevinha está começando a  
desconfiar do marido por causa  
de certas coisas que andou  
assistindo aqui! Vou jogar lenha  
no fogo! Mulher casada e ciúme  
é coisa pra cai-não-cai! É o  
tempo em que o senhor fica, de  
novo, bem rico! Ela vai abrir a  
boca com a sua eficiência: dá-se  
então, um empurrãozinho e ela,  
docemente, cai!

**ADERALDO:** Eu abro os braços e  
aparo! Ai, Cão, que felicidade!  
Mas meu trunfo principal é a

pobreza do marido, a preguiça  
de Simão. Passando necessidade  
e vendo como estou rico,  
Nevinha se abala e cai na  
armadilha dos meus braços!  
(Saem. Entra Simão Pedro.)

**SIMÃO PEDRO:** Pois sim! Vocês vão  
pensando! Quem disse que eu  
vou deixar? Fica tudo em minha  
mão! Vou tomar minhas  
providências e ninguém chifra  
Simão! Lá vem ele!

(Escondem-se de novo. Entram Simão  
e Nevinha.)

**SIMÃO:** Então? Sou bom marido, ou  
não?

**NEVINHA:** É filhote! Eu nunca disse o  
contrário!

**SIMÃO:** Disse, meu bem! Você foi  
muito injusta! Eu, um Poeta, um  
autêntico, um puro, e você me  
acusando assim, sem saber, no  
escuro...

**NEVINHA:** Meu filho, me perdoe! Eu  
também posso me enganar! É  
que gosto tanto de você, que às  
vezes fico com ciúme! Dona  
Clarabela é inteligente, bonita,  
rica, tem estudo... Eu não sei nem  
conversar com você sobre os  
romances e folhetos que você  
faz! Ela, não! Sabe tudo!

**SIMÃO:** Sabe tudo, uma merda! Aquilo  
é uma jumenta sem mãe! É burra  
de fazer pena! Eu não digo! Uma  
desgraça ruim como Dona  
Clarabela, chifrando o marido  
como chifra, e ainda se acha  
com o direito de dizer que minha  
poesia é ruim! Ruim, é ela!

**NEVINHA:** É mesmo, meu filho! É uma  
peste, aquela Clarabela! Não  
queria mais negócio com aquela  
mulher! Acho que você não  
deve mais nem mostrar a ela o

que você fizer! E aquilo é burrice dela! Sua poesia é linda!

**SIMÃO** (satisfeito): Você acha?

**NEVINHA:** Demais! A do canário, toda vez que você canta, me dá vontade de chorar! E a dos macacos é tão engraçada!

**SIMÃO** (lisonjeado): Nada! Isso é porque você gosta de mim!

**NEVINHA:** Juro que não, Simão! Você pode acreditar! É que eu, mesmo, acho você um Poeta maravilhoso!

**SIMÃO:** É mesmo, Nevinha?

**NEVINHA:** É o maior que eu conheço! Eu lhe digo com franqueza: tenho ouvido poesia e tenho lido folheto de Leandro Gomes de Barros, de Inácio da Catingueira, de Silvino Pirauá, de José Camelo e Dila, de Jé, de Sales Areda, dos Romanos, dos Batistas; são, todos, maravilhosos: mas o maior, mesmo, é você!

**SIMÃO:** Nevinha, muito obrigado! Você não sabe a alegria que me dá, dizendo isso!

**NEVINHA:** Agora, eu lhe sou franca, Simão: do jeito que digo o que acho, no que não acho dou a minha opinião.

**SIMÃO:** E o que é que há?

**NEVINHA:** Por que você não deixa a poesia para as horas vagas e não vai trabalhar?

**SIMÃO:** Agora, já começa a dizer besteira! Trabalhar pra que, mulher? Trabalho não me convém! O que tiver de ser meu às minhas mãos inda vem! Se trabalho desse lucro, jumento vivia bem! Eu vejo esse povo que se mata, pensando que ser burro de carga é tudo no mundo: quando estouram, deixam tudo e,

ainda por cima, perderam a alma e caem no Fogo profundo!

**NEVINHA:** Sabe que é capaz de você ter razão? Mas então vamos, pelo menos, nos mudar para outro lugar. Talvez, aí, nossa situação inda venha melhorar!

**SIMÃO:** Mulher, se há uma coisa que eu tenho no mundo é juízo e, graças a meu bom Deus, o juízo que ele me deu eu ainda guardo aqui quase todo! Se eu estou mais ou menos aqui pra que ir pra outro lugar? Pedra que muito rebola nunca pode criar lodo!

**NEVINHA:** Sabe do que mais, meu Quincas? Você é quem está certo e perdoe sua mulher! Se aqui nós vamos vivendo da maneira que Deus quer, talvez seja até melhor nem pensar nessa viagem! Mas, também, tome coragem: vamos botar um roçado! Planta-se milho, algodão, arroz, batata, feijão, em casa eu ajeito um cortiço, e, quando chegar agosto que é o mês melhor para isso, estando tudo tratado, tira-se o algodão branquinho, o feijão castanho, o mel dourado!

**SIMÃO:** Mulher, deixe de loucura que eu sei isso como é: a gente limpando mato, vem a cobra e morde o pé! O Sol acaba a lavoura: nem preá e nem mundé! Trabalho sustenta a gente mas é só pra serventia, é a obrigação do mundo no suor de cada dia! E eu trabalho: penso, escrevo, invento, na Poesia, crio histórias para os outros, espalho alguma alegria, espanto a treva do Mundo que nem meu sangue se alumia dou beleza ao crime e ao

choro... É pouco, mas tem valia!

**NEVINHA:** Está certo, meu bem, está certo. Você é quem tem razão e sou eu que estou errada! Mas o jantar de hoje à noite? Não se esqueça dos meninos: está crescendo a ninhada! E para o jantar em casa nós, hoje, não temos nada! Pegue ali sua espingarda e vá pro mato caçar. Vá matar uma codorniz, um mocó ou um preá! Só não traga punaré! Mas um tatu, ou um tejo, nambu, rolinha, asa-branca você encontra e, encontrando...

**SIMÃO** (imitando uma espingarda):  
Pá! Pá! Pá!

**NEVINHA:** Isto! Ferro na pedra, fogo no ar! Você mata tudo isso, traz pra casa o que caçar: de noite eu faço o pirão para a família cear!

**SIMÃO:** Parece até que já estou vendo a caçada! Que caçada desgramada! Eu vou seguir seu conselho e me botar no caminho! Mas me diga: eu estou no mato; vou matar um passarinho; pode lascas a espingarda: o tiro sai da culatra e acaba com seu velhinho! Não tem batata de imbu?

**NEVINHA:** Tem!

**SIMÃO:** Pois pise e passe no ralo: junte água quente e pimenta e faça aquele pirão o tal "cabeça de galo". A filho de pobre, não falta fome! Garanto que todos eles comem e inda acham que é regalo!

**NEVINHA:** Está certo, meu filhote: para o jantar, isso dá! Mas a sobremesa? É possível que os pobre dos nossos filhos não tenham direito nem a uma coisinha para adoçar o jantar?

Vamos ali ao angico: hoje, eu passando por lá, vi na terra um capuxu que é o mel melhor que há! Mel doce, limpo, cheiroso, na terra, pra se tirar, mel de ouro, favo claro, e a cera, pra se guardar! Ali, perto duma pedra, dentro da terra a zoar, está esse capuxu - cera, mel e samburá! Vamos, então, ao angico para esse enxu arrancar!

**SIMÃO:** Eu não vou não, molecota: você vá só se quiser! Só como coisa salgada: coisa doce é pra mulher! E eu não entro nesse jogo! Capuxu, é uma desgraça, é a abelha que mais morde! O ferrão dela tem fogo! Eu tenho medo do Acaso, este Mundo é um perigo, a Morte vigia todos, o Tempo é nosso inimigo e quem se abre pra isso não tarda a ter o castigo! Em vada lugar do Mundo Caetana nos espreita, nos olha a Morte vermelha: quem sabe se ela não chega no ferrão dessas abelhas?

**NEVINHA:** Que marido mais sabido! Está certo, Joaquim Simão! Mas deixe, então, que eu discuta seguindo outra direção. Você não sabe onde é o Poço de João Dinis? Hoje eu fui lá, lavar roupa, e achei a casa dum peba. Vamos lá, tirá-lo, juntos?

**SIMÃO:** Você está doida, Nevinha! O povo diz, por aí, que peba come defunto! Depois, tem que ser de noite: perdemos nossa dormida! Ele engana a gente, foge, fica a viagem perdida e lá vem, de novo, a morte: uma cascavel nos morde, lá a gente perde a vida!

**NEVINHA:** Pensando bem, é verdade: não escute o que eu dizia! Mas lá

no Poço tem peixe: nem é sujo, como o peba, nem morde como as abelhas! Vá fazer uma pescaria!

**SIMÃO:** Eu sou é ruim na tarrafa! Se inda fosse jereré! E, mesmo, esse poço é fundo que não há quem tome pé: a gente vai é passar no papo do jacaré! Sabe do que mais, Nevinha? Forre o chão com a esteira e vamos, nela, dormir. Hoje eu canto numa casa, já mandaram me pedir! Com certeza o dono paga na hora em que eu for sair. E mesmo que nada paguem, Deus há de tudo suprir. Por enquanto, estamos vivos: então está tudo bem. Trabalhar, cansa e dói muito, coisa que não me convém. Se a Fortuna nos quiser, de qualquer modo ela vem! E sabe do que mais? Deixe dessa conversa, que eu já estou ficando com o juízo aperreado! O mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco deitado!

(Deita-se e adormece.)

**NEVINHA:** Meu Deus! Que vida, esta nossa! Será que tenho razão ao me conformar com tudo e obedecer a Simão? Sofro, não só da pobreza, mas também na consciência: pra ser boa pro marido estou sendo ruim para os filhos que padecem na inocência!

(Entra em casa, chorando. Aparecem Quebrapedra e Fedegoso, vestidos de Vaqueiros e puxando Andreza, que vem andando de quatro pés e disfarçada de Cabra, com máscara e chifres.)

**FEDEGOSO:** Ah, cabra dos seiscentos diabos! É possível que ninguém

queira uma cabra? Tenho que viajar depressa, a cabra está atrapalhando e eu não acho uma pessoa que queira ficar com ela! Não há ninguém nesta praça?

**QUEBRAPEDRA:** Quem quer cabra? É dada de graça! Cabrinha boa, leiteira, cabriteira, bodeira, é uma cabra de primeira!

**FEDEGOSO:** Alguém tem um pobre para ajudar? Uma família com fome? Um homem pra auxiliar? Esta é a hora! Que quer uma cabra que não pode viajar?

(Simão Pedro aparece, meio desconfiado. Os dois põem-se de costas.)

**SIMÃO PEDRO:** Amigo, ouvi você gritar! Que história é essa? Aqui já se dá cabra? Dá pra desconfiar!

**QUEBRAPEDRA:** É pra pegar ou largar! Estamos de viagem, apareceram uns problemas, e a a cabra está atrapalhando! Queríamos dá-la a alguém, mas só a quem estiver precisando! Se o senhor conhece alguém que esteja passando necessidade, faça o favor de lhe dar essa cabra! Tome, tenha a bondade!

**SIMÃO PEDRO:** Mas por que estão de costas? Estão desconfiando de mim?

**FEDEGOSO:** Deixe de perguntas! Se quiser a cabra, diga logo: meus negócios são assim! Não estamos obrigados a explicar nossos modos a seu ninguém!

**SIMÃO PEDRO:** Está bem, calma! Está bem!

**QUEBRAPEDRA:** O senhor conhece alguém em condições de ficar com a cabra? Alguém que está passando fome e passando

precisão?

**SIMÃO PEDRO:** Conheço! É um homem que mora aí, chamado Joaquim Simão!

**QUEBRAPEDRA:** Pois, então, lhe dê a cabra!

**SIMÃO PEDRO:** Esperem, que vou chamá-lo.

**FEDEGOSO:** Não! Temos pressa!

**QUEBRAPEDRA:** Olhe o galo!

**FEDEGOSO:** Co-coró-cocó!

(Saem correndo e rindo zombeteiramente.)

**SIMÃO PEDRO:** Que quererá dizer isso?

Que gente mais esquisita! O ruim, nisso tudo, é que quando agimos por conta própria perdemos alguma coisa das nossas faculdades! Será esses dois Vaqueiros tem parte com o Cão? Cuidado, velho Simão! Ficaram de costas pro meu lado o tempo todo! E essa cabra? Será que tem parte com o Diabo? Vou fazer uma cruz, de repente: se ela estoura, eu desabo! Cruz!

(Andreza levanta uma mão bem à vista ao público e coloca o dedo médio por cima do indicador, "isolando".)

**ANDREZA** (baixo): Isola!

**SIMÃO PEDRO:** Nada! Vou fazer outra tentativa: Cruz! Nada! É tolice não aproveitar! Vou me disfarçar de tangerino e dar a cabra à mulher de Simão! Assim, de uma vez só, ajudo o Poeta a sair da miséria promovendo o casal para uma pobreza honrada, e ajudo a mulher dele a não ser tentada pela riqueza desse miserável que quer vê-la desonrada! Cuidado, Simão! Mas, mesmo que tenha sido coisa do Cão, o que esse besta não sabe é que, acima de

mim, existe uma Judia, uma Virgem, uma Mulher, e acima dela existe Deus, que pode se aproveitar até do Cão, quando quer!

(Bota um chapéu de couro e um paletó de mescla azul e começa a cantar, aboiando.)

**SIMÃO PEDRO:** Eu me chamo Simão Pedro, minha vida é viajar, tangendo meus bois e bodes, sempre de cá para lá! Quando corro atrás de um bicho é, mesmo, pra derrubar! É, luar mansinho! Ê-boi, fasta boi! Ê-boi, ê-ô!

(Nevinha aparece à porta.)

**NEVINHA:** Quem está aí, cantando?

**SIMÃO PEDRO:** Dona, aqui na sua porta eu ia agora passando, tangendo um bando de cabras, tirando verso e aboiando, quando avistei a senhora, dentro de casa, chorando! Eu estou penalizado com a pobreza que vejo aqui, nesta moradia! Tome esta cabra leiteira: é a melhor com que eu ia! Trate dela com cuidado que ela há de lhe servir muito: a senhora terá leite pra família, todo dia!

**NEVINHA:** Mas meu senhor, que bondade! Ah, moço, muito obrigada! Acorde, Joaquim Simão! Meu Deus, que sono horróroso! Acorde, Simão, meu filho! A gente ganhou uma cabra!

**SIMÃO** (acordando imediatamente): Hã? Quem foi esse caridoso?

**NEVINHA:** Foi aqui o tangerino, homem decente e bondoso!

**SIMÃO:** Então, mulher, uma cabra, hein? O que era que eu lhe dizia? Meu senhor, muito



obrigado! Pode me dizer seu nome?

**SIMÃO PEDRO:** Simão Pedro, seu criado!

**SIMÃO:** Não diga! Somos xarapas! Ou melhor, quase xarapas! Com isso está explicado! Você, meu caro, é meu chapa! Meu nome é Joaquim Simão!

**SIMÃO PEDRO:** Muito prazer!

**SIMÃO:** Ô Seu Simão, não repare não, mas eu tenho uma mania de descobrir parecidozas entre as pessoas e os bichos! O senhor parece um touro, mas desses bons de mourão. Meio teimoso e durão, é capaz de dar pontada num momento de paixão! Mas, por dentro mesmo, é manso, bom, descuidado e não muito inteligente! Estou certo ou estou errado?

**SIMÃO PEDRO:** Joaquim Simão, deixe de intimidade, que você não sabe com quem está falando!

**SIMÃO:** Que é isso, meu chapa, está zangado? Não me diga que o senhor é primo da rapariga do Cabo! Deixe de bancar o brabo que eu sei que o senhor não ficou nem um pouquinho incomodado! O senhor se chama Simão: eu também, e, por isso, sei que todo Simão é confiado! É ou não é?

(Bate na barriga de Simão Pedro.)

**SIMÃO PEDRO:** Homem, é capaz de ser mesmo! Bem, eu já lhe dei a cabra: agora, arranje-se, que eu vou seguir minha viagem!

**SIMÃO:** Muito obrigado! Sua visita me deu alegria e coragem!

(Simão Pedro sai. Joaquim Simão se deita no banco, puxando o chapéu para os olhos.)

**NEVINHA:** Mas Simão, pelo amor de

Deus! Você vai se deitar de novo?

**SIMÃO:** Oxente! E agora, só porque eu tenho uma cabra, vou passar o resto da vida em pé, é? Estou muito satisfeito, agradecido e contente. Mas vou dizer uma coisa: só pra tomar conta dela, esse diabo dessa cabra vai dar é trabalho à gente! (Nevinha vai levar a cabra para casa.) Não! Deixe essa peste aqui fora! A cabra, criada em casa, vai é nos atrapalhar! Deixe esse diabo por cá, que aparece já negócio pra se vender ou trocar! Em negócio é que eu sou bom! A gente vai enricar!

**NEVINHA:** É mesmo? Então, está bem! Mas, meu velho, seja duro! Você é mole demais! A dona da cabra é esta: ela é minha e dos meninos! Veja que negócios faz!

(Entra em casa, contente.)

**SIMÃO:** Está tudo muito bem, estou muito esperançado. Mas, enquanto não aparece negócio, ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco, deitado!

(Deita-se no banco e adormece.)

**ANDREZA** (pondo-se em pé): Bé-é-é! Puf, puf! Sangue, sapo, cobra e fel! Treva, desgraça, morcego! Pus em cima do teu mel! Perdeu-se Joaquim Simão! Ai, que lá vem São Miguel!

(Disfarça, e começa a pastar calmamente. Entra São Miguel, com um peru.)

**MIGUEL:** Então era esse, o plano de São Pedro! O ruim é que, por conta própria, nem eu entendo, nem ele entende! O acordo está desrespeitado! E, se o que Joaquim Simão quer é negociar,

vamos ver o que ele consegue com as trocas que pretende! (Bota um chapéu de palha, tira a balança da maleta, empunhando-a, após o que faz uma falsa entrada, puxando o peru por um cordão e falando alto.)

**MIGUEL:** Chega, chega, peru cego, chega, velho camarada! Peru de quase cem anos, da barriga esculachada! Ei! Ei!

**SIMÃO** (acordando): Amigo, é seu o peru? Eu tenho, aqui, essa cabra: vamos dar uma trocada?

**MIGUEL:** Conforme! Como é o negócio? Qual a sua condição?

**SIMÃO:** A cabra pelo peru: uma mão lava a outra mão! Leve a cabra e dê-me o bicho, que está feita a transação!

**MIGUEL:** Pra mim, é bom: eu aceito! Mas sou um homem decente: o peru é velho e cego, é um pobre penitente; pode morrer neste instante, pois tem o bucho doente!

**SIMÃO:** Eu gostei da cara dele, o que é que há? Simpatizei com o rapaz! Leve a cabra e dê-me o bicho: não venha discutir mais! Não bote defeito nele: é um favor que me faz!

**MIGUEL:** Bem, se seu caso é de estima, não diga que lhe enganei!

**SIMÃO:** O mesmo faça você, porque, pra mim, eu lucrei! Fique aí, meu peruzinho!

(Deita-se e adormece. São Miguel amarra um lenço vermelho sob o queixo, como quem está com dor de dente. Cobre a cabeça com um chapéu-do-chile, arregaça a perna da calça, vai ao limiar e volta de lá com um galo.)

**MIGUEL:** Ei!

**SIMÃO** (acordando): Olhe um homem com um galo! Meu senhor do galo! Ei!

**MIGUEL:** Que é que há?

**SIMÃO:** Vamos trocar meu peru por esse galo? Mas, sou um homem direito e quero, logo, avisá-lo: o peru é velho e cego e morre ao primeiro abalo!

**MIGUEL:** Já que o senhor foi decente, quero avisá-lo também! Este é um galo de briga, nem força mais ele tem: perdeu na rinha, vai mal, não vale mais um vintém. A carne é pisada e dura, não serve para ninguém. O dono me deu o galo, e eu, por delicadeza, lhe disse que estava bem. Agora, diga o que eu volto na troca pelo peru, que eu vejo se me convém.

**SIMÃO:** É o galo pelo peru: o senhor não volta nada, que não seria direito! O galo ainda está vivo: eu dou-lhe um banho e uns tratos, boto na rinha, ele vence! Vou ganhar tanto dinheiro! Dou o peru pelo galo: se quiser, diga, está feito!

**MIGUEL:** Eu quero e fico contente!

**SIMÃO:** Eu também estou satisfeito! Oxente, é um galo arretado! Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco, deitado!

(Adormece. Miguel bota uma barba branca, veste um camisolão por cima da roupa, ficando parecido com um peregrino ou romeiro. Vai ao limiar da cena e volta de lá com um coelho.)

**MIGUEL:** Ei! Acorde, Joaquim Simão!

**SIMÃO:** Olhe um homem com um coelho! Vale a pena perguntar: esse coelho é pra negócio?

**MIGUEL:** É pra vender ou trocar! Se tem alguma proposta, me faça e

vamos pensar!

**SIMÃO:** Dou meu galo por seu coelho. Mas aviso, meu senhor: é um galo aposentado, já velho, já sem valor, que, agora, de galo, mesmo, só tem mesmo aquele tico: do lado de cá, o bico, do outro lado, o fedor!

**MIGUEL:** Mesmo assim, gosto da carne: cozida, é bom de comer! Quanto devo lhe voltar? Faz favor de me dizer?

**SIMÃO:** Você não me volta nada! Vou, lá, enganar você!

**MIGUEL:** Se é assim, faço o negócio: não diga que lhe enganei!

**SIMÃO:** O mesmo faça você, que eu satisfeito fique! Que coelhinho mais simpático? Ele é pedrês ou malhado? Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco, deitado!

(Adormece. Miguel tira o camisolão e a barba branca, veste um sobretudo negro e põe na cabeça uma bacora preta, ficando parecido com a figura convencional do judeu. Vai ao limiar e volta de lá com um pacote.)

**MIGUEL:** Acorde, Joaquim Simão!

**SIMÃO:** Um homem com um pacote! Meu senhor do pacote! Ei! Onde vai, com tanta pressa? Venha cá, concidadão! Me mostre aqui o pacote que carrega em sua mão! E me diga: esse pacote se troca num coelho, ou não?

**MIGUEL:** Meu amigo, esse pacote é somente um pão francês que eu comprei, agora mesmo, na venda de um Português! Mas, se o senhor quer trocar, aproveite, que é a vez! Me diga, lá, o negócio que é para eu ver como é!

**SIMÃO:** Dou meu coelho pelo pão que é um símbolo da Fé! Nos

Salmos, Deus declarou pela boca de Davi: "Eu vos alimentarei com a flor do trigo e com o mel do rochedo." Refere-se ao pão e ao vinho, bebida divina e forte, com o pão sagrado da Fé! E, além disso, um pão é bom pra se tomar com café!

**MIGUEL:** Eu não engano ninguém!

**SIMÃO:** Nem eu também, camarada!

**MIGUEL:** Um pão é pouco, pra dar num coelho sem voltar nada! Tome um pão e mais um conto: fica a troca equilibrada!

**SIMÃO:** Não fui eu que lhe pedi: o senhor deu porque quis! Pra mim, já bastava o pão: fiz um negócio feliz! Eu enxergo umas dez léguas adiante do meu nariz! Meu senhor, muito obrigado! Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no banco, deitado!

(Adormece. Miguel tora os disfarces. Entra Simão Pedro, sem que ele o veja, e fica por trás. Manuel Carpinteiro entra, também sem ser visto, e fica por trás dos dois.)

**MIGUEL:** Agora, quero ver como é que São Pedro sai dessa: o protegido dele pegou a sorte e largou!

**SIMÃO PEDRO:** Muito bem!

Desrespeitando o acordo feito com Nosso Senhor, hein?

**MIGUEL:** E você? Também não desrespeitou?

**SIMÃO PEDRO:** Eu sou apenas um Santo, sou um simples pescador! Mas você! Um Anjo! Mais do que isso: um Arcanjo!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Um-rum, um-rum!

**SIMÃO PEDRO:** Ai meu Deus! Nosso Senhor!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Vocês parecem dois meninos! Mas, não tem

importância! Eu deixei porque era isso, mesmo, o que eu queria! Foi isso que planejei! De outra vez, tenham cuidado!

**MIGUEL:** Então, o que é que se faz?

**MANUEL CARPINTEIRO:** A história vai caminhar. Vamos ficar escondidos pra, depois, moralizar! Mas, para isso, é preciso que você, Miguel Arcanjo, representante aí, por mímica, com Aderaldo presente, a última dessas trocas que você fez com Simão!

(Manuel Carpinteiro e Simão Pedro ficam à parte. Entra Aderaldo Catacão. Miguel Arcanjo e Joaquim Simão representam, por mímica, a última troca. Saem todos, menos Aderaldo e Joaquim Simão.)

**ADERALDO:** Lá está Joaquim Simão! Ele não me pressentiu! Ou, então, virou as costas, fingindo que não me viu! Um homem falou com ele, fez uma troca e saiu. Eu vou lá! Joaquim Simão! Gosta de troca também? Você sabe: eu negocio e entendo disso, bem! Que é que inda tem pra trocar?

**SIMÃO:** Aqui, nada mais se tem! Eu estava com uma cabra que minha mulher ganhou. Fiz, porém, quatro negócios e o que eu tinha se acabou; tenho um pão e mais um conto: foi tudo quanto sobrou! Eu troquei, primeiro, a cabra num peru, com um freguês. Dei o peru por um galo e este num coelho pedrês. Me deram por esse coelho este conto e o pão francês!

**ADERALDO:** Veja quanta diferença há de você para mim! Se eu fosse, como você, magro, feio e pobretão, e se, lá um dia, visse, por astúcia de algum Cão, uma

cabra que viesse parar nesta minha mão... Ora, não tinha conversa: mudava a sorte, depressa! Você não viu como foi? O ladrão me roubou tudo, eu fiquei quase sem nada! Fui lutando e me aprumando: já tenho dinheiro em caixa! Olhe: sê aqui tenho isso tudo! E você? Será assim? Acho que não! Você é burro, Simão! Você é besta, Joaquim! E espere mais uma coisa: você vai perder prestígio, o que será bom para mim! Eu posso lhe garantir: sua mulher vai achar ruim, porque você pegou, hoje, a cabra dela e deu fim!

**SIMÃO:** Ah, isso não! Isso nunca! Na minha negra eu confio!

**ADERALDO:** Pois eu já sou diferente: até de Deus desconfio! Isto é caso ele exista, coisa na qual não me fio! Todo mundo tem seu preço: o interesse, é a Lei eterna! É quem dirige a cabeça, a barriga, o peito e a perna! A ambição é quem comanda! A cobiça é quem governa!

**SIMÃO:** Mas que coisa, Seu Aderaldo! Então é assim que o senhor é, hein? É assim que as pessoas vão mostrando quem são! É assim que os ricos são por dentro, hein? Eu vivia achando que o senhor tinha alguma coisa de peru, de jumento ladrão, guará, raposa e timbu. Eu dizia isso brincando, mas agora já sei porque é! Então, o senhor até de Deus desconfia! É muita falta de fé! Que agonia não deve haver na sua cabeça, hein, Seu Aderaldo Catacão? Pois saiba que suas leis podem dar certo com a gente de sua laia, com minha mulher, não!

**ADERALDO:** Você, tendo dado prejuízo a ela? Ah, vai ouvir reclamação!

**SIMÃO:** Vou nada! Tudo o que faço, pra Nevinha, está bem feito!

**ADERALDO:** Pois vou lhe propor um negócio, e fazer uma confissão! Vou lhe confessar, Simão: sou louco por sua mulher!

**SIMÃO:** O que, Seu Aderaldo? É? Não diga! pois comigo é o contrário: sua mulher é louca por mim!

**ADERALDO:** Eu sei! Pensa que me importo? Dou a minha pela sua! você quer trocar?

**SIMÃO:** O senhor vá se lascar! Não é besta não? Pra me encher de troca ruim, o que eu fiz hoje já dá!

**ADERALDO:** Você não confia na sua mulher?

**SIMÃO:** Confio!

**ADERALDO:** Você não disse que nem as leis do interesse governam Dona Nevinha?

**SIMÃO:** Disse!

**ADERALDO:** Ela gosta de você, de verdade?

**SIMÃO:** Gosta!

**ADERALDO:** Você arrisca a confiança e o amor dela numa aposta?

**SIMÃO:** Arrisco! Arrisco tudo! Mas uma aposta dessa eu só faço com testemunhas!

(Entram Simão Pedro e Miguel.)

**ADERALDO:** Vêm chegando, aí, dois homens que podem servir pra isso. Ei! Vocês dois, aí! Querem vir cá, por favor? Queríamos que vocês servissem de testemunhas numa aposta entre nós dois!

**SIMÃO PEDRO:** Pois não! Qual é a aposta?

**ADERALDO:** Esse sujeito pegou hoje, aqui, uma cabra que a mulher dele ganhou, e tantos negócios

fez que quase tudo acabou. Tem ele agora, somente, um pão e um conto de réis. Eu digo que a mulher dele reclama as trocas, ele acha que não! A aposta é a seguinte, escutem vocês, e você também, Simão! Você chama sua mulher aqui. Ela pergunta pela cabra: então você diz a ela todas as trocas, sem desculpar os negócios que fez, dizendo os defeitos dos bichos que recebeu, tudo isso sem usar nem uma enrolada! Se ela concordar com tudo e não reclamar nada, perco este dinheiro todo para você! Se ela reclamar, você perde o pão, perde a nota de um conto de réis, se eu quiser, e, para completar tudo, perde também a mulher!

**SIMÃO:** Como é que eu posso perder minha mulher, que não sei?

**ADERALDO:** Você junta o que possui e dana-se daqui! Entope no oco do mundo e abandona sua casa! Basta isso, nada mais! O resto é por minha conta! Você topa?

**SIMÃO:** Topo!

**ADERALDO:** Pois vamos lá, sem demora! Tudo isto pelo pão, pelo conto e por sua mulher! Caso a aposta agora! Se sua mulher não reclamar, você recebe tudo isso na mesma hora!

**SIMÃO:** Aceito, Seu Aderaldo! Vamos a aposta casar! Na mão dessas testemunhas, o bolão depositar! E, para decidir tudo, minha mulher vou chamar!

**SIMÃO PEDRO:** Me dê aqui o dinheiro!

**MIGUEL** (para Simão): O pão e o conto de réis!

**SIMÃO:** Eu chamo minha mulher, que

vem na ponta dos pés! Lá chegou ela, na porta, com a cara iluminada! Foi só porque me avistou de lá da porta da entrada! Minha mulher, venha cá!

**MIGUEL:** Coitada!

**SIMÃO PEDRO:** Por que coitada? Inda não sucedeu nada!

(Entra Nevinha.)

**NEVINHA:** Meu filho, cadê a cabra? Alguém comprou? Já vendeu? Fez um bom negócio, Simão? Você lucrou ou perdeu?

**SIMÃO:** Minha filha, escute bem: vou contar o que se deu! Eu estava com a cabra, dormindo ali, à vontade. Aí, passou um sujeito, com um peru velho, de idade: troquei a cabra por ele, pois achei facilidade!

**NEVINHA:** Foi boa troca, Simão! Um peru serve demais! Quando chegar o Natal, um bom assado se faz! Onde é que está o peru? Quando é que o homem traz?

**SIMÃO:** Espere aí! O peru é bicho meio maldito! Não me lembrei disso logo! Aí chegou outro homem com um galo, desses de briga, apanhado e não bonito! Dei o peru pelo galo, que é animal mais bendito!

**NEVINHA:** Fez muito certo, Simão! Galo é bicho abençoado, clarim de Nossa Senhora! Canta assim: "Cristo nasceu!" e vai nos trazer melhora, com essa frase abençoada madrugando a toda hora! Por que não me trouxe, logo, nosso galo, para eu ver? Onde é que está esse galo?

**SIMÃO:** Espere, que eu vou dizer em que resultou o galo, pra você tudo saber! Esse, era um galo-de-briga, caboclo e meio vermelho.

Um dos olhos, era cego, mas o outro era um espelho: a luz batia e luzia! Passou, aqui, outro homem: dei o galo por um coelho!

**NEVINHA:** Fez muito bem! Um coelhinho alegre qualquer criança! É criatura engraçada, tem a natureza mansa! E, se houver necessidade, vai encher a nossa pança! Quando é que ele traz o coelho?

**ADERALDO:** Agora, Simão se lasca! Racha a testa e quebra o pé!

**SIMÃO:** Escute, minha mulher! Fiquei com o coelho, entretido pensando... Quando dei fé, vinha um homem com um pão! Dei o coelho pelo pão! pra se comer no café!

**NEVINHA:** De todas, foi esta troca a melhor que você fez! Os filhos estão com fome e, sendo assim, é a vez: vai já tudo encher o bucho de café com pão francês! Se trouxe o pão, me dê logo, que eu vou fazer o café!

**SIMÃO:** Está vendo, Seu Aderaldo? A aposta está de pé! E o senhor, agora, viu o que é uma mulher! Mulher, e não besta-fera! Aquilo que o senhor tem em casa, não é mulher não, é megera! Me dê o dinheiro, aí!

**ADERALDO:** O quê, seu atrevido? Já que você está me insultando, eu não pago esse dinheiro!

**SIMÃO PEDRO:** Ah, paga, meu camarada! A aposta foi casada, o dinheiro está comigo e a minha mão é honrada!

**SIMÃO:** Veja lá, e agora aprenda o que é mulher bem casada!

**ADERALDO:** O Diabo queime essa peste, leve essa besta danada!

Perdi somente por causa dessa guenza escanzinada! Tem gente de todo tipo nesta terra desgraçada! Se o mundo é desse jeito, vou me trancar para sempre! Que o Cão te enfie uma figa! que a Morte corte teu couro e Satanás te persiga!

**SIMÃO:** Calma, lá, Seu Aderaldo! Se quer outra aposta, diga!

(Sai Aderaldo, depois de lhe dar uma banana.)

**NEVINHA:** Está muito bem, seu peste! Mas agora venha cá, seu sangue de pamonha! Vocação de corno! Você arriscou na roleta, hein, seu cabra sem-vergonha?

**SIMÃO:** Que é isso, Nevinha? Que doidice nova é essa?

**NEVINHA:** Doidice o quê, seu velhaco? Você pensa que eu não ouvi não, foi? Eu vi tudo, dali, pelo buraco da fechadura! Pensa que eu não vigio você não, é? Desde que Dona Clarabela futucou você que eu venho de olho em cima de você, viu? Sim, porque aquela cachorra catucou você! Nem se meta a negar! Ouvi você dizer a Seu Aderaldo que ela gostava de você! ouvi você mesmo confessar!

**SIMÃO:** Bem, se você ouviu eu dizer isso, ouviu também aquele corno me oferecer trocar você por ela e eu recusar!

**NEVINHA:** E não recusasse não, pra ver uma coisa! Era o que faltava! Era só o que me faltava: meu marido me trocar por uma cachorra! E aqui, na minha casa, no meu terreiro! Minha Nossa Senhora, como sou infeliz! Meu marido me arriscou por dinheiro!

**SIMÃO:** Nevinha, eu arrisquei porque

tinha confiança e sabia que ia dar certo!

**NEVINHA:** Ia dar certo por quê? Como é que você garantia? Podia, bem, ter dado errado, bem que podia! Deu certo, porque eu ouvi! Avalie se eu não tenho escutado! A essa hora, estava aqui, largada nas unhas de Seu Aderaldo!

**SIMÃO:** Você seria capaz de ficar com ele?

**NEVINHA:** Sei lá! De que é que não é capaz uma mulher abandonada?

**SIMÃO:** Está vendo? E ainda diz que gosta de mim! Gostar de você sou eu, que estava disposto a defender você dele, até morrendo!

**NEVINHA:** Você?

**SIMÃO:** Sim! Eu estava armado, está vendo? Tinha um revólver comigo! Caso eu perdesse a aposta, Seu Aderaldo teria o castigo merecido!

**NEVINHA:** Simão!

**SIMÃO** (botando banca): Não! Agora, não adianta! Você não confia em mim como eu confio em você!

**NEVINHA:** Deixa de besteira, Simão! E eu não tinha tomado minhas providências, também? Quando eu ouvi a aposta, trouxe comigo esse pau e trouxe um punhal, meu bem! Se você me abandonasse...

**SIMÃO:** Você metia em Seu Aderaldo...

**NEVINHA:** O punhal! E em você, metia o pau! Está vendo como é?

**SIMÃO** (abraçando-a): Nevinha!

**NEVINHA:** Simão!

(Saem abraçados. Entra Manuel

Carpinteiro.)

**SIMÃO PEDRO:** Então?

**MIGUEL:** É! Saiu tudo mais ou menos!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Só tem agora, um perigo: Simão vai mudar de vida! Venceu a miséria, o que é bom, e é o sonho da pobreza. Se ficar nisso, vai bem e há de ganhar a partida! Mas se deixar-se vencer pelo espírito da riqueza, está com ela perdida!

**SIMÃO PEDRO:** O que é depois, vem depois! Por enquanto, ele vai bem! Seu defeito, é a preguiça, mas escute o que eu dizia: é o ócio criador, o ócio da Poesia! E ele tem uma qualidade: nunca lhe falta esperança, nem fé, nem honestidade! É amigo da mulher e incapaz de maldade!

**MIGUEL:** Mas, com toda essa bondade, fez uma aposta safada!

**SIMÃO PEDRO:** Se ele saiu-se bem dela é coisa a ser desculpada!

**MIGUEL:** Vejamos então por onde segue ele agora a jornada!

**SIMÃO PEDRO:** Agora, daqui por diante, Joaquim Simão vai em frente! Diante dele não acha uma porta que não abra! Compra um pedaço de terra com uma porteira alinhada, com uma placa e um letreiro: "Fazenda Homem da Cabra"!

**MIGUEL:** Que a gente nunca blasfeme e tente fazer o bem. Queira só o necessário, dê, quem tem, a quem não tem, que a luz do Deus de nós todos abraça a todos, também!

**MIGUEL CARPINTEIRO:** Quando aqui se fala em bens não é somente em dinheiro. Eu penso é nos dons de Deus, fortes, puros, verdadeiros.

Sobre o sangramento do mundo, todo o cantar da alegria, tendo o Sol como roteiro!

**SIMÃO PEDRO:** O pobre tem o direito de lutar, pra melhorar! Dinheiro é bom! Não demais! Sobretudo não se pode somente nisso pensar! Quem encontre a Sorte faça por onde ser dono dela, sem ela se curvar! Nosso Povo não se esquece: "A quem muito se agacha, o fiofó lhe aparece".

**OS TRÊS:** Dinheiro tem sua treva, pobreza tem sua luz. A miséria é quem desgraça pois à morte e ao mal conduz. Vive-se à solta no mundo, mas o Sol do mundo é Deus, sangue e sol em sua Cruz!

## PANO

## TERCEIRO ATO

(Mesmo cenário dos atos anteriores. Entram Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo e Simão Pedro.)

**MANUEL CARPINTEIRO:** Os cavalheiros e damas que estão nos ouvindo, não deixarão, na certa, de comprar um produto que é vendido em benefício deles, não no nosso!

**MIGUEL:** Não digo, cavalheiros e senhoras, que nada aproveitemos nós com isso! Não, de modo nenhum! Mas a maior vantagem é para quem nos ouve e que nos segue!

**SIMÃO PEDRO:** E digamos agora que perguntem: "Por que esses três loucos fazem isso?" Pois a resposta é fácil: porque Deus disse "Ganharás o pão com o



suor do teu rosto!” (Aqui, unindo o gesto à palavra, Simão Pedro passa o dedo na testa, como se a estivesse limpando de um abundante suor, que atira, depois, no chão.) Assim, do mesmo modo que os senhores ganham as suas vidas, uns vendendo automóveis, outros subindo os preços, roubando galinhas, vendendo máquinas que logo se quebram, vendendo seguros inseguros e terrenos imponderáveis, emprestando a juros impagáveis, nós ganhamos a nossa vendendo este produto!

**MANUEL CARPINTEIRO:** E, agora, devo dizer que, contrariando um pouco, o plano aqui de Simão, eu tratei de empobrecer de novo a Joaquim Simão. A “Fazenda Homem da Cabra” começou a prosperar. Como os poetas são, sempre, gente inclinada à luxúria, a primeira coisa que ele inventou de praticar, depois que achou o seu poço, foi enganar a mulher! Não é preciso dizer quem foi a feliz mortal que mereceu a fortuna de roer aquele osso!

**MIGUEL:** O pior, é que Simão foi-se deixando possuir pelo espírito da riqueza. Foi ficando parecido com Aderaldo Catacão!

**SIMÃO PEDRO:** Foi preciso apertar Joaquim Simão! Seus carneiros e cabras dispersaram-se, a seca dizimou seu algodão. Pela falta de pasto e de forragem, seu gado se acabou pelo Sertão! E as reses - muito poucas - que escaparam, se acabaram, por cobra, ou no mourão!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Hipotecou a fazenda! No dia do pagamento

ele não tinha o dinheiro e Catacão a tomou! Isso lhe foi salutar: deixou a amante de lado, a mulher o perdoou, ele voltou à Igreja, à segurança da Casa que o Cristo - que eu represento - fundou para todos nós!

**MIGUEL:** Está mais pobre do que antes e vem aí, com a mulher: vêm como dois retirantes!

**SIMÃO PEDRO:** Vem, suprema humilhação pedir trabalho e comida a seu rival e inimigo Aderaldo Catacão!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Confia em que o rico não negará o solicitado, nem que seja, talvez, pela alegria maligna de achá-lo, assim, derrotado! Aqui ficamos! Voltaremos já, entrando, desta vez, como mendigos disfarçados! E, no fim, passaremos o nosso produto, com uma conversa assim desagradável, mas, no trato das coisas deste mundo, também infelizmente indispensável: é o preço do produto! Atenção! Preparar! Luz! Começar!

(Desaparecem. Entram Simão e Nevinha, esfarrapados, com sacos de viagem às costas.)

**SIMÃO:** Chegamos à chamada “terra amada”! Eita, vida velha desmantelada! Quantos anos, hein, Nevinha?

**NEVINHA:** É verdade! Quantos anos! E, também, quantos sofrimentos, quantos desenganos!

**SIMÃO:** Você está triste, meio sem coragem... Será que ainda não me perdoou?

**NEVINHA:** Perdoei, Simão! Sofri muito, mas tudo isso já passou!

**SIMÃO:** Vamos bater! Seu Aderaldo certamente não está! Com a

mania do trabalho, a essa hora deve estar pegado! Mas a tal da Dona Clarabela na certa está em casa, e eu pretendo me valer é dela! Agora, Nevinha, se eu lhe disser uma coisa, você não se zanga não?

**NEVINHA:** Não!

**SIMÃO:** Nem chora?

**NEVINHA:** Não, Simão!

**SIMÃO:** Pois eu queria lhe pedir para você se esconder! Essa tal de Dona Clarabela nunca suportou você! Por outro lado, depois do que você me contou de Seu Aderaldo, eu não quero expor você às safadezas daquele safado! Nossa velha casa está abandonada: você fica por aqui, escondida! Se eu notar que o negócio tem vantagem, aí chamo você! Se não, trabalho hoje, para arranjar comida e algum dinheiro, e depois a gente segue viagem. Está bem?

**NEVINHA:** Está! Agora, Simão, eu lhe digo uma coisa: estou de olho aberto em cima de você, viu? Se aquela mulher começar, de novo, com chamego pra seu lado, eu saio daqui e brado! Se eu visto saia, ela também veste saia! Dou uma surra de pau naquela catraia!

**SIMÃO:** Nevinha, deixa de besteirada, que não vai mais acontecer nada! Eu estou velho, e Dona Clarabela também!

**NEVINHA:** Dona Clarabela não tem nada de velha, é uma mulher até enxuta, aquela... sem-vergonha! Nem você está velho! E mesmo que estivesse! Isso não quer dizer nada: safado também envelhece! Você continua o

mesmo safado que era!

**SIMÃO:** Mulher, não diga uma coisa dessa! Uma pessoa vai passando aí, ouve, com que má impressão não fica de mim? E de você também, tão mansa, tão boa, e se fazendo de braba, assim! Desse jeito, você me desmantela! Você não sabe que mulher, pra mim, só tem você?

**NEVINHA** (dando-lhe uma cotovelada): Isso é podre de ruim, mas eu sou louca por ele!

**SIMÃO** (imitando-a): Isso é podre de boa, e eu sou louco por ela!

**NEVINHA:** Simão!

**SIMÃO:** Nevinha! Bem se esconda, que eu vou bater!

(Nevinha esconde-se em sua antiga casa e Simão bate na porta de Aderaldo Catacão.)

**SIMÃO:** Ô de casa! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

**CLARABELA** (aparecendo, mas sem vê-lo logo): Quem terá sido? Vou botar os óculos, a vista está meio escura! Quem foi que bateu aqui, dizendo esta frase tão autêntica, tão pura? Deve ser algum remanescente medieval, inteiramente folclórico, sensacional, ainda capaz de bater nas portas com esta linda saudação anacrônica! Quem é esse puro, esse pajem, esse infanção?

**SIMÃO:** Sou eu!

**CLARABELA:** Eu, quem? Não diga! É Joaquim Simão!

**SIMÃO:** Sou eu, Dona Clarabela! Aqui estou, de volta, depois de tantos anos de separação!

**CLARABELA:** E sua mulher?

**SIMÃO:** Ficou! Se as condições melhorarem, ficou combinado

que eu mandaria buscá-la!

**CLARABELA:** Meu caro Poeta, estou quase sem fala! Não me leve a mal, mas eu posso rir? Que condições são essas em que você me volta?

**SIMÃO:** É, estou mais ou menos desgraçado! Perdi tudo o que tinha: seca no algodão, fome e cobra no gado, e, quando dei acordo de mim, tinha se acabado tudo aquilo que, como por milagre, eu tinha juntado!

**CLARABELA:** E agora vem bater na minha porta, depois de me ter abandonado? Depois de ter interrompido, sem nenhuma razão plausível, um caso de amor tão puro, tão autêntico e tão bem iniciado? Você pensa que é assim? Pensa que o nosso amor vai começar de novo, depois que você mesmo lhe deu fim? Está muito enganado! Saia daqui! Não quero mais vê-lo! O caminho é por ali!

**SIMÃO** (representando dramaticamente para que Nevinha ouça): Não, Dona Clarabela! A senhora está enganada! Não vim aqui reatar a nossa ligação despedaçada! Minha mulher me perdoou: entendeu que tudo aquilo foi porque eu estava com a cabeça transtornada, por causa daquela riqueza que me apareceu de repente e que, agora, foi, também de repente, liquidada! De maneira nenhuma eu seria capaz de vir aqui reatar o que está acabado, e que, morto e sepultado, deve continuar! Vim aqui, muito humildemente, pedir um emprego a seu marido,

porque estou com fome, sem trabalho, cansado e doente!

**CLARABELA:** O quê? Um emprego para o Poeta? Primeiro, não sei se fica bem! Depois, não sei se Aderaldo...

**SIMÃO:** Ele não está, já sei! Isso é hora de trabalho! Trabalhador como sempre foi, a essa hora ele deve estar pegado!

**CLARABELA:** Ah, não, Joaquim Simão, Aderaldo está muito mudado! Depois que viu você prosperar mais ou menos e sem fazer força, ficou tão ressentido e transtornado, que resolveu tomar seu exemplo, isso ao modo dele, é claro! Vendeu tudo, juntou dinheiro, passou a viver de juros e tentou viver descansado! Não conseguiu: já estava habituado e começou a se sentir aposentado! Pior: tornou-se tão avarento que só você vendo! Pra mim, ele está com o juízo perturbado! Ele, que fazia questão de se mostrar rico, que era tão largo com a casa, tão generoso comigo, agora nem liga! Vive catando migalhas, como um... Não sei nem como diga! Como herói de Balzac! Não encontro melhor definição: Aderaldo, agora, é um herói de Balzac! Você já leu Balzac, Simão?

**SIMÃO:** Não!

**CLARABELA:** E Joyce? E Proust?

**SIMÃO:** Também não!

**CLARABELA:** Precisa ler! Principalmente Joyce, para saber o que é que é uma forma concreta de vanguarda, e um conteúdo de participação! Mas está bem, Simão! Vou falar com Aderaldo! Pode ser que, pra você, ele abra

uma exceção! Mas, não seria duro, para você, passar a ser nosso empregado?

**SIMÃO:** É, será a grande vitória de Seu Aderaldo! Mas é o jeito, Dona Clarabela! Eu já estou lascado!

**CLARABELA:** Mas é que existe ainda outra dificuldade, Simão! Você sabe: tratando-se de homens, meu gênero sempre foi o gênero rústico! Aderaldo tem a vida dele pelo lado de lá, eu tenho a minha pelo lado de cá! Como você rompeu comigo, eu não tinha outro caminho, não tinha para onde ir! Aí, arranjei um Vaqueiro rústico, para, com ele, me distrair! Assim, não sei se não seria pelo menos chato, para você, em vista de nossas relações passadas...

**SIMÃO:** Elas estão realmente encerradas! A senhora tem inteira liberdade, Dona Clarabela! Eu não tenho nada com sua vida!

**CLARABELA:** Sim, mas para mim? Mas, para mim, meu senhor? Você vai ser meu doméstico, e, talvez, seja, de certo modo, constrangedor... Mas, talvez não! É, talvez não! Quem sabe? Talvez fosse até excitante Hein, Simão? Ter, como doméstico e mordomo, o poeta Joaquim Simão! O Poeta, como um Rei destronado, obrigado a assistir ao reinado do seu novo sucessor! Talvez seja até engraçado! Se é que Aderaldo lhe dá o emprego e você não vai se sentir humilhado!

**SIMÃO:** Eu tomo tudo isso como um castigo de que estava precisado!

**CLARABELA:** Olha o cristianismo dele! Puro, masoquista e ultrapassado! Pois fique! Está contratado!

Apesar de toda a avareza, Aderaldo ainda gosta de mostrar uns gestos de grandeza! Vou convencê-lo da vantagem de mostrar que não decaímos totalmente do esplendor passado, quando tínhamos mordomo e grande criadagem! Você, Simão, vai ficar como meu Mordomo! Entre! Lá dentro, tem uma roupa apropriada! Você vai vesti-la e assumir suas funções!

**SIMÃO:** Mas Dona Clarabela...

**CLARABELA:** Que é?

**SIMÃO** (envergonhado, disfarçando): Nada!

**CLARABELA:** Não, você ia dizendo qualquer coisa, depois parou, e disfarçou! O que é, Simão?

**SIMÃO:** Bem, vou passar mais essa humilhação! É que eu estou com fome, Dona Clarabela! Ainda hoje, não comi! Estou com uma fome arretada!

**CLARABELA:** Meu caro Simão! Eu não lhe disse que a coisa, aqui, está mudada? Aderaldo controla até comida! Tudo ele aperta! Só podemos comer na hora certa! As únicas alegrias que ainda tenho, são as do amor! Ai! "Amor é um fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente..." Conhece isso? É de Camões!

**SIMÃO:** Camões? Conheço! Tem um folheto, de Cirilo, chamado "As Perguntas do Rei e as Respostas de Camões". Me lembro de que tem um pedaço muito bom. O Rei quer obrigar Camões a desenterrar, para ele, um tesouro encantado e mal-assombrado que existe num velho sobrado. Camões promete ao Rei cumprir o encomendado. E lá diz o

folheto:

“Camões foi lá no sobrado  
e um buraco cavou.  
Depois, comprou uma jarra,  
no mesmo canto enterrou.  
Pegou a estercar dentro,  
até que superlotou.  
Quando a jarra estava cheia,  
Camões cobriu, desta vez,  
com cem moedas de ouro  
e saiu com rapidez.  
Foi convidar o Rei, mesmo  
no dia em que fez um mês.  
O Rei saiu com Camões,  
sem fazer cara de choro.  
Quando chegou lá no quarto  
viu as moedas de ouro.  
Disse a Camões: Sempre eu quis  
tomar um banho de ouro!  
Pegou a jarra e amarrou  
nos caibros lá do telhado.  
Ficou bem debaixo dela,  
bateu com um ferro pesado;  
a jarra se abriu em duas,  
foi merda pra todo lado!”

**CLARABELA:** O Camões de que falo  
era bem diferente! Mas, já que  
você ainda tem resistência a  
ponto de fazer espírito, vá  
também tenho paciência, caso  
possa! Vá enganando a fome  
por aí, que daqui a pouco a  
gente almoça!

(Simão entra na casa de Aderaldo.  
Entra Fedegoso, vestido de Vaqueiro.)

**FEDEGOSO:** Clarabela, meu pecado!  
Com mulheres de seu tope, meu  
estilo é agarrado, meu agarro é  
no aperto, meu aperto é  
apressado! Ai, dona!

**CLARABELA:** Calma! Mais devagar,  
Fedegoso! Espere, ao menos, que  
eu me disponha! Mas o que me  
agrada mais em você é mesmo  
a brutalidade! Fico toda

alvorçada! Acho a brutalidade  
uma coisa tão refinada! Você  
não acha?

**FEDEGOSO:** Sei lá! O que eu quero é  
você, seu Corpo, seu sangue, e  
até sua alma!

**CLARABELA:** Ah, como tudo isso é  
refinado, como é belo e  
delicado! Então você quer até  
minha alma, hein? Não se  
contenta mais com meu corpo,  
do qual já está inteiramente  
apossado! Quer também se  
apossar da alma!

**FEDEGOSO:** É verdade! Isso lhe parece  
incrível?

**CLARABELA:** Não, acredito! Mas você,  
querido, que ruma coisa  
impossível! Não existe a nossa  
alma! Isso que você chama de  
alma é uma região solitária e  
vazia! Ninguém pode se apossar  
dela: nem mesmo nós! Alma não  
compensa!

**FEDEGOSO:** É o que você pensa!

**CLARABELA** (rindo): Fedegoso, você é  
muito estranho! Aliás, é isso o que  
me fascina em você: essa  
estranheza, essa crueldade, essa  
grosseria, essa brutalidade! Tenho,  
às vezes, a impressão de que  
você é capaz de me assassinar!  
Será?

**FEDEGOSO:** Talvez!

**CLARABELA:** Ai, que coisa cheia de  
poesia! Você é capaz de me  
matar?

**FEDEGOSO:** Sou! No corpo e na alma,  
na alma que você diz que é  
vazia!

**CLARABELA:** Ah, como tudo isso é  
excitante e novo! É por isso que  
eu gosto do Povo: é tão primitivo,  
tão puro, tão naïfe, tão ingênuo!

**FEDEGOSO:** Que conversa de merda é

essa? O Povo é como todo mundo, o Povo é duro! Não tem nada de ingênuo nem de primitivo! Não tem porra nenhuma de puro! Quer fazer o favor de se calar?

**CLARABELA:** Ah, um reacionário popular! Um homem do povo patriarcal, medieval! Tão lindo! É maravilhoso! E, com toda essa grosseria, tão puro, tão formoso!

**FEDEGOSO:** Você é muito é safada e trastejeira! Tem muita conversa, mas não passa de uma cabra viciosa e traiçoeira!

**CLARABELA:** Viciosa? Como, se não há mais pecado? Meu raciocínio é claro e calculado: se não há Deus, não há pecado; se não há pecado, não há virtude! Se não há virtude, não há vícios reais e, se não há vícios, não existem mulheres viciosas! Mas enfim, dentro de seus padrões medievais... Agora, traiçoeira é que você não pode me chamar! Eu nunca traí você, traiçoeiro!

**FEDEGOSO:** Traiu, sim, grandessíssima safada! Você andou procurando outro Vaqueiro!

**CLARABELA:** Mentira!

**FEDEGOSO:** Mentira o quê, desgraça! Pensa que eu não soube? O que você não esperava, aconteceu: ele é Vaqueiro na mesma fazenda que eu e andou, por lá, se gabando de que recebeu um chamado seu! Ele é meu primo-irmão-irmão!

**CLARABELA:** É lindo, isso! Fedegoso com ciúme! Como ele fica transtornado! Fedegoso, não existe primo-irmão-irmão: existe primo-irmão, que é filho da tia! Primo-irmão-irmão é criação de

seu ciúme e sua fantasia!

**FEDEGOSO:** Ele se chama Quebrapedra: é meu primo-irmão-irmão, porque é resultado do cruzamento de meu Pai com minha Tia!

**CLARABELA:** Ai, um incesto! Que coisa pura! Ah, Fedegoso, que imaginação fogosa você tem!

**FEDEGOSO:** É só no fogo que me sinto bem! E vou logo avisando: Quebrapedra também! Ele disse que você tinha mandado chamá-lo!

**CLARABELA:** E se tivesse? Quer me dar ordens, é? Eu não lhe pago para receber ordens!

**FEDEGOSO:** Logo você estará recebendo as minhas, na Desordem!

**CLARABELA:** Resolvi lograr meu prazer quando, onde e com quem desejar! Tem alguma coisa contra isso?

**FEDEGOSO:** Eu? Nada! Quanto mais cedo você se condenar...

**CLARABELA:** Então, me dê um daqueles abraços grosseiros e quentes, que sempre me dão a impressão de que estou me queimando! Chegue! Estou esperando!

**VOZ DE QUEBRAPEDRA:** Clarabela!  
Clarabela!

(Entra Andreza, correndo.)

**ANDREZA:** Estamos perdidos! Seu Aderaldo vem aí!

**FEDEGOSO:** Oxente! E ele não sabe das suas safadezas?

**CLARABELA:** Sabe, mas não quer ver: é dos princípios morais dele! Eu posso fazer tudo, contanto que ele não veja! Disse que, vendo, fica desonrado e que me mata!

**FEDEGOSO:** Então é melhor tomar

uma providência! O cão é quem se confia em mansidão de corno!

**ANDREZA:** Entre aqui nesse baú!  
Tranque-se por dentro e fique calado! Não dê uma palavra enquanto não for chamado!

(Fedegoso entra na mala. Entra Quebrapedra.)

**QUEBRAPEDRA:** Onde anda Clarabela? Quero lhe beber o sangue, comer-lhe a carne, sugar sua seiva! Rá, rá, rá!

**CLARABELA:** Ah, e era você?

**ANDREZA:** Pensei que fosse Seu Aderaldo!

**CLARABELA:** De qualquer maneira foi bom que você tivesse avisado! Quem sabe o que não fariam esses dois abrutalhados se se encontrassem aqui, todos dois me disputando? Estou cercada de canibais, de antropófagos! Que coisa sensacional, hein, Andreza? Só lamento é o tempo que perdi com o Poeta! Rusticidade e grosseria é aqui, com esses danados! É o supremo refinamento!

**QUEBRAPEDRA:** Sim, mas eu é que não posso perder tempo! A senhora me chamou ou não?

**CLARABELA:** Fale baixo, por favor!

**QUEBRAPEDRA:** Seu marido está em casa?

**ANDREZA:** Não, mas a mala...

**CLARABELA:** Cale-se, diaba!

**ANDREZA:** Diaba?

**CLARABELA:** Um peste desses pode estar armado: minha vida se acaba, meu sangue corre e eles bebem! Clarabela morre! O amor popular tem suas vantagens, mas tem, também, suas desvantagens! Quebrapedra, venha cá! Estou ansiosa!

**QUEBRAPEDRA:** Você está é muito fogosa!

**CLARABELA:** Estou ansiosa por travar conhecimento com você! Será uma novidade! Nunca fui abraçada por um homem, assim, da vista furada! Deixe eu olhar seu olho cego, deixe! Será uma sensação nunca experimentada! Tenho a impressão de que aí, debaixo desse pano, você guarda algo grosseiro e vergonhoso que me deixa muito curiosa e excitada! Será que sai fogo, do seu olho? Espere! O que é que você tem? Será que eu lhe disse alguma coisa que não convém?

**QUEBRAPEDRA:** Nunca mais diga isso, desavergonhada! Eu mato você, sangrando, como quem sangra uma cachorra ruim! Faço assim, quer ver? Você quer ser sangrada?

(Puxa a faca de ponta, vai sangrá-la, mas de repente, como fascinado, abraça-a e beija-a.)

**CLARABELA:** Ai, que emoção inusitada! Estive a ponto de ser assassinada! (Entra Aderaldo, com um pacote na mão. Ao ver a cena, solta o pacote e puxa um revólver.)

**ADERALDO:** O que é isso, aqui?

**CLARABELA:** Ai, Aderaldo! Pelo amor de Deus! Não me mate!

**ANDREZA:** Calma, Seu Aderaldo! se sente! Dona Clarabela é inocente! Foi para evitar que esse Vaqueiro matasse o outro!

**ADERALDO:** O outro?

**ANDREZA** (ironicamente dramática): Sim! Eu estava aqui, conversando com Dona Clarabela, quando entrou um Vaqueiro correndo e gritando que outro Vaqueiro

queria matá-lo! Dona Clarabela, com o bom coração que tem, trancou o homem na mala! Aí, chegou este, na mesma hora! Perguntou pelo outro: a gente disse que não viu! Ele puxa o punhal! A gente se agarra a ele, pedindo que fosse embora! Nesse instante, o senhor chega, fica brabo, puxa essa arma terrível, e quer matar esta santa que, nisso tudo, só quis foi evitar um crime horrível!

**ADERALDO:** É verdade, isso?

**CLARABELA:** É! Tem que ser, porque, senão, estou desgraçada!

**ADERALDO** (severo, a Andreza): Abra esta mala!

(Andreza obedece. Fedegoso bota a cabeça de fora.)

**FEDEGOSO** (falando fino, também por ironia): O senhor me dá garantias de vida?

**ADERALDO:** Dou! Pode sair! Perdão, querida! Como foi que me enganei assim?

**CLARABELA** (ofendida): Ameaçar-me de morte! E, o que é pior, desconfiar de mim! Eu nunca desrespeitaria seus princípios morais, Aderaldo!

**ADERALDO:** Desculpe! Qualquer um pode cometer um engano!

**QUEBRAPEDRA:** E qualquer um pode sofrer um desengano!

**ADERALDO** (para Fedegoso): Pode sair, não tenha medo! Se ele tentar alguma coisa contra você, você corre para meu lado! Quanto a você, me dê o punhal! Está vendo? Não tenha medo! Agora ele está desarmado!

**FEDEGOSO:** Eu estou com medo é do senhor!

**ADERALDO:** Se é por isso, guardo

também meu revólver! Olhe, guardei! Não estou mais zangado!

**FEDEGOSO:** O senhor continua armado! É isso que me deixa com a alma perturbada!

**QUEBRAPEDRA:** Vou lhe dizer um segredo: não é do revólver que ele está com medo não, nem é sua mão que está armada! Ele está com medo é dos chifres e da pontada! Rá, rá, rá! Co-coró-cocó!

**FEDEGOSO** (como um bode): Bâ-â-â! Puf! Puf!

(Saem correndo e rindo, acompanhados por Andreza.)

**ADERALDO:** Que gente mais estranha! Cada dia a gente se convence mais desta verdade: as classes populares estão cada vez mais incapazes de compostura e de dignidade!

**CLARABELA:** É isso mesmo, Aderaldo! Mas, por falar em compostura, precisamos tomar cuidado com a nossa. Sua medidas de economia são salutares, mas, se continuam muito rigorosas, daqui a pouco ninguém nos respeita mais. Você não viu esses dois Vaqueiros? Eles vêm a gente levando o mesmo estalão de vida deles, e aí ficam nos julgando gente da sua laia!

**ADERALDO** (baixo): Catraia!

**CLARABELA:** Que foi que você disse?

**ADERALDO:** Nada! Mas é preciso economizar, para garantir nossa velhice!

**CLARABELA:** Uma certa representação nossa é indispensável ao respeito do povo. Por que, por exemplo, você não mantém, mais, um mordomo?



**ADERALDO:** Está louca! Como? Vai nos custar os olhos da cara!

**CLARABELA:** E se eu encontrasse um que ficasse só pela comida e pela roupa? Se for alguém que está morrendo de fome, e que, por isso, aceita tudo? Se for alguém cuja derrota representa sua vitória?

**ADERALDO:** Quem é essa jóia rara?

**CLARABELA:** Quando você souber, vai morrer de rir! É o Poeta que nem se dobra nem come! É Joaquim Simão! Retirou-se, e chegou hoje, aqui, com fome!

**ADERALDO:** E Nevinha? Veio com o desgraçado?

**CLARABELA:** Você, hein? Não! A mulher dele ficou, tarado!

**ADERALDO:** Não diga! Joaquim Simão humilhado! Pedindo emprego para trabalhar sob minhas ordens! Agora a situação está invertida: é minha vitória, e ele vai ser dela testemunha! Eu não trabalho, vivo como nobre, e ele é quem vai chiar na minha unha!

**CLARABELA:** Aí vem ele! Veja como vem vestido!

(Entra Simão, com roupa formal e antiquada, uma espécie de roupa de casamento de 1915, com paletó preto, calça tabica de listas pretas e cinzentas etc.)

**ADERALDO:** Muito bem, Joaquim Simão! Eu soube, por Clarabela, que você tinha chegado, e soube que, finalmente, você é meu empregado! Você sabe que eu, agora, já cheguei à perfeição de deixar de trabalhar? Já posso, agora, dizer: passei de burguês a nobre! De humilhado por você a orgulhoso diante de você! Que é que me diz?

**SIMÃO:** São as voltas da fortuna, Seu Aderaldo!

**ADERALDO:** Seu Aderaldo, não! Dom Aderaldo! É pra você me chamar Dom Aderaldo ou patrão! Faço questão desse nome! Você não é meu empregado?

**SIMÃO:** É verdade! Até de mestre-sala de bumba-meu-boi eu estou vestido!

**CLARABELA:** Que mestre-sala que nada, Simão! Que vulgaridade! É para dizer mordomo!

**ADERALDO:** Não, é mestre-sala, mesmo! Prefiro assim, é mais cômico! Estou gostando! O Poeta, o homem que não se curvava à nossa insignificância, vestido com essa roupa que assenta tão mal com ele, e obrigado ao que eu mandar para criar, em minha casa, meus rituais de importância!

**SIMÃO:** Quais são as minhas obrigações?

**ADERALDO:** Suas obrigações são o que eu mandar! Fale o menos possível! Praticamente você deve se limitar a responder ao que eu perguntar! Por enquanto, como é tempo de seca, seu trabalho principal vai ser despachar os mendigos que vêm me importunar!

**SIMÃO:** Chegou aqui, eu boto pra fora, é?

**ADERALDO:** Sim, mas com jeito, para não despertar antipatia contra mim! O fardo da antipatia é você quem vai carregar! Tenho feito sacrifícios, economias, mas já equilibrei a receita com um mínimo de despesas! Basta que eu lhe diga que, atualmente, eu não vou na casa de minha Mãe para ela não visitar a minha e

não desequilibrar meu orçamento com o aumento do feijão e da farinha! Está ouvindo como é, Simão? Você tem que me servir, senão fica malvisto! E, para bem me servir, lembre-se disto: eu, sou um homem que não dou esmola a ninguém, e não visito a casa da minha Mãe, para ela não visitar a minha! Então? Vai tomar o serviço a peito? Que acha de seu trabalho?

**SIMÃO:** Apaixonante! O senhor é um homem equilibrado e direito, por essas duas coisas, a gente vê logo!

**ADERALDO:** Bem, então fique aí e assuma suas funções! Veja lá, viu? Abra o olho com os mendigos! Até já, homem elegante!

(Sai, rindo, com Clarabela.)

**SIMÃO:** Está aí, um sujeito decente! Faz gosto trabalhar com ele! Não dá esmola a ninguém, e não visita a casa da Mãe, para ela não visitar a dele! Estou arranjado! E que fome, meu Deus!

(Nevinha aparece na porta.)

**NEVINHA:** Psiu!

**SIMÃO:** Cale a boca, mulher! Cuidado!

**NEVINHA:** Eu estou morrendo de fome, Simão! A boca chega secou!

**SIMÃO:** Se companhia consola, console-se que eu também estou! Lá, dentro da casa do homem, não tem é nada! Procurei por todo canto! Mas, meu Deus, que é que é que estou vendo? Repara o que está ali! É um pacote do patrão! O que será que tem dentro? Menino! É uma galinha assada e

um queijo-do-reino! Vê que beleza, Nevinha! Vamos esconder o queijo para comermos depois, numa hora de aperto! Isto! Pronto, viva! Agora, vamos comer a galinha!

**NEVINHA:** Cuidado! Lá vem Seu Aderaldo!

(Esconde-se. Simão, apressadamente, esconde a galinha, no mesmo lugar em que escondeu o queijo. Entra Aderaldo.)

**ADERALDO:** Mestre-Sala! Simão!

**SIMÃO:** Pronto, Dom Aderaldo! Pronto, patrão!

**ADERALDO:** Onde é que está o pacote que eu trouxe da rua?

**SIMÃO:** Um pacote? E o senhor veio com um pacote? Vi não!

**ADERALDO:** Não viu, o quê! Deve ter caído por aqui!

**SIMÃO:** Era dinheiro?

**ADERALDO:** Não, era uma galinha e um queijo-do-reino! Certamente caiu aqui quando eu briguei com os Vaqueiros!

**SIMÃO:** Não tinha nada aqui não! Pacote, se o senhor trouxe, entrou em casa com ele!

**ADERALDO:** É possível? Já procurei em todo canto, por lá!

**SIMÃO:** Entre e procure de novo, porque aqui não ficou não!

**VOZ DE MIGUEL (fora):** Ai! Ai, meu Deus!

**SIMÃO:** Danou-se, patrão! Que terá sido isso? Parece voz de mal-assombrado!

**ADERALDO:** Eu não tenho nada a ver com santo, nem com alma, nem com mal-assombrado! Não acredito em nada disso, nem gosto de empregado meu assombrado, medroso e compadecido! Agora, mesmo

que seja um mal-assombrado, se o que ele vem é trazer meu queijo, aí será bem recebido! Vá ver quem é, Mestre-Sala!

(Aparece Miguel, como mendigo, e com máscara de cego. Talvez seja conveniente usar apenas uma meia máscara, para não prejudicar a emissão da voz; e, se possível, é melhor que ele só coloque a máscara quando já estiver à vista do público, para que este logo o reconheça.)

**MIGUEL:** Ai, meu Deus! É possível que eu não ache, neste mundo, uma pessoa bondosa, uma pessoa que preste? Ai, minha Nossa Senhora! Me dê uma esmola, pelo amor de Deus e de todos os anjos e santos da corte celeste!

**SIMÃO:** Quem é você? Que é que há, meu velho?

**MIGUEL:** Sou um velho cego! Tenho um olho furado, estou no fim da vida, e peço uma esmola, pelo amor de Deus!

**SIMÃO:** Ai, Patrão! Patrão, pelo amor de Deus!

**ADERALDO:** Que é, Mestre-Sala? Achou meu pacote?

**SIMÃO:** Não!

**ADERALDO:** Então, não interessa! Você tem que se pautar por minha lei e minha escola!

**SIMÃO:** Mas Dom Aderaldo, é um velhinho, cego, que está pedindo uma esmola!

**ADERALDO:** Dou nada, oxente!

**SIMÃO:** Mas patrão, é a coisa mais horrível, mais triste deste mundo! Faça uma exceção na sua lei! Ele tem um olho furado!

**ADERALDO:** Oxente, e fui eu que furei? Diga a ele que não estou! Não, tem melhor: diga a ele que venha aqui para eu furar o outro

olho dele, que aí eu fico devendo alguma coisa a ele e dou! Mas assim, sem nada, não! Vai desequilibrar meu orçamento!

**SIMÃO:** Mas patrão, como é que eu vou dar um recado desse a um velho cego que pede esmola?

**ADERALDO:** Simão Mestre-Sala, seu serviço é esse! Vá se virando como puder, eu não tenho nada com isso! Vou, é atrás do meu pacote!

(Entra em casa.)

**SIMÃO:** Meu velho, não posso lhe dar esmola não, que vai desequilibrar o orçamento do patrão! Olhe, eu sou somente empregado: foi o patrão quem disse, não sou eu não! Eu só fiz foi trazer o recado!

**MIGUEL:** Como é?

**SIMÃO:** Foi ordem do meu patrão! Ele disse que só lhe dava esmola se estivesse ele quem furou seu olho. Foi ele quem disse, não sou eu não!

**MIGUEL:** Vá ver que foi você, mesmo, quem inventou, com preguiça de ir lá dentro perguntar se tinha esmola!

**SIMÃO:** Foi não, velhinho, foi ele! Eu ia lá inventar uma história dessa! Ele não dá esmola a ninguém e não visita a casa da Mãe que é para ela não visitar a dele! Só você vendo, pra saber que é aquela peça!

**MIGUEL:** Ah, é assim? Pois então esse peste vai perder quem ainda lutava por ele! O Diabo do inferno que persiga esse miserável, na comida, na bebida, no estudo, na dormida, de noite, de dia e no pino do meio-dia!

(Sai.)

**SIMÃO:** Patrão! Patrão!

**ADERALDO** (aparecendo à porta):

Que é, Simão?

**SIMÃO:** Ai, patrão, pelo amor de Deus!

O velho rogou-lhe a pior praga que eu já vi outro rogar a um cristão!

**ADERALDO:** E daí?

**SIMÃO:** Patrão, o senhor pergunta e daí? Olhe o castigo do Céu!

**ADERALDO:** O castigo do céu! Olhe a besteira dele! Eu pensei que era coisa de importância, que você tinha achado meu pacote!

**SIMÃO:** Patrão, o senhor não tem medo de castigo e de praga não?

**ADERALDO:** Simão, praga não pega em rico não, só pega em pobre, que é quem tem de pagar! E eu, já estando rico de novo, tenho dinheiro pra comprar a terra, o céu e o mar!

**SIMÃO:** Ave-Maria! Nossa Senhora! São Bento! São Simão Zelote!

**ADERALDO:** O que é? Estão aí, esses santos todos, é? Se estão, pergunte se ele viram meu pacote!

(Entra em casa.)

**SIMÃO:** Nevinha! Nevinha! Chega, mulher! Vamos comer galinha!

**NEVINHA** (aparecendo): Cadê seu Aderaldo, foi embora?

**SIMÃO:** Foi!

**NEVINHA:** Foi procurar o pacote, não foi?

**SIMÃO:** Foi, é nossa hora! Enquanto ele procura lá dentro, a gente come aqui fora! Tome lá!

**NEVINHA:** Ai!

(Esconde-se de novo. Entra Aderaldo, sem que Simão veja.)

**SIMÃO:** Está com medo? Come, Nevinha! Ai!

**ADERALDO:** Epa! Solte essa galinha!

Largue já o que é meu!

**SIMÃO:** Espere aí, Seu Aderaldo! Que história é essa? Vá pra lá, o negócio não é como o senhor está pensando não! Que é isso?

**ADERALDO:** Que é isso, o quê? Me dê minha galinha, ladrão!

**SIMÃO:** Que ladrão que nada, patrão! Essa galinha eu achei aqui, no chão!

**ADERALDO:** É do pacote que eu estava procurando! Me dê, é a última vez que lhe falo!

**SIMÃO:** Patrão, essa galinha é minha e dela eu não abro mão! Do jeito que anda a situação, galinha está tão caro que, no caminho em que se vai, daqui a uns tempos só quem vai poder comer galinha é o galão!

**ADERALDO:** Deixe de conversa! Cadê minha galinha? Esta é a galinha do meu pacote! Cadê ela?

**SIMÃO:** Sua galinha? Quem? Dona Clarabela?

**ADERALDO:** Não tente me atrapalhar! Cadê o queijo que estava com ela?

**SIMÃO:** Ah, isso eu não sei não! Aqui só tinha a galinha! Certamente seu pacote se desfez, aí, aos poucos, o senhor não pressentiu, o queijo caiu na rua e a galinha por aqui!

**ADERALDO:** Não! Deve ter sido quando eu puxei o revólver! O queijo deve estar por aí!

(Sai, procurando. Entra Simão Pedro, como velho mendigo, e de parecido com o de São Miguel. Bate palmas, no limiar.)

**SIMÃO PEDRO:** Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

**SIMÃO:** Para sempre seja louvado!

**ADERALDO:** E meu queijo seja

encontrado!

**SIMÃO:** Patrão, acabe com essas brincadeiras de heresia senão o senhor se estraga! Ai!

**SIMÃO PEDRO:** Uma esmola pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo!

**SIMÃO:** Ai, patrão, pelo amor de Deus! É o velho mais feio que eu já vi em minha vida! Em nome do Pai, do Filho, da Filha, da Mãe, da Raça toda!

**ADERALDO:** Vá ver o que é que ele quer, Simão!

**SIMÃO:** Meu velho, o que é que você quer? Ave-Maria, que cara! Em nome do Pai, do Filho, da Filha, da Mãe, da Prima, da Cunhada, da Raça toda!

**SIMÃO PEDRO:** O quê? Que casa é essa, em que se falta com o respeito às coisas de Deus?

**SIMÃO:** E eu faltei, lá, com o respeito às coisas de Deus?

**SIMÃO PEDRO:** Como foi que você disse, aí quando me viu?

**SIMÃO:** Eu disse "Em nome do Pai, do Filho, da Filha, da Mãe, da Prima, da Cunhada e da Raça toda!" O Pai, é Deus. O Filho, é Jesus Cristo. A Filha, é Nossa Senhora que, como nós todos, é filha de Deus. A Mãe é ela também que, como ela só, é mãe de Deus. A prima, é Santa Isabel. A cunhada é aquela Maria, casada com um primo-irmão de Jesus Cristo. E a Raça toda é a raça de Nosso Senhor, desde Abraão, Jacó e Davi até ele! Faltei com o respeito às coisas de Deus?

**SIMÃO PEDRO:** Não, xarapa! Faltou não!

**SIMÃO:** O que é que há, meu velho?

**SIMÃO PEDRO:** O que há, é que sou um velho sozinho no mundo, com

cinco filhos com fome e que faz três dias que não come! Me dê uma esmola pelo amor de Deus!

**SIMÃO:** Ai, patrão, pelo amor de Deus!

**ADERALDO:** Lá vem ele com a piedade dele! O que é, Simão?

**SIMÃO:** É um velho, sozinho no mundo, com cinco filhos com fome e que está pedindo esmola!

**ADERALDO:** Oxente, dou nada! Se ele tem cinco filhos, como é que está sozinho no mundo? Que mentira mais danada!

**SIMÃO:** Mas patrão, faz três dias que ele não come!

**ADERALDO:** Se é por isso, deixe disso! Ele não come porque não tem o que comer! Em muito pior situação estou eu, que não como tendo um queijo que ganhei com o suor do meu rosto e que perdi! Diga que não dou não! Não dou esmola a preguiçoso não!

**SIMÃO:** Meu velho, não pode ser não! Vá procurar, por aí, um lugar onde rachar lenha, que aqui não se dá esmola a preguiçoso desocupado não! Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

**SIMÃO PEDRO:** Ah, é assim o seu patrão? Pois então diga a ele que a situação dele está piorando cada vez mais! O Diabo do inferno que persiga esse miserável na comida, na bebida, no estudo, na dormida, de noite, de dia e no pino do meio-dia!

**SIMÃO:** Patrão, abra o olho! Olhe o fogo eterno! O velho disse que o Cão carregasse o senhor para o Inferno!

**ADERALDO:** E eu me incomodo, lá com isso! Você pensa que isso me abala? Eu acredito, lá, em

besteira, Simão Mestre-Sala? Eu sou um homem emancipado! Só acredito no que gosto e só gosto do que é meu! Eu sou um sujeito que, hoje em dia, só acredito que existe, mesmo, eu! Vocês vivem com uma besteira de Inferno e Céu! Olhe, Simão: da minha cabeça pra cima eu só acredito, mesmo, em chapéu! E olhe lá: do meu chapéu pra cima pra mim não existe nada, e, se existir, é podre! Entendeu como é a história, Simão?

**SIMÃO** (falando para o Céu): Foi ele quem disse, não fui eu não, viu? (Enquanto os dois falam, Simão Pedro acha o queijo e, dando mostras de satisfação, foge com ele.

Quebrapedra, Fedegoso e Andreza aparecem no limiar e dão alguns espirros e bodejados.)

**OS DIABOS:** Bé-é-é! Puf! Puf!  
(Desaparecem.)

**ADERALDO** (ouvindo, mas sem vê-los):  
Xô, bode! Onde é que está esse bode? Você ouviu o bode, Simão?

**SIMÃO:** Não ouvi nada, patrão!  
(Aparece Manuel Carpinteiro, também como mendigo e também com máscara, como os outros dois.)

**MANUEL CARPINTEIRO:** Ai! Um pobre velho com não sei quantos filhos pede uma esmola, pelo amor de Nossa Senhora! Faz três dias que eu não como!

**SIMÃO:** Ai, patrão, por Nossa Senhora! Desta vez, dê!

**ADERALDO:** Ah homem duma piedade mais sem jeito! Que é, Simão?

**SIMÃO:** É um velho que faz três dias que não come e tem não sei quantos filhos para dar de comer!

**ADERALDO:** Me diga uma coisa: eu sou o pai dos filhos dele? Diga a ele que me mostre a certidão, ou então um documento provando que eu dormi com a mulher dele, que aí eu dou!

**SIMÃO:** É, o senhor é um sujeito lógico e decente! Se não foi o senhor que pariu os meninos, não tem nada com isso, ele que sustente!

**ADERALDO:** Vá lá, bote esse velho pra fora e me afaste esses mendigos! Não já lhe disse que esse é meu desejo? Empreguei você foi pra isso e o que eu quero é o meu queijo! (Volta a procurar o queijo.)

**SIMÃO:** Olhe aqui, meu velho, não pode ser não! Aqui não se dá esmola a quem não trabalha não! Foi o patrão quem disse, não sou eu não! Ele disse que você arranjasse uma certidão, provando que ele tinha dormido com sua mulher, que aí ele tinha obrigação. Doutro jeito, não!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Está bem, ele mesmo é quem escolhe! Depois não se queixe quando as forças do Mal envenenarem as fontes de água pura de sua vida, e o Diabo venha pegá-lo, na comida, na bebida, no estudo, na dormida, de noite, de dia e no pino do meio-dia!

(Sai. Aderaldo dá um grito e desmaia.)

**SIMÃO:** Eita, que, com esta, deu a macaxeira na canela do patrão! Seu Aderaldo! É Simão! Acorde! Seja homem como sua mãe foi! Não acorda não! Vamos aproveitar, Nevinha! Já que o homem teve essa biloura, essa brancainha, vamos aproveitar e comer a galinha!

(Nevinha reaparece, mas Aderaldo geme e ela se coloca por trás. Simão, por gestos, manda que ela se mantenha à parte.)

**ADERALDO:** Mestre-Sala!

**SIMÃO:** Estou ouvindo não!

Chamando assim, eu não ouço não!

**ADERALDO:** Simão Mestre-Sala! Simão!

Joaquim Simão! Seu Joaquim Simão! Dom Joaquim Simão!

**SIMÃO:** Ah, assim, sim! Que é, Seu Aderaldo?

**ADERALDO:** Estou me sentindo mal! Estou ruim, Simão! Oi, Nevinha está aqui?

**SIMÃO:** Chegou agora mesmo, veio atrás de mim! Que foi que houve, para o senhor desmaiar assim? Foi a praga do velho?

**ADERALDO:** Foi nada, Simão! Foi que perdi um botão!

**SIMÃO:** De ouro?

**ADERALDO:** Não, de osso! Fui olhando o paletó, faltava o botão! Tive um choque tão grande que me deu aquela dor no peito e eu caí no chão! Simão, os bodes estão berrando!

(No limiar, os Diabos dão bodejos.)

**SIMÃO:** Não tem bode nenhum aqui não! Acho que é o senhor que ainda está meio zonzó!

**ADERALDO:** E cadê minha galinha?

**SIMÃO:** Sumiu-se, acho que aquele último velho levou a penosa com ele!

**ADERALDO:** O quê? Ladrão! Pega o ladrão! Minha raiva é tanta que até melhorou meu mal-estar! Vou à polícia, dar queixa, mas meu botão você é quem vai achar!

**SIMÃO:** Mas um botão, Seu Aderaldo? Onde foi que o senhor perdeu esse botão?

**ADERALDO:** Por aí, na rua, na praça... Sei não!

**SIMÃO:** E como é que eu vou encontrar?

**ADERALDO:** Você varre a rua e a praça, Simão, passa a terra na peneira e encontra meu botão!

**SIMÃO** (irônico): Ah, eu varro a rua toda, passo a terra na peneira e encontro seu botão... Me diga uma coisa, patrão: sua Mãe ainda é viva, não é?

**ADERALDO:** É!

**SIMÃO:** Pois mande ela procurar, viu? Eu não vou não!

**ADERALDO:** O quê? Você não vai não?

**SIMÃO:** Vou nada! Você precisa saber, meu velho, que aqui é Joaquim Simão, poeta macho até o osso, e que não sofre humilhação! Enchi, com essa do botão! Prefiro perder o emprego, aqui, na mesma hora! Me dê minhas contas, que eu quero é ir embora!

**ADERALDO:** Suas contas, atrevido? Não há dificuldade nenhuma! Sua conta já está calculada! Com quanto você chegou aqui?

**SIMÃO:** Com nada!

**ADERALDO:** E quanto tem agora?

**SIMÃO:** Nada!

**ADERALDO:** Pois quem de nada tira nada é nada! Eu não lhe devo coisa nenhuma! Puxe por ali! (Entram Quebrapedra, Fedegoso e Andreza, dando bodejos.)

**FEDEGOSO:** Chegou a hora das trevas, chegou a hora do sangue, do lodo e dos esqueletos!

**QUEBRAPEDRA:** É a hora do morcego, do sapo e do bode preto!

**ANDREZA:** É a hora do castigo para o servo do pecado, pro teto de sua

casa, pra telha do seu telhado.

**OS TRÊS:** É hora, seu desgraçado! É hora, Seu Catacão!

**SIMÃO:** Ai, Seu Aderaldo! Chame por Nossa Senhora e corra! Corra, que é o Cão!

(Corre, com Nevinha. Ouve-se sua voz, fora, repetindo as últimas palavras.)

**ADERALDO:** Olhe a besteira de Simão! “Corra, Seu Aderaldo! Corra, que é o Cão!” É o Cão nada, é um bode! Que Cão que nada! Não existe o Cão! Isso é coisa medieval e superada!

**FEDEGOSO** (aproximando-se deles aos poucos): Bê-ê-ê! Puf, puf!

**ADERALDO:** Xô, bode! Ai! Que é isso? Ô bode feio dos seiscentos diabos! Xô, bode!

**FEDEGOSO** (dando poupas e traques, como jumento ruim): Bâ-â-â! Puf, puf!

**ADERALDO:** Xô, bode!

**FEDEGOSO:** Xô bode? Xô bode, o quê? Você sabe quem sou eu, catिंगoso?

**ADERALDO:** Parece aquele Vaqueiro que passou por aqui! Você não é o Vaqueiro? Você não é Fedegoso?

**FEDEGOSO:** Fui eu que, disfarçado de Frade, roubei aqui, seu dinheiro que você pensava que era eterno! Fui também o vaqueiro Fedegoso! Mas sou, mesmo, é um Diabo do inferno, o Diabo em que você não acreditava e que veio agora buscar você!

**ADERALDO:** Eu...

**FEDEGOSO:** Calado aí, viu? Não se admire não! Seu nome estava anotado em meu caderno! Aqui, eu me chamava Fedegoso, mas eu sou é o Cão Coxo, um dos secretários do Cão Chefe do

Inferno! Bâ-â-â! Puf, puf!

**ADERALDO:** Mas é que eu...

**FEDEGOSO:** Calado, aí! Calado!

**ADERALDO:** Estou calado, não falo mais não!

**ANDREZA:** Chegou a hora da Porca que amamenta seus Morcegos com leite da Sapa podre! É a hora desgraçada da infâmia e da desordem, do fogo que queima o sangue, da demência alucinada!

**ADERALDO:** Andreza!

**ANDREZA:** Andreza? Andreza, o quê? Está falando com a Cancachorra, a Diaba de leite preto do sangue e da confusão, que aleita um Bode e um Macaco no Lugar da Solidão!

**ADERALDO:** Mas vocês não viviam comigo, andando e conversando por aqui, na maior animação?

**QUEBRAPEDRA:** Vivíamos! E daí? Está lembrando de mim? Sou o calunga de caminhão, mas falando a sério, mesmo, você está, agora, é com o Cão Caolho! Este mundo é assim: tem a cara que todo mundo vê e outra diferente! É porta do Sagrado luminoso e porta do sagrado que é demente! E assim também é o homem, estrada doida e pouso da viagem, por onde passam Anjos e Demônios, sem que ele se dê conta da passagem! Você não se lembra do velho do olho furado que passou por aqui, pedindo esmola, e a quem você enxotou?

**ADERALDO:** Me lembro!

**QUEBRAPEDRA:** Pois aquilo era São Miguel!

**ADERALDO:** Meu santo Céu!

**QUEBRAPEDRA:** Você não se lembra



daquele outro que tinha cinco filhos e dizia que vivia sozinho?

**ADERALDO:** Me lembro!

**QUEBRAPEDRA:** Pois aquilo era São Pedro!

**ADERALDO:** Ai, que medo!

**QUEBRAPEDRA:** Você não se lembra do último que passou, que dizia que tinha não sei quantos filhos e a quem até um pão você negou?

**ADERALDO:** Me lembro!

**QUEBRAPEDRA:** Pois aquilo era Aquele, filho daquele Outro que, junto com Ele e com o outro, fazem Um e fizeram o mundo!

**ADERALDO:** Como é? Era Aquele, filho do Outro...

**ANDREZA:** O Pai!

**ADERALDO:** Que junto com Ele...

**FEDEGOSO:** O Filho!

**ADERALDO:** E com Outro... O Espírito Santo... fizeram o mundo... Era Jesus Cristo, então?

**QUEBRAPEDRA:** Foi você quem disse, nós não! Nós não dizemos esse nome!

**FEDEGOSO:** Como chefe desta patrulha do Inferno, vim avisá-lo: você e sua mulher, Clarabela, só tem sete horas de vida! Dentro de sete horas, venho buscar você e ela! Se, daqui até lá, você achar quem reze, por vocês dois, um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, apesar de todos os nossos feitiços e vocês escapam, por causa de encantos da Comunhão dos Santos! Se não acharem, vão para a infâmia da solidão, do sofrimento no fogo eterno e amaldiçoado!

**ADERALDO:** Estou atolado! Clarabela! Clarabela!

(Entra em casa, correndo. Entram

Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo e Simão Pedro.)

**MANUEL CARPINTEIRO:** Temos que fazer aqui uma pequena conversa, o que o cavalheiro há de compreender, porque ela se destina a enrolar o público enquanto as sete horas passam. Que fim o cavalheiro sugere? Deixo o Rico ir para o inferno?

**SIMÃO PEDRO:** Ir, mesmo, ele devia era para o fogo eterno! Mas, como afinal de contas, a história está sendo contada por Simão, é melhor que ele não se meta a julgar ninguém, mesmo num caso como esse, de mistura de avareza e safadeza, capitalismo e ateísmo!

**MIGUEL:** Não vamos, então, julgar! O Poeta limita-se a mostrar e é melhor não tirar o ineditismo!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Está bem. E por falar em tirar, São Pedro, onde foi que você arranjou esse queijo?

**SIMÃO PEDRO:** Esse queijo estava ali, atrás de uma pedra. Eu estava andando por aqui e encontrei. Para lhe ser franco, Senhor, ele é do rico. Mas eu estava com uma fome da gota-serena: achei o queijo aqui, levei!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Mas rapaz, isso estará certo?

**SIMÃO PEDRO:** Acho que está! Seu Aderaldo é rico. Eu, agora, aqui no mundo, valho um pobre igual aos outros. Estou com fome, achei o queijo, acho que posso ficar! São Tomás de Aquino diz, em algum lugar, que até à revolução os homens tem direito, desde que ocorram três coisas: possibilidade de vitória, tirania insuportável e impossibilidade de conseguir o

direito legítimo pelos meios legais.  
Que é que o senhor quer mais?

**MANUEL CARPINTEIRO:** Você e São Tomás, todos dois já passaram pela morte! Estão, todos dois, no Céu! Mas, então, já que a teoria é essa, reparta o queijo comigo e com Miguel!

**SIMÃO PEDRO:** Nosso Senhor, eu vou lhe ser franco: com a fome com que estou, é tudo ou nada! Prefiro apostar na sorte!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Então vamos fazer o seguinte: enquanto a história do Rico e do Poeta continua, a gente vai ali dormir um sono e sonhar! Quem tiver o sonho mais bonito fica com o queijo todo, está bem?

**SIMÃO PEDRO:** Está!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Então vamos. Quanto a vocês, faz de conta que só faltam dez minutos pra passar as sete horas. Lá vem os réus, com os Diabos!

(Saem. Entram Aderaldo e Clarabela.)

**ADERALDO:** Sabe que o negócio, para o nosso lado, está arruinando? Não achei ninguém para rezar e o prazo está se esgotando!

**CLARABELA:** Já sei uma solução: eu rezo por você e você reza por mim!

**ADERALDO:** O Cão disse que só serve outra pessoa!

**CLARABELA:** Minha Nossa Senhora! Quem quer rezar, aí, um Pai-Nosso e uma Ave-Maria por nós dois? Deus meu! Em último caso, rezem por mim e deixem Aderaldo, que sempre foi pior do que eu!

**ADERALDO:** Você é besta, Clarabela? Quem reza por mim? Vejam que o dono do dinheiro sou eu! Dou dez contos por um Pai-Nosso e

cinco por uma Ave-Maria! Ninguém quer? Vinte e quinze! Rapaz! Cem e cinqüenta! Danou-se! O negócio está arruinando cada vez mais!

**CLARABELA:** Mas será que essa história do Demônio é verdade, mesmo, Aderaldo? Será verdade, mesmo, essa história de Deus e demônio, de bem e de mal? Que coisa mais anacrônica! Que filosofia mais medieval!

**ADERALDO:** Anacrônica, é? Medieval, é? Pois olhe aí pra trás de você que você vai ver!

(Os três Diabos estão por trás dela, silenciosos.)

**CLARABELA:** Ai!

**FEDEGOSO:** As sete horas se passaram, vocês estão desgraçados! Bã-ã-ã! Puf, puf!

**ADERALDO:** Ai! Pra todo lado que me viro tem um urubu de Morcego me olhando!

**ANDREZA:** A mulher, quem leva sou eu! Vai pelos cabelos! Leva! Caça!

**FEDEGOSO:** Torra! Queima! Assa!

**ADERALDO:** Eu já vi que vou mesmo! Ai!

**CLARABELA** (indo): Aderaldo, me acuda! Ai!

**ADERALDO:** Me acuda, uma peida! Eu estou indo com você! Minha gente, adeus! Dê lembranças aos comunistas, aos reacionários, aos entreguistas, aos que não querem a grandeza nacional nem a justiça social! Diga que eu estou esperando por todos eles no Poço do Pau-com-Pau que é o terceiro círculo de fogo do Caldeirão infernal!

(Saem, carregados pelos Demônios. Aparecem Simão e Nevinha.)

**SIMÃO:** Seu Aderaldo! Dona Clarabela! Oxente! Onde é que está esse povo? Ninguém dá um pio! Estou achando o lugar tão soturno!

**NEVINHA:** Eu também! Aconteceu alguma coisa aqui! Chega estou sentindo um arrepio!

(Aparece Fedegoso, dando bodejos.)

**SIMÃO:** Ai, que a cabrita preta voltou!

**FEDEGOSO:** Bã-ã-ã! Puf, puf!

**SIMÃO:** Vá pra lá, viu, desgraçado? O negócio, comigo, é diferente! Cadê Seu Aderaldo?

**FEDEGOSO:** Esse já está lascado! Está sendo levado agora mesmo, com Clarabela, para o Poço do Pau-com-Pau, o lugar mais fedorento do Inferno! E você vai também, porque foi amante dela!

**SIMÃO:** Eu fui, mas me arrependi!

**FEDEGOSO:** Mas vai! Vai na mesma carrada!

**SIMÃO:** Vou nada!

**FEDEGOSO:** Vai, e sua mulher vai também!

**SIMÃO:** Agora é que eu sei que não vou mesmo! Eu, inda podia ser, mas Nevinha? Nevinha é gente fina, não pode ir de jeito nenhum! Se Nevinha for pro Inferno, é da vez que o Inferno cai!

**FEDEGOSO** (tentando agarrá-lo): É? Então você vai!

**NEVINHA:** Simão!

**SIMÃO:** Espere lá, rapaz! Vai pra lá! Vai pra lá, que o negócio comigo é diferente! Sabe quem sou eu? Aqui é o poeta Joaquim Simão! Minha lei é: "Escreveu, não leu, o cacete comeu!"

**FEDEGOSO** (dando-lhe um bote): Você vai comigo e é já! Bã-ã-ã! Puf, puf!

**NEVINHA:** Cuidado, Simão!

**SIMÃO:** Não tenha medo não, Nevinha, que, comigo, é na bolacha! Tome! Isso é a passagem do ônibus, viu? Agora, tome o troco!

(Dá-lhe duas bolachas, com as duas mãos fechadas, no alto da cabeça. Entra Quebrapedra.)

**QUEBRAPEDRA:** Bê-ê-ê! Puf, puf!

**SIMÃO:** Ôi, vem outro, é? Não disseram que estavam carregando Seu Aderaldo?

**QUEBRAPEDRA:** Seu Aderaldo ficou, amarrado com a mulher, os dois vigiados pela Cancachorra, já bem perto do Inferno, e eu vim para ajudar! Bã-ã-ã! Puf, puf!

**SIMÃO:** Vá pra lá! Vá peidar pra lá! Não venha não, que você se estraga! Dou-lhe uma chapuletada tão da gota que você se caga! Eita, parece que eles estão me agarrando? Valei-me São Pedro, meu padroeiro!

(Entra Simão Pedro.)

**SIMÃO PEDRO** (no ritmo da embolada): Xarapa velho, me sustente essa parada com essa gente desgraçada que eu cheguei para ajudar! Brigue de lá que eu, de cá, na confusão, é Simão e outro Simão, e o Diabo vai se lascar!

**NEVINHA:** Simão, vá agüentando o repuxo aí, que aqui chegou um homem com vontade de ajudar!

**FEDEGOSO:** Vá em cima daquele, Cão Caolho! Eu levo Simão!

(Quebrapedra se agarra com São Pedro.)

**SIMÃO PEDRO:** Eu não vou não!

**SIMÃO:** Nem eu! Vai pra lá! Danou-se! Parece que eu estou indo? Sabe que eu não vou, mesmo?

**NEVINHA:** Ai, meu Deus! Simão!

**SIMÃO:** Os pestes estão me carregando! Desarreda, viu? Ai, que o negócio está se apertando!

**SIMÃO PEDRO:** Pro lado de cá também! Desarreda, viu, Seu Cão? Desarreda, que eu não vou! Desarreda, que eu não vou! E desarreda, que eu não vou! Parece que eu estou indo? São Miguel!

(Toca uma corneta e entra Miguel, com espada e lança.)

**MIGUEL:** Desaba, canalha! Acaba essa confusão! Desarreda tudo quanto é de Diabo, aí, que este aqui é São Miguel e esse aí, é o Príncipe dos Apóstolos, o Chaveiro do Céu! Acaba com confusão, que o outro é o protegido dele, o poeta Joaquim Simão! Aqui estou, com minhas legiões, meus mensageiros de fogo, meus pássaros de Sol, meus Gaviões, meus Anjos, meus Arcanjos, meus Serafins e Querubins, meus Tronos, Potestades e Dominações!

**FEDEGOSO:** Ai! Corre, que é São Miguel!

**MIGUEL:** Corre, canalha! Carga! Carga de cavalaria nessa canalha! São Jorge, cerque por lá, que eu garanto a retaguarda pelo lado de cá! (Sai correndo, atrás dos demônios. Um estouro. As luzes se apagam e depois acendem.)

**SIMÃO PEDRO:** O negócio estava preto, xarapa, mas São Miguel entrou de chapa! A especialidade dele é essa: é cada pisa no Diabo que o Diabo fica empenado! Agora, estou

com pena é desses dois desgraçados, Dona Clarabela e Seu Aderaldo! Serem carregados para o Inferno por falta de um Pai-Nosso e de uma Ave-Maria! É danado!

**SIMÃO:** É mesmo! Coitado de Seu Aderaldo! Tão ordinário e ser condenado assim! Mas será que eles foram, mesmo?

**SIMÃO PEDRO:** Estão sendo! Andaram fazendo, aqui, aquelas besteiras, o Cão pôde chegar perto deles e deu um prazo. Dona Clarabela e Seu Aderaldo não encontraram quem rezasse por eles, e foram condenados!

**NEVINHA:** Mas será que o prazo já está, mesmo, esgotado?

**SIMÃO PEDRO:** Não sei! Que horas são?

**NEVINHA** (olhando um relógio): Tantas horas.

(Diz a hora verdadeira.)

**SIMÃO PEDRO:** Ainda faltam dois minutos!

**NEVINHA:** Vamos rezar, Simão!

**SIMÃO:** Não dá tempo não!

**SIMÃO PEDRO:** Aí é que eu quero ver! Se vocês estiverem treinados, mesmo, dá tempo!

**NEVINHA:** Corre, Simão! Tira, que eu entro!

**SIMÃO:** Ai, meu Deus, já estou atrapalhado. Qual é o Pai-Nosso? É aquele que fala em Pilatos?

**NEVINHA:** Não, aquele é o Credo! Vai, Simão!

**SIMÃO:** Ah, já lembrei! Pai nosso etc.

**NEVINHA:** O pão nosso etc.

**SIMÃO:** Ave Maria etc.

**NEVINHA:** Santa Maria etc.

**SIMÃO PEDRO** (cronometrando): Puxa! Dois minutos! Em cima da bucha! (Um estouro. As luzes se apagam e

acendem. Entram Manuel Carpinteiro e Miguel.)

**MANUEL CARPINTEIRO:** Pronto! Olhem, provavelmente o caso de Aderaldo e Clarabela era de inferno, mesmo. Como eu não sou o Cristo, como apenas o represento, acho que posso dizer assim: o caso daqueles dois não era nem de fundo de agulha; acho que eles não passavam era nem pelo fundo do camelo! Mas, como eu não quero levar o Poeta a julgar, vamos supor que os dois em vez de entrarem no Inferno, em cuja porta já se encontravam, caíram no Purgatório onde já se instalaram. Vão levar trezentos anos de tapa e mais cinqüenta de beliscão, queimaduras e puxavantes de cabelo, mas escaparam. E vocês, Simão?

**SIMÃO:** Nós? Eu e Nevinha vamos seguir viagem por aí! Adeus, velha casa! Que teríamos nós ainda a fazer aqui?

**MANUEL CARPINTEIRO:** E sua vida, Poeta? De que vai viver? Como vai ser seu trabalho? Seu sustento?

**SIMÃO:** Ora, o senhor inda pergunta? Carregar carga é pra jumento! O que eu vou fazer é escrever três folhetos arretados, três folhetos chamados "O Peru do Cão Coxo", "A Cabra do Cão Caolho" e "O Rico Avarento". Vendo tudo e é da vez que fico rico! Rico e desocupado, vivendo só de escrever, de tocar e de cantar! Quanto ao mais, meu programa é o velho programa sonhado: "Ô mulher, traz meu lençol, que eu estou no

banco, deitado!"

(Sai, com Nevinha, os dois abraçados.)

**MANUEL CARPINTEIRO:** Muito bem! Siga em paz o Poeta com sua Amada! Sirvam Deus e à Igreja, guardem amor, fidelidade, se querendo sempre muito bem, gozando gerações e gerações de paz entre seus amigos e descendentes, coisa que desejo a todos os que prestem, agora e para todo o sempre!

**SIMÃO PEDRO e MIGUEL:** Amém!

**MIGUEL:** Eu notei que o Poeta saiu sem se espantar com nós todos e com tudo o que aqui viu!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Eu passei uma nuvem nos olhos dele e também nos da mulher, para que os dois se esquecessem de todas as coisas escondidas e sagradas, divinas e diabólicas que viram hoje, aqui! Gostou?

**MIGUEL:** Gostei! Então, nosso trabalho terminou! Você quase se desgraça, hein, São Pedro?

**SIMÃO PEDRO:** Quem, eu? Está doido! A briga estava ganha!

**MIGUEL:** Está conversando, homem! Você quase que apanha! Se eu não entro...

**SIMÃO PEDRO:** Mas é danado! Fiquei com a gota porque você se meteu! O Cão já estava de se matar de chapéu! Mas, enfim, tudo terminou! Até mais tarde, Nosso Senhor! A gente se encontra já, no Céu!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Espere!

**SIMÃO PEDRO:** Que é?

**MANUEL CARPINTEIRO:** E o queijo?

**SIMÃO PEDRO:** Ai, é mesmo! Que esquecimento, esse meu! Vamos ver os sonhos: Nosso Senhor, com que sonhou?

**MANUEL CARPINTEIRO:** Eu sonhei com toda a Corte celeste: o santo e claro Nume resplendendo no meio, as multidões de Santos, os Anjos, por ali, a bendizê-las, e todos - Anjos e Santos - adorando o claro Amor que move o Sol e as estrelas!

**SIMÃO PEDRO** (aplaudindo): Bonito! E São Miguel?

**MIGUEL:** Eu, sonhei com as cortes infernais! Com Satanás, o Arcanjo decaído, luciferino, turvo e reluzente, molhado e perseguido das estrelas, sendo precipitado eternamente no abismo desgraçado e alucinante, e ali guardado, insone e sem remédio, por uma legião de fogo e bronze e por um Sol de trevas chamejantes!

**SIMÃO PEDRO** (aplaudindo): Bonito!

**MANUEL CARPINTEIRO:** E você, São Pedro? Com quem sonhou?

**SIMÃO PEDRO:** Eu sonhei que, enquanto Nosso Senhor estava no Céu, olhando a Luz celeste glorificada, e Miguel chefiando, como sempre, a legião dos Arcanjos rutilantes, para restaurar a ordem destrocada, eu, pescador ignorante, homem sem grandes sonhos e desejos, ficava envergonhado de dar a duas pessoas tão notáveis um objeto tão grosseiro como um queijo! Então, sonâmbulo, como sempre fui, acho que me levantei, porque quando acordei, tinha comido o queijo: só estas cascas encontrei!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Foi, de fato, o melhor sonho! Eu só escolho certo: quando escolhi este para Príncipe dos Apóstolos e Chefe

da Igreja, foi porque sabia que o cabra era esperto! Vamos, então, à moralidade!

**MIGUEL:** Os distintos cavalheiros e senhoras tiveram moralidade, religião, teatro, diversão, aqui e ali um pouco de pavor, aqui e ali um pouco de alegria! Este é o produto que venho tentando passar em benefício da nossa distinta freguesia!

**SIMÃO PEDRO:** Agora perguntarão: "Quanto temos de pagar por esse pedaço de alegria?"

**MANUEL CARPINTEIRO:** É o que eu vou dizer, lembrando que, enquanto nossos concorrentes cobram por um produto que, modéstia à parte, é inferior ao nosso, a importância de vinte cruzeiros... (Aqui, o ator acrescenta algum dinheiro ao preço da entrada.) ...nós estamos cobrando por este produto especial, o melhor da praça, a módica importância de quinze cruzeiros! É de graça, cavalheiros, é de graça!

**SIMÃO PEDRO:** Há um ócio criador, há outro ócio danado, há uma preguiça com asas, outra com chifres e rabo!

**MIGUEL:** Há uma preguiça de Deus, e outra preguiça do Diabo!

**MANUEL CARPINTEIRO:** E então, a moral é essa, que mostramos à porfia!

**SIMÃO PEDRO:** Viva a preguiça de Deus que criou a harmonia, que criou o mundo e a vida, que criou tudo o que cria!

**MANUEL CARPINTEIRO:** Viva o ócio dos Poetas que tece a beleza e fia!

**MIGUEL:** Viva o Povo brasileiro, sua fé, sua poesia, sua altivez na

pobreza, fonte de força e Poesia!  
Viva Deus, viva seu Filho...  
**MANUEL CARPINTEIRO:** E viva a Virgem

Maria!  
**OS TRÊS:** Mãe de Deus e nossa Mãe,  
mãe do sonho e da alegria!

**FIM**

Recife, 18 de novembro de 1960.

Obs.: A Farsa da Boa Preguiça, foi montada pela primeira vez no dia 24 de janeiro de 1961, no Teatro Popular do Nordeste, sob direção de Heimilio Borba Filho, com cenários e roupagens de Francisco Brennand, e sendo os papéis desempenhados pelos seguintes atores:

Carlos Reis	Manuel Carpinteiro
Ubirajara Galvão	Miguel Arcanjo
Germano Haiut	Simão Pedro
José Pimentel	Aderaldo Catação
Jacqueline Marie	Andreza, a Cancachorra
Ida Korossy	Nevinha Paulo Ribeiro
Joaquim	Simão
Leda Alves	Dona Clarabela
Clênio Wanderley	Fedegoso, o Cão Coxo
Leonel Albuquerque	Quebrapedra, o Cão Caolho.

# AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto da capital como do interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: ( 011 ) 229-9011.

---

## CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações

Nome da escola ou instituição: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Nome do diretor ou responsável: \_\_\_\_\_

Número de alunos ou sócios: \_\_\_\_\_

Idades: de \_\_\_ a \_\_\_ anos

Já realizou espetáculo teatral? \_\_\_\_\_

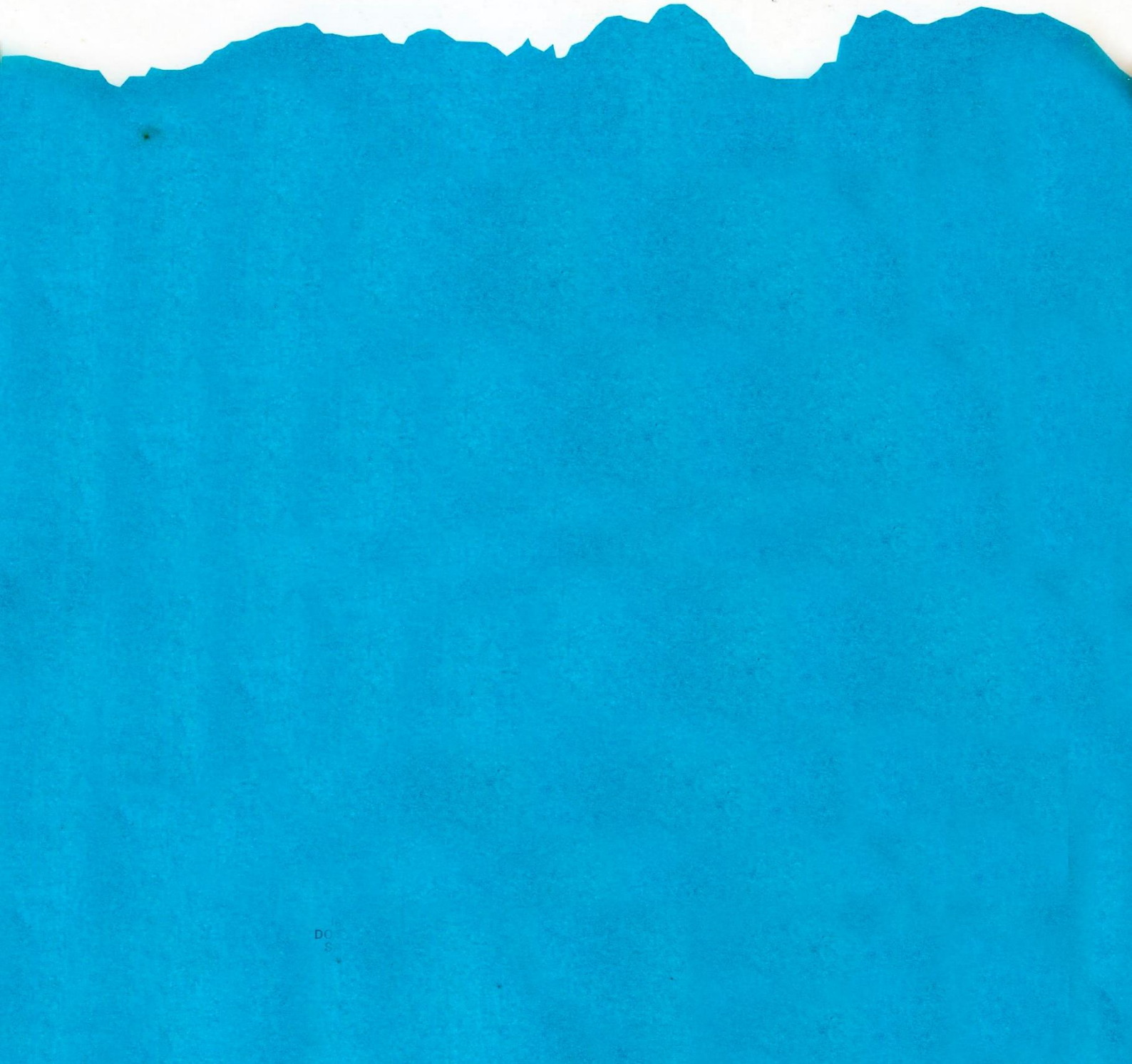
Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? \_\_\_\_\_

---

**Endereço: Secretaria de Estado da Cultura  
Revista Teatro da Juventude  
Rua da Consolação, 2333, 9º andar  
Cep.: 01301-100 - São Paulo - SP**







DO  
S

IMP



IMPRESA OFICIAL  
DO ESTADO S. A. IMESP  
SAO PAULO - BRASIL  
1996